

Projeto Material Didático Público

ELOGIO DO APRENDIZADO

Aprenda o mais simples! Para aqueles
Cuja a hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas
Aprenda! Não desanime!
Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquirir conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer
O que não sabe por conta própria
Não sabe.
Verifique a conta
É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: o que é isso?
Você tem que assumir o comando.

(Bertolt Brecht)

Edição 2021
NÚCLEO PRÁXIS-USP

Índice das Matérias

I - Português/Gramática
II - Português/Literatura
III - Redação
IV - História
V - Geografia
VI - Matemática
VII - Física
VIII - Química
IX - Biologia
X - Inglês
Extra - Impulso Inicial

Apostila

“Educando para a construção de uma nova sociedade
em que os seres humanos possam ser livres”



**CURSINHO
POPULAR**
dos estudantes da

USP

**Projeto Político-Pedagógico da
Associação Cultural de
Educadores e Pesquisadores
da Universidade de São Paulo**

ACEPUSP

ASSOCIAÇÃO CULTURAL de EDUCADORES e PESQUISADORES da USP
*
NÚCLEO PRÁXIS de PESQUISA, EDUCAÇÃO POPULAR e POLÍTICA da USP

Projeto Político-Pedagógico de Educação Popular / Edição Digital

“ MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO ”

Esta obra foi escrita coletivamente por professores e estudantes universitários, trabalhadores e militantes pela democratização do ensino que entre 2002 e 2008 construíram o CURSINHO POPULAR DOS ESTUDANTES DA USP: projeto de educação popular da ACEPUSP, entidade oriunda do movimento estudantil uspiano da década de 1990. Dentre seus autores, alguns foram antes membros do CURSINHO DO CRUSP, agremiação em meio à qual se começou a conceber o plano deste material, nos últimos anos do século XX. A presente edição digital foi organizada, revista e atualizada em 2021 pelos pesquisadores e educadores do NÚCLEO PRÁXIS-USP – coletivo político-acadêmico que em parte se originou da militância acepuspiana.

Agradecemos o APOIO das seguintes entidades que de variadas formas, mediante parcerias e auxílios econômicos diretos ou infraestruturais, ajudaram a compor este projeto: SINTUSP, AMORCRUSP, ADUSP, DCE-Livre da USP, ASIB/Inst. Butantã, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, APEOESP, APROPUC, SINPRO-SP, Partido dos Trabalhadores/DZ-Butantã, Programa Diversidade na Universidade/MEC-UNESCO, Fórum Nacional de Cursinhos Pré-Universitários Populares, Instituto Cultura Latina, Inst. Desenvolv. Tradições Indígenas, Depto. História-USP, Depto. Geografia-USP, Depto. Filosofia-USP, Deptos. de Letras-USP, Deptos. de Ciências Sociais-USP, Inst. Física-USP, Depto. Jornalismo-USP, Depto. Artes Plásticas-USP, Fac. Educação-USP, Inst. Matemática e Estat.-USP, Fac. Arquitetura e Urban.-USP, Inst. Oceanografia-USP, Inst. Biociências-USP, Jornal A Palavra Latina, Jornal Brasil de Fato, Jornal do Campus-USP, Rádio Livre da USP “106.X”, Escola Mun. E. F. Amorim Lima-SP, Paróquia Sagrado Coração de Jesus/Pq. Continental-SP, Espaço Cultural O Jardim Elétrico, Espaço Cult. COHAB-Raposo Tavares, e os Centros Acadêmicos de Filosofia, História, Geografia, Letras, C. Sociais, Física, Matemática, Comunicação e Artes, Pedagogia, Engenharia Civil, Arquitetura, Psicologia, Biologia, Bioquímica, Oceanografia, Química, Astronomia e Geologia da USP, e de C. Sociais e Economia da PUC-SP, dentre outros colaboradores.

**É ESTRITAMENTE PROIBIDA A COMERCIALIZAÇÃO DESTES
CONJUNTO DE APOSTILAS PRÉ-UNIVERSITÁRIAS:
MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO E GRATUITO!**

*

TRABALHO POLÍTICO-PEDAGÓGICO SEM FINS LUCRATIVOS DESENVOLVIDO PARA USO NA EDUCAÇÃO POPULAR PRÉ-UNIVERSITÁRIA – CONCEITO QUE TRANSCENDE O DE PRÉ-VESTIBULAR, EM DEFESA DA UNIVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E DO FIM DA EXCLUSÃO VESTIBULAR!

*

OS EDITORES SOLICITAM QUE LHESEJAM COMUNICADOS QUAISQUER EQUÍVOCOS E IMPRECISSÕES DESTES MATERIAL DIDÁTICO, OU PROBLEMAS COM EVENTUAL UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES CUJA FONTE NÃO TENHA SIDO REFERENCIADA OU QUE ESTEJAM EM DESACORDO COM ALGUM DIREITO.

[CONTATO: nucleopraxis.usp.br@gmail.com]

*

PARTES DESTA OBRA PODEM SER REPRODUZIDAS, DESDE QUE CITADA A FONTE:

ACEPUSP; NÚCLEO PRÁXIS-USP (autoria coletiva). Material Didático Público: apostilas pré-universitárias do Cursinho Popular dos Estudantes da USP [10 volumes e tomo introdutório]. São Paulo: Edições Núcleo Práxis-USP (Biblioteca Popular), 2021 [baseada na 2ª edição impressa, de 2008, em 4 volumes e introdução/ atualizada e revisada em 2021]. Disponível em: <https://nucleopraxisusp.org> .

PROJETO “MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO”

AUTORES / ACEPUSP*

* LISTA DOS PRINCIPAIS COAUTORES, MILITANTES DA EDUCAÇÃO POPULAR, MEMBROS E PARCEIROS DA ACEPUSP QUE – ENTRE OUTROS COLABORADORES – CONCEBERAM, COORDENARAM, ESCREVERAM, REVISARAM E PRODUZIRAM COLETIVAMENTE ESTA OBRA EM SUA 1ª EDIÇÃO (2002/2003) E 2ª EDIÇÃO (2007/2008).

PROFESSORES MEMBROS DA COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

ADALBERTO TADEU (GEOGRAFIA-FFLCH-USP)
ALEXANDRE RIBEIRO LEICHSENRING (INST. MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA-USP)
CASSIANO REINERT NOVAIS DOS SANTOS (FAC. ECONOMIA E ADM.-USP/ INST. MATEMÁTICA E EST.-USP)
CESAR ANTONIO ALVES CORDARO (FAC. DIREITO-USP/ SIND. ADVOGADOS-SP)
EMERSON RIOS VIANA (CIÊNCIAS SOCIAIS-FFLCH-USP)
FERENC DINIZ KISS (INST. FÍSICA-USP)
GERALDINHO JOSÉ DA CUNHA (SINTUSP)
IGOR MARTINS FONTES LEICHSENRING (HISTÓRIA-FFLCH-USP)
IVAN MARTINS FONTES LEICHSENRING (LETRAS-FFLCH-USP)
MARIANA VIEIRA HELENE (INST. FÍSICA-USP/ DIREITO-PUC-SP)
PAULO HENRIQUE TAVARES CESAR (INST. GEOCIÊNCIAS-USP)
ROSEANA DE SOUZA PELLOZO (INST. FÍSICA-USP)
SILFARLEM JUNIOR DE OLIVEIRA (ARTES VISUAIS-UFES)
THIAGO ROCHA CARDOSO (INST. MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA-USP/ FAC. EDUCAÇÃO-USP)
YURI MARTINS FONTES LEICHSENRING (ESC. POLITÉCNICA-USP/ FILOSOFIA-FFLCH-USP)

PROFESSORES MEMBROS DAS COORDENADORIAS PEDAGÓGICAS

ANA LUIZA DE AZEVEDO PIRES SÉRIOS (INST. FÍSICA-USP/ JORNALISMO-PUC-SP)
ANNA KARINA DINIZ KISS (FAC. EDUCAÇÃO-USP)
ANTONIO ARAUJO (LETRAS-FFLCH-USP)
CAROLINA POPPI (LETRAS-FFLCH-USP)
DAFNE LIMA PESSANHA DE MORAIS MELO (JORNALISMO-PUC-SP/ HISTÓRIA-FFLCH-USP)
ELDER NASCIMENTO (LETRAS-FFLCH-USP)
EDUARDO CALDERINI (IME-USP)
GABRIELA VIACAVA (LETRAS-FFLCH-USP)
HENRIQUE PERES (LETRAS-FFLCH-USP)
JACY GAMEIRO (INST. BIOLOGIA-UNICAMP)
JOÃO VICTOR PAVESI DE OLIVEIRA (GEOGRAFIA-FFLCH-USP)
JÚLIO CÉSAR DA SILVA (INST. MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA-USP)
LEONEL DE MIRANDA SAMPAIO (FAC. ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO-USP)
MARIA ELAINE ANDREOTI (LETRAS-FFLCH-USP)
PATRÍCIA AMORIM DA SILVA (LETRAS-FFLCH-USP)
PEDRO KAWAMURA GONÇALVES (INST. BIOLOGIA-USP)
RAFAEL EICHEMBERGER UMMUS (INST. BIOLOGIA-USP)
ROBSON TADEU MURARO (HISTÓRIA-FFLCH-USP)
RENATO DOUGLAS GOMES RIBEIRO (INST. MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA-USP)
RODRIGO RAMOS DA SILVA (INST. FÍSICA-USP)
SAMANTHA STAMATIU (LETRAS-FFLCH-USP)
SIMONE BAZARIAN VOSGUERITCHIAN (INST. BIOLOGIA-USP)
SUELY MIDORI AOKI (INST. FÍSICA-USP)
TELMO EGMAR CAMILO DEIFELD (ENG. CIVIL-UFSM/ ESC. POLITÉCNICA-USP)
TIAGO BARBOSA (HISTÓRIA-PUC-SP)
WALDO LAO FUENTES SÁNCHEZ (ESCUELA NAC. ANTROPOLOGÍA E HISTORIA-MÉXICO)

PROJETO “MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO”

EDIÇÃO DIGITAL – 2021

[OBRA EDITADA EM 11 VOLUMES]

ORGANIZADA, REVISTA E ATUALIZADA PELO

NÚCLEO PRÁXIS de PESQUISA, EDUCAÇÃO POPULAR e POLÍTICA
da UNIVERSIDADE de SÃO PAULO

*

ORGANIZAÇÃO GERAL DA EDIÇÃO

YURI MARTINS FONTES L.

*

REVISÃO FINAL E EDITORAÇÃO

ARGUS ROMERO ABREU DE MORAIS

FERENC DINIZ KISS

IVAN MARTINS FONTES LEICHSENRING

MARIANA VIEIRA HELENE

YURI MARTINS FONTES L.

*

REVISÕES ESPECÍFICAS E ATUALIZAÇÃO DE CONTEÚDO

ARGUS ROMERO ABREU DE MORAIS

ATHOS LUIZ VIEIRA

CARLOS ALBERTO BORBA

FERENC DINIZ KISS

IVAN MARTINS FONTES LEICHSENRING

JOANA APARECIDA COUTINHO

MARIANA MENDONÇA MEYER

MARIANA VIEIRA HELENE

PAULO ALVES JUNIOR

PAULO HENRIQUE TAVARES CESAR

PEDRO ROCHA FLEURY CURADO

ROSA MARIA TAVARES ANDRADE

SOLANGE STRUWKA

YURI MARTINS FONTES L.

PROJETO “MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO”

NOTA SOBRE A EDIÇÃO DIGITAL E ORIENTAÇÃO AO ESTUDANTE

Esta edição digital foi elaborada pelo NÚCLEO PRÁXIS–USP, coletivo político-acadêmico vinculado ao LEPHE/História-USP (coord. prof. Wilson do Nascimento Barbosa), criado em 2015 por iniciativa de antigos membros-fundadores da ACEPUSP, juntamente com pesquisadores participantes do Seminário das Quartas/Filosofia-USP (coord. prof. Paulo Eduardo Arantes), com o propósito de atuar na educação popular, formação política e difusão do pensamento socialista.

O texto-base usado na composição desta edição digital é o da 2ª edição impressa, finalizada em 2008. Originalmente, a coleção de APOSTILAS foi dividida em quatro volumes (duas por semestre), além de tomo introdutório. Contudo, visando oferecer uma melhor organização ao estudante pré-universitário – especialmente o autodidata – que busque apoio nesta obra, optou-se na nova edição por estruturar o conjunto do MATERIAL DIDÁTICO PÚBLICO de acordo com suas disciplinas (áreas normalmente cobradas em exames de seleção), totalizando-se assim dez volumes, mais uma introdução: Português/Gramática, Português/Literatura, Redação, História, Geografia, Matemática, Física, Química, Biologia, Inglês, e o tomo extra *Impulso Inicial*.

O estudante deve estar atento ao fato de que, apesar dos esforços dos atuais editores, educadores e pesquisadores por revisar e atualizar o texto original das apostilas, sempre haverá lacunas em qualquer material didático: manuais de estudos nunca são autossuficientes; e há temas que necessitam de renovação mais frequente ou específica. Além disto, de uma perspectiva mais ampla cabe observar que nenhuma teoria é conclusiva: como mostra o pensamento contemporâneo, não existem ciências definitivas, rígidas ou “exatas” (essa crendice *ideológica* da modernidade) – mas o conhecimento se movimenta com a história, dialeticamente.

Por outro lado, tendo-se em vista a falta de democratização da rede mundial (*internet*) – que vem sendo antes usada para segregar e lucrar, de que para incluir e socializar saberes –, este material didático deve servir, para além de seu vasto conteúdo ainda atual, crítico e pedagogicamente bem trabalhado, como um importante ROTEIRO DE ESTUDOS, que oferece um panorama básico dos principais temas exigidos em variadas provas: um guia a partir do qual se poderá pesquisar na rede ou em bibliotecas, com mais facilidade, as informações específicas faltantes ou futuramente vigentes.

Quanto aos EXERCÍCIOS, recomenda-se aos estudantes acessarem as plataformas universitárias e de ensino oficiais e públicas (ENEM, USP, UNICAMP, etc.), onde podem ser encontradas inúmeras questões de exames atuais, cuja tendência – louvável – tem sido a de promover a interdisciplinaridade, quebrando as artificiais fronteiras científicas *modernas* com que a academia ainda divide o conhecimento. Estes são alguns endereços:

ENEM (www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos); FATEC (www.vestibularfatec.com.br/provas-gabaritos); USP/FUVEST (www.fuvest.br); UFBA (www.vestibular.ufba.br); UFMG (www.ufmg.br/copeve); UFSCar (www.ufscar.br); UNESP (www.vunesp.com.br/vestibulares); UNICAMP (www.comvest.unicamp.br); UNIFESP (www.vestibular.unifesp.br).

NOTA ORTOGRÁFICA

O Projeto “Material Didático Público” foi desenvolvido durante a fase de transição para entrada em vigor do “Novo Acordo Ortográfico” da língua portuguesa. A atual edição digital e revista incorporou tais mudanças, porém com algumas ressalvas: como é o caso de certas regras de hífen (imprecisas e polêmicas); e de regras consideradas equivocadas, como normas que causam ambiguidade e dificultam a pronúncia e a própria fluidez da leitura (por exemplo, a confusa supressão do acento da forma verbal “pára” – palavra que mantivemos acentuada).

NOTA POLÍTICA

A partir da segunda década do século XXI, a ACEPUSP passou a ser gerida por pessoas já sem ligação com os fundadores da entidade, como grupos cooperativistas que, embora manifestem viés progressista, não necessariamente mantiveram as perspectivas socialistas, educacionais, histórico-científicas e o caráter de projeto popular crítico segundo os quais a associação foi construída – e conforme consta em seu estatuto de fundação. Desse modo, seus membros-fundadores e demais pioneiros (alguns dos quais ora membros do Núcleo Práxis-USP) não são responsáveis pelo teor que porventura poderá ser encontrado em novas edições ou outras versões deste material didático, ou ainda pelas práticas institucionais implementadas desde então na ACEPUSP (associação que hoje não conta com a participação de nenhum de seus criadores).

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE EDUCADORES E PESQUISADORES DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Redação

(tomo III)

Redação

Sumário Geral

Parte I.....8

Parte II.....59

Redação

Parte I

ÍNDICE DE REDAÇÃO - PARTE I

Desmistificar a escrita

A leitura

Língua, fala e escrita

Tipos de Texto

Narração

Dissertação

Estrutura da dissertação

Frase, Oração e Período

Parágrafos organizadores

Coerência

Coesão

Instrumentos gramaticais de coesão

Banco de Propostas (temas para redações)

Respostas dos Exercícios

DESMISTIFICAR A ESCRITA

O ato de escrever está cercado de mitos. Um deles é que apenas escreve bem quem foi “agraciado” com um dom, ou seja: ter um bom texto é coisa para poucos.

Essa percepção, baseada em um senso comum, é falsa. **Escrever é uma habilidade que pode ser desenvolvida por qualquer um** e quanto mais se procura desenvolvê-la, melhor passa a ser a capacidade de comunicar-se por meio dela. Isso não quer dizer que seja uma atividade fácil, muito pelo contrário. **É um ato que exige empenho, estudo e prática, e não um fenômeno espontâneo.**

O senso comum também nos faz pensar que os profissionais da palavra, como poetas, escritores e jornalistas, uma vez que foram abençoados por um suposto dom, criam seus textos facilmente, de forma rápida e espontânea.

Claro que, quanto mais praticamos e entramos em contato com nossa própria escrita, esse processo passa a ocorrer de forma mais tranquila. Entretanto, esses **mesmos profissionais testemunham uma relação de constante insatisfação com a própria escrita.** Relatam também como é um processo trabalhoso. Veja alguns depoimentos:

- *Como começou a escrever?*

- *Foi um processo demorado, que amadureceu devagar. Quando resolvi experimentar escrever, não consegui da primeira vez. Escrevi uma história, não gostei, e desanimei. Eu estava descobrindo que ler é muito mais fácil do que escrever. Mas quando a gente joga a toalha, entrega os pontos num assunto que sente que é capaz de fazer, fica infeliz e acaba voltando à luta. Voltei a tentar, apanhei, caí, levantei - até que um dia escrevi uma história que quando li de cabeça fria, achei que não estava tão ruim; com uns consertos aqui e ali, ela ficaria apresentável. Consertei, e gostei do resultado. Animado, escrevi outras e outras histórias, nessa batalha permanente. Mas é uma batalha curiosa: as derrotas que a gente sofre nelas não são derrotas, são lições para o futuro.*

(José J. Veiga)



José J. Veiga é um dos mais célebres autores brasileiros do realismo fantástico. Entre seus livros estão “A hora dos ruminantes” e “De jogos e festas”. Iniciou sua carreira literária aos 44 anos.

Para mim, o ato de escrever é muito difícil e penoso, tenho sempre de corrigir e reescrever várias vezes. Basta dizer, como exemplo, que escrevi 1100 páginas datilografadas para fazer um romance no qual aproveitei pouco mais de 300.

(Fernando Sabino)



Fernando Sabino foi escritor e jornalista, autor de muitos livros em mais de 60 anos de carreira. Alguns deles são “O grande mente-capto” e “O homem nu”.

Quando escrevo sob encomenda, não há muito tempo para corrigir. Quando escrevo para mim mesmo, costumo ficar corrigindo dias e dias - uma curtição. Escrever é estar vivo.

(Paulo Mendes Campos)

Paulo Mendes Campos foi jornalista, escritor e tradutor. Traduziu obras de Oscar Wilde, Pablo Neruda, Shakespeare e Julio Verne, entre outros.

Essa visão também aparece no poema “O Lutador”, de Carlos Drummond de Andrade.

O Lutador

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras

parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

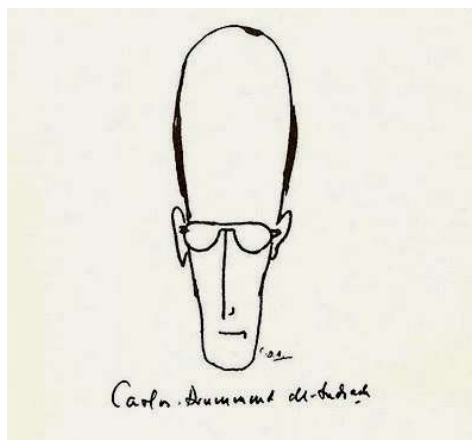
Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste escampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tontura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumirá.
Já vejo palavras
em coro submisso,
está me ofertando
seu velho calor,
outra sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas ai! É o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se consuma
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite

que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.



Auto-caricatura de Drummond

VOCABULÁRIO:

Sevícia: maus-tratos; atos de tortura física ou mental.

Solerte: que procede com desembaraço, iniciativa e sabedoria; esperto, diligente, sagaz; hábil em usar meios desonestos para conseguir o que quer, embora com aparência de honesto; velhaco, ardiloso, manhoso.

Sapiente: aquele que tem sabedoria, erudição; aquele que conhece as coisas divinas.

Queixume: gemido, lamentação, queixa, suspiro.

Pecúlio: soma ou reserva em dinheiro.

EXERCÍCIOS:

1. Como podemos definir a relação estabelecida entre o poeta e a escrita?

2. Não me julgo louco./Se o fosse, teria/poder de encantá-las./Mas lúcido e frio,/apareço e tento/apanhar algumas/para meu sustento/num dia de vida.

Esse trecho nos permite afirmar que o poeta trava uma relação emocional ou racional com as palavras? Justifique.

3. Um dos passos importantes para se iniciar uma boa relação com a sua própria escrita é saber exatamente qual a relação que você tem com ela. Para isso, faça uma viagem à sua memória. Lembre-se de como aprendeu a escrever, de sua escola e seus professores. Reveja todo seu percurso escolar (e profissional também, se for o caso), focalizando principalmente nas situações de escrita que ficaram gravadas em sua memória. Escreva um texto que explique como foi construída a sua experiência com a escrita até hoje. Use a primeira pessoa, numa linguagem coloquial, informal, em tom de depoimento. Se você quiser, pode guiar sua reflexão com base nas seguintes perguntas (atenção: não se trata de respondê-las uma a uma, mas de elaborar um texto).

- Você se lembra de como começou a ler e escrever? Qual o método utilizado?

- Ao longo da vida escolar, você foi estimulado a escrever?

- Escrever é algo prazeroso para você? Por quê?

- Como você se sente quando se vê em uma situação em que tem que escrever, seja em provas ou no trabalho?

A LEITURA

Na aula anterior, vimos que escrever bem é uma tarefa trabalhosa até mesmo para aqueles que gostam da atividade e a praticam cotidianamente.

Parte desse “trabalho”, desse “esforço” passa, necessariamente, por outra atividade: a leitura.



Pintura de Eric Drooker

É indiscutível o fato de que **aquele que é bom escritor, também é bom leitor**. É improvável que um mau leitor chegue a escrever com desenvoltura. É pela leitura que assimilamos as estruturas próprias da língua escrita, que nos aproximamos dela, de suas estruturas internas, regras e possibilidades. Entramos em contato com novas palavras e novas formas de se expressar que, até então, poderiam ser inéditas para nós. Por meio dessa relação com o texto escrito é que se obtém a intimidade necessária com as palavras, para, então, se ter uma boa relação com elas.

Assim, **é essencial ler muito, já que estas duas práticas -- ler e escrever -- são indissociáveis**. Escrever bem é o resultado de um percurso constituído de muita prática, muita reflexão e muita leitura. É uma ação em que o sujeito se envolve de forma total, com sua bagagem de conhecimentos e experiências sobre o mundo e a linguagem.

Além disso, a leitura é o meio que dispomos para **adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade**. Informações submetidas à reflexão crítica são indispensáveis à produção de textos de qualidade, falados ou escritos.

EXERCÍCIOS

Leia atentamente o texto abaixo e, em seguida, resolva as questões propostas:

Rara tem sido a vez, ao longo de tantos anos de prática pedagógica, por isso política, em que me tenho permitido a tarefa de abrir, de inaugurar ou de encerrar encontros ou congressos.

Aceitei fazê-lo agora, da maneira, porém, menos formal possível. Aceitei vir aqui para falar um pouco da importância do ato de ler.

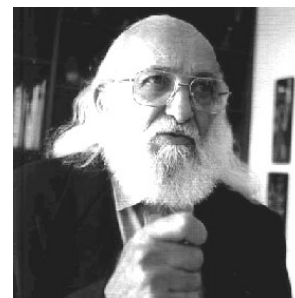
Parece-me indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançado por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. Ao ir escrevendo este texto, ia "tomando distância" dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a "leitura" do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da "palavra mundo".

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de "ler" o mundo particular em que me ouvia - e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço - o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras", daquele contexto - em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de

Paulo Freire (1921-1997) foi um educador popular e criou a Pedagogia da Libertação



sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

(Trecho do livro *A importância do ato de ler*, de Paulo Freire).

1. Segundo o texto, por que a prática pedagógica se aproxima da prática política?
2. Por que a leitura não se esgota na “decodificação pura da palavra escrita”?
3. Comente a passagem “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.
4. Explique o conceito de “palavra mundo”.
5. Por que Paulo Freire usa re-crio e re-vivo no lugar de re-crio e revivo?
6. Quais são os “textos”, as “palavras” e as “letras” das primeiras “leituras” de Paulo Freire? Qual a importância dessas leituras para a formação e desenvolvimento da pessoa?

TEXTO COMPLEMENTAR:

Depoimento de Frei Betto sobre Paulo Freire



Frei Betto

“Pedro viu a uva”, ensinavam os manuais de alfabetização. Mas o professor Paulo Freire, com o seu método de alfabetizar conscientizado, fez adultos e crianças, no Brasil e na Guiné Bissau, na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Pedro não viu apenas com os olhos. Viu também com a mente e perguntou se a uva é natureza ou cultura. Pedro viu que a fruta não resulta do trabalho humano. É criação, é natureza. Paulo Freire ensinou a Pedro que semear a uva é a ação humana na e sobre a natureza. É a mão, multiferramenta, despertando as potencialidades do fruto. Assim como o próprio ser humano foi semeado pela natureza, em anos de evolução do Cosmo.

Colher uma uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire. O trabalho humaniza e, ao realizá-lo, o homem e a mulher se humanizam. Trabalho que insutura o nó de relações, a vida social. Graças ao Professor que iniciou sua pedagogia revolucionária com os operários do SESI de Pernambuco, Pedro viu também que a uva é colhida por boias-frias que ganham pouco e, comercializada por atravessadores que ganham melhor.

Pedro aprendeu com Paulo que, mesmo sem ainda saber ler, ele não é uma pessoa ignorante. Antes de aprender as letras, Pedro sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo. O médico, o advogado ou o dentista, com todo seu estudo, não eram capazes de construir como Pedro. Paulo Freire ensinou a Pedro que não existe ninguém mais culto do que outro, mas que existem culturas paralelas, distintas, que se complementam na vida social.

Pedro viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhes os cachos, a parreira, a plantação inteira. Ensinou a Pedro que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere um texto no contexto do autor e do leitor. É dessa relação dialógica entre o texto no contexto, que Pedro extrai o pretexto para agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Pedro que importa. Práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico.

Pedro viu a uva e não viu a ave que, de cima, enxerga a parreira e não vê a uva. O que Pedro vê é diferente do que vê a ave. Assim, Paulo Freire ensinou a Pedro um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pensa por onde os pés pisam. O mundo desigual pode ser lido pela ótica do opressor ou pela ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma das outras como a visão de Ptolomeu, ao observar o sistema solar, com os pés na terra, e a de Copérnico, ao imaginar-se com os pés no sol.

Agora, Pedro vê a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem, do fruto, festa no cálice de vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio de 1997. Deixa-nos uma obra inestimável de competência e coerência. Paulo deveria estar em Cuba, onde receberia o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Havana. Ao sentir dolorido seu coração que tanto amou, pediu que fosse representá-lo. De passagem marcada para Israel, não me foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar fui rezar em torno de seu semblante tranquilo: “Paulo via Deus”.

Vocabulário:

Potencialidade: 'conjunto de qualidades', 'capacidade de realização' e 'capacidade não posta em prática'.

Cosmo: espaço universal, composto de matéria e energia e ordenado segundo suas próprias leis; universo.

Dialógica: relativo a diálogo; em forma de diálogo; dialogal.

Práxis: prática; ação concreta.

Epistemologia: reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte, as duas polaridades tradicionais do processo cognitivo; teoria do conhecimento.

Instruções para uma boa leitura:

- “bater” o olho num texto não adianta, aliás, só atrapalha. Leia com calma, sem atropelos. Na primeira leitura, busque um entendimento geral do texto, prestando atenção à organização das ideias e do texto.
- Numa segunda leitura, faça paráfrases (explicar algo com suas próprias palavras, de forma distinta à original) mentalmente de cada parágrafo.
- A partir das paráfrases, identifique e destaque as palavras-chave.
- Marque as palavras desconhecidas e procure-as no dicionário. Não tenha preguiça ou vergonha disso! É assim que se enriquece o vocabulário.
- Hierarquize as ideias, relacionando-as.
- Sublinhe apenas os trechos MAIS significativos.
- Busque, em sua mente, interpretações possíveis e releia o texto para verificar se, de fato, fazem sentido.

Leia abaixo a letra do famoso samba de Adoniran Barbosa:

Samba do Arnesto

(Adoniran Barbosa)

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás
Nóis fumo e num encontremo ninguém
Nóis vortemo cuma baita duma reiva
Da otra vez nóis num vai mais
Nóis num sêmo tatu!
No otro dia encontremo com o Arnesto
Que pidiu descurpa mais nós não aceitemos
Isso não se faz, arnesto, nós não se importa
Mais você devia ter ponhado um recado na porta
Um recado anssim ói: “ói turma, num deu prá esperá
*Adúvido que isso num faz mar, num tem importância,
Assinado em cruz porque não sei escrever arnesto*”.

Para que um aluno saiba fazer contas de matemática, é preciso que ele conheça números, fórmulas, equações. Trata-se de uma linguagem muito específica e muito diferente daquela que utilizamos antes do ingresso escolar.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, ao contrário, todos nós chegamos à escola sabendo falar, o que faz com que pensemos, muitas vezes ilusoriamente, que o aprendizado é mais fácil e rápido. **O maior problema reside no fato de que a língua que falamos não é a mesma que escrevemos**; esta última só a dominamos realmente após um longo processo de alfabetização. Pensa-se, erroneamente, que assim que a criança distingue as letras e é capaz de ler e escrever pequenos textos de baixa complexidade já está alfabetizada. Todavia, educadores apontam que uma alfabetização plena, na verdade, é um processo que requer cerca de 12 anos de estudo sistemático.

NINGUÉM FALA ERRADO

Em nossa sociedade, **a língua tornou-se um mecanismo de distinção sócioeconômico**. A maneira como nos expressamos revela muito do que somos. Se alguém fala “corretamente”, podemos inferir que essa pessoa teve acesso à educação de qualidade. Como no Brasil esse direito, infelizmente, ainda é um privilégio de poucos – daqueles que são economicamente favorecidos –, **falar “corretamente” é um indicativo de boa condição social, de status**.

Entretanto, linguistas ressaltam que não existe falar “corretamente”, já que para isso deveria existir um falar “erroneamente”. **Ninguém fala “errado”**, uma vez que a função da língua é estabelecer a comunicação efetiva. Se esse objetivo é alcançado, logo, a comunicação e a língua utilizada foram bem sucedidas. Poderíamos dizer, então, que essa fala seria “certa”. Observe:

Frase 1: Nós cinema de bonito manhã filme muito assistimos a. nesta.

Frase 2: A gente assistiu um filme bonito de manhã.

Frase 3: Nós assistimos a um filme muito bonito nesta manhã.

A frase 1 não faz sentido na Língua Portuguesa: não há comunicação. Seu conteúdo não faz sentido, pois não obedece à gramática da língua. Gramática, aqui, não pode ser confundida com Gramática Normativa. A primeira é o conjunto de regras internas a partir das quais uma língua opera. Determinada pelos seus falantes, existe mesmo que a língua não tenha sido codificada graficamente. Afinal, a fala precede a escrita em todas as culturas humanas. A segunda, a Gramática Normativa, é estabelecida a partir do momento em que as regras internas de cada língua são “institucionalizadas” pelos estudiosos desse campo, que definem, então, o que pode ser considerado “correto”.

A frase 2, por exemplo, contraria a gramática normativa, ou seja, a norma culta padrão, embora o conteúdo da mensagem seja perfeitamente compreensível. Assim, ela não está “errada”. Já a terceira frase obedece à norma culta.

Na escola – e, naturalmente, no vestibular –, a exigência da norma padrão é uma forma de homogeneizar tantas variantes linguísticas existentes no Brasil. O problema é que, por vezes, isso é feito de forma violenta. Ao se privilegiar maneiras específicas de falar como se devessem ser universais, não reconhecendo a heterogeneidade dos usos do sistema linguístico de acordo com as características culturais dos grupos e as situações comunicativas nas quais se envolvem, acaba-se por excluir a maioria dos falantes. Isso porque, por questões sociais que limitam ou impedem o acesso à educação formal, e não por limites cognitivos de aprendizagem, os mesmos frequentemente não dominam o que se estabelece como Norma Culta. Assim, surge e é reforçado o chamado **preconceito linguístico**, responsável por discriminar indivíduos e grupos que se expressam de determinada forma ou com determinado sotaque, por exemplo.



Jeca Tatu: personagem de Monteiro Lobato que incorpora o estereótipo do caipira e os diversos preconceitos de que é vítima, inclusive o linguístico.

A ESCRITA

Quando falamos da língua escrita, obedecer às regras gramaticais faz-se mais necessário. Para entender melhor o porquê disso, leia o texto abaixo:

O texto escrito

A luta que os alunos enfrentam em relação à produção de textos escritos é muito especial. Em geral, eles não apresentam dificuldades em se expressar através da fala coloquial. Os problemas começam a surgir quando este aluno tem a necessidade de se expressar formalmente e se agrava no momento de produzir um texto escrito. Nesta última situação ele deve ter claro que **há diferenças marcantes entre falar e escrever**.

Na linguagem oral, o falante tem claro com quem fala e em que contexto. O conhecimento da situação facilita a produção oral. Nela, o interlocutor, presente fisicamente, é ativo, tendo possibilidade de intervir, de pedir esclarecimentos, ou até de mudar o curso da conversação. O falante pode ainda recorrer a recursos que não são propriamente linguísticos, como gestos ou expressões faciais. Na linguagem escrita, a falta destes elementos extratextuais precisa ser suprimida pelo texto, que se deve organizar de forma a garantir sua inteligibilidade.

Escrever não é traduzir a fala em sinais gráficos. O fato de um texto escrito não ser satisfatório não significa que seu produtor tenha dificuldades quanto ao manejo da linguagem cotidiana e sim que ele não domina os recursos específicos da modalidade escrita.

A escrita tem normas próprias, tais como regras de ortografia – que, evidentemente, não é marcada na fala –, de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais. Entretanto a simples utilização de tais regras e de outros recursos da norma culta não garante o sucesso do texto escrito. Não basta, também, saber que escrever é diferente de falar. É necessário preocupar-se com a constituição de um discurso entendido aqui como um ato de linguagem que representa uma interação entre o produtor do texto e seu receptor; além disso, é preciso ter em mente a figura do interlocutor e a finalidade para a qual o texto foi produzido.

Para que esse discurso seja bem-sucedido deve construir um todo significativo e não fragmentos isolados e justapostos. No interior de um texto devem existir elementos que estabeleçam uma ligação entre partes, isto é, elos significativos que confirmam **coesão** ao discurso. Considera-se coeso o texto em que as partes referem-se mutuamente, só fazendo sentido quando consideradas em relação umas às outras.

Regina H. de Almeida Durigan, *A magia da mudança: vestibular Unicamp – língua e literatura* (grifos nosso).

Vale ainda reforçar que todo ato de escrita pertence a uma prática social. Não se escreve por escrever. A escrita tem um sentido e uma função. **Quando criamos um texto, somos autores de uma opinião, de um discurso.** Por isso, ao escrevermos, atuamos politicamente no mundo, estamos nos relacionando com os outros e nos constituindo como autores, como sujeitos de uma voz.



Placa com “erro gramatical”, de acordo com a norma culta. O correto seria “focinheira”

RESUMO:

FALA	ESCRITA
Espontânea	Planejada
Presença de apoio contextual.	Ausência de apoio contextual.
Relação direta com o interlocutor; há interação imediata; uso de linguagem corporal.	Interlocutor está distante e não interage em “tempo real”.
Repetições, redundâncias, truncamentos, desvios. Obedece a um fluxo de pensamento mais “natural”.	Controle da sintaxe; repetições e redundâncias fazem o texto ficar confuso e ruim. Não pode ser um simples registro da fala.
Predomínio de orações coordenadas.	Predomínio de orações subordinadas.

TEXTO COMPLEMENTAR

Índice de alfabetismo funcional no Brasil não se altera em 4 anos

Apenas 26% dos brasileiros têm a capacidade de ler textos relativamente longos, localizar e relacionar mais de uma informação, comparar vários textos e identificar fontes. Essa é a conclusão do 5º Índice Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf), pesquisa realizada pelo Ibope sob coordenação do Instituto Paulo Montenegro e da Ação Educativa. Realizado desde 2001, o levantamento mostra que não houve nenhuma melhora no nível de alfabetização do Brasil. Há 4 anos, o índice de alfabetização plena era exatamente igual: 26%.

A pesquisa divide os entrevistados em quatro categorias. Alfabetizados rudimentares são os que conseguem ler títulos ou frases, localizando apenas informações bem explícitas em um texto. São 30% dos brasileiros. Os alfabetizados básicos conseguem ler textos curtos e identificam informações específicas, ou que exijam pequena interferência. 38% dos pesquisados se encaixam nessa categoria. 7% são analfabetos, ou seja, não conseguem retirar qualquer informação quando se deparam com um texto.

O índice detectou o aumento da escolaridade média dos brasileiros, principalmente entre os mais jovens. Em 2001, 57% dos entrevistados entre 15 e 24 anos haviam concluído o ensino fundamental. Este ano, 67% concluíram pelo menos a 8ª série. Mas, mesmo nessa parcela da sociedade, não

houve nenhuma alteração nos índices de alfabetismo. Os alfabetizados plenos continuam sendo apenas 38% da faixa etária. Os básicos cresceram de 40 para 42% e os rudimentares caíram de 19 para 17%, variações dentro da margem de erro da pesquisa.

As alterações encontradas no universo da população em geral também foram inexpressivas. Em 4 anos, diminuiu 2 pontos percentuais o índice de analfabetos, caiu 1% a quantidade de alfabetizados rudimentares, cresceu 4% o número de alfabetizados básicos e não houve nenhuma variação entre os alfabetizados plenos. Todas as alterações encontram-se dentro da margem de erro de 2,2% para mais ou para menos.

O Inaf também aponta que as taxas de alfabetização refletem as desigualdades sociais no Brasil. 66% dos analfabetos se declaram negros e 81% pertencem às classes D e E. Entre os alfabetizados rudimentares, 57% são negros e 64% pertencem às classes D e E. As desigualdades regionais também podem ser detectadas. No Norte, Centro-Oeste e Nordeste, há 15% de analfabetos. No Sudeste, são 6% e, no Sul, apenas 3%. Só 21% dos nordestinos têm alfabetização plena, contra 35% dos que moram na região Sul.

Os anos de estudo contribuem para uma melhor capacidade de leitura, mas não são suficientes. Se 73% dos que nunca frequentaram a escola são analfabetos, apenas 57% dos que estudaram 11 ou anos são alfabetizados plenos. Dos que estudaram de 8 a 10 anos, ou seja, completaram o ensino fundamental, a maioria, 51%, tem apenas alfabetização básica, quantidade um pouco maior que os 44% que estudaram de 4 a 7 anos. Nessa faixa de escolaridade, chama a atenção os 4% que continuam analfabetos, apesar de terem estudado pelo menos 4 anos.

Obs.: A soma dos índices percentuais pode ser superior a 100% devido aos arredondamentos realizados pela pesquisa.

Fonte: www.reportersocial.com.br - 09/09/2005.



Foto de Sebastião Salgado retratando estudante em escola do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

EXERCÍCIOS

1) (Fuvest 2005)

Às seis da tarde

Às seis da tarde
as mulheres choravam
no banheiro.
Não choravam por isso
ou por aquilo
choravam porque o pranto subia
garganta acima
mesmo se os filhos cresciam
com boa saúde
se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
às seis da tarde
as mulheres regressam do trabalho
o dia se põe
os filhos crescem
o fogo espera
e elas não podem
não querem
chorar na condução.
(Marina Colasanti – Gargantas abertas)

Vocabulário:

Basculante = um tipo de janela.

Gastura = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

Texto para as questões de 2 a 4

(Fuvest 2007) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último “Quarto de Badulaques”. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” do verbo “varrer”. De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário (...). O certo é “varrição”, e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário (...). Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção”, quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Rubem Alves

<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>

2) Ao manifestar-se quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em

- a) atender ao padrão culto, em “fi-lo”, e ao registro informal, em “varrição”.
- b) corrigir formas condenáveis, como no caso de “barreção”, em vez de “varreção”.
- c) valer-se o tempo todo de um registro informal, de que é exemplo a expressão “missivas eruditas”.
- d) ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos.
- e) negar que costume cometer deslizes quanto à grafia dos vocábulos.

3) O amigo é chamado de “paladino da língua portuguesa” porque

- a) costuma escrever cartas em que aponta incorreções gramaticais do autor.
- b) sofre com os constantes descuidos dos leitores de “Quarto de Badulaques”.
- c) julga igualmente válidas todas as variedades da língua portuguesa.
- d) comenta criteriosamente os conteúdos dos textos que o autor publica.
- e) é tolerante com os equívocos que poderiam causar reprovação no vestibular.

4) “Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.” Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,

- a) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
- b) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
- c) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
- d) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
- e) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.

Descrever, narrar e dissertar são três habilidades que fazem parte do amplo processo de aprendizado e vivência de uma língua. São **tipos textuais** que podem ser exercitados tanto oralmente como na escrita. Nas aulas de Redação, estudaremos, basicamente, os **textos descritivos, narrativos e dissertativos**: que são aqueles tipos mais exigidos em concursos e exames vestibulares (sobretudo os dois últimos).

Antes de iniciar o estudo, deve-se ter em mente que não existem textos totalmente dissertativos, narrativos, ou descritivos. Há, via de regra, um tipo predominante, mas todos se misturam entre si.

Por exemplo, para se narrar, é preciso também descrever cenas, pessoas, lugares e sensações -- elementos que compõem a “ação” narrada.

DESCRIÇÃO

Consiste em construir, por meio das palavras, imagens que representam seres, objetos ou cenas. O autor do texto se empenha em transformar em linguagem aquilo que seus sentidos captam a partir de uma observação, feita sob um determinado ponto de vista. Há dois tipos de descrição:

- **Objetiva**: sem impressões do observador, tentando garantir maior proximidade possível com o real.
- **Subjetiva**: visão do observador através de sua opinião e percepção individuais e particulares.

Ao fazer uma descrição, devemos:

- nomear, identificar: dar existência ao elemento (diferenças e semelhanças).
- localizar, situar: determinar o lugar que o elemento ocupa no tempo e no espaço.
- qualificar: testemunho do observador sobre os seres do mundo.

Os textos descritivos apresentam como características:

- uso de adjetivos
- uso de superposição de imagens, cenas.
- uso de frases nominais (sem verbos).

Leia os textos abaixo e procure identificar se há o uso desses recursos.

Texto I

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar-se um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo da qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha”.

(Franz Kafka, A Metamorfose).

Texto II

“A mata ia se fechando em torno da estrada. Pouco depois do rio Araguaia, vimos uma cena que se repetiria até Altamira: as queimadas nos terrenos de colonos, usadas pra limpar a área desmatada e iniciar a semeadura. Às vezes as queimadas davam um aspecto lúgubre à paisagem: no meio da mata verde-escura, uma gleba inteira cinzenta, feita de tocos de árvores queimadas, moitas de capim ainda fumegando”. (Fernando Morais, Cem Quilos de Ouro)

EXERCÍCIOS:

1) (Fuvest 2007) Salão repleto de luzes, orquestra ao fundo, brilho de cristais por todo lado. O crupiê* distribui fichas sobre o pano verde, cercado de mulheres em longos vestidos e homens de black-tie**. A roleta em movimento paralisa o tempo, todos retêm a respiração. Em breve estarão definidos a sorte de alguns e o azar de muitos. Foi mais ou menos assim, como um lance de roleta, que a era de ouro dos cassinos - maravilhosa para uns, totalmente reprovável para outros - se encerrou no Brasil. Para surpresa da nação, logo depois de assumir o governo, em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra pôs fim, com uma simples penada, a um dos negócios mais lucrativos da época: a exploração de jogos de azar, tornando-os proibidos em todo o país. (...)

Jane Santucci, “O dia em que as roletas pararam”, Nossa História.

* crupiê: empregado de uma casa de jogos

** *black-tie: smoking*, traje de gala

a) No texto acima, a autora utiliza vários recursos descritivos. Aponte um desses recursos. Justifique sua escolha.

b) A que fato relatado no texto se aplica a comparação “como num lance de roleta”?

2) Observe dois quadros do artista francês René Magritte. O primeiro, intitulado “A Condição Humana”, e o segundo “Os Amentes”. Com base em suas observações, escreva um texto descritivo – de 10 linhas no mínimo – para cada imagem.

NARRAÇÃO

O **tipo textual narrativo** se apresenta em inúmeros gêneros discursivos, variando de acordo com o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Os gêneros mais comuns são o **romance**, a **novela**, o **conto** e a **crônica**. As narrativas literárias, portanto, apresentam infinitas variações de estilo. O narrador pode contar uma história sobre outras pessoas ou narrar episódios ocorridos com ele mesmo: pode apresentar os fatos sem ter participação direta, nem manifestar sua própria presença. As narrativas, enfim, podem tanto estar baseadas em **fatos reais** como em **acontecimentos inventados**, frutos da criação do autor.

Os elementos básicos da narração são:

- **Enredo:** é, a grosso modo, a história, o conjunto de fatos narrados. O autor organiza as informações de modo a criar algum suspense ou a intensificar a emoção de seu leitor. O enredo se desencadeia com base em um conflito. Este possibilita, quase sempre, a divisão do enredo em partes: introdução, complicação (ou desenvolvimento), clímax (momento de maior tensão) e desfecho (conclusão ou ajuste final).
 - **Tempo e espaço:** revelam **quando** e **onde** ocorrem os fatos narrados. Costuma-se dividir o tempo em **cronológico**, que marca dados objetivos (do relógio e do calendário), e **psicológico**, que não respeita a sequência objetiva dos fatos porque se passa apenas na mente das personagens.
 - **Personagens:** São os indivíduos (ou animais) que fazem parte da história. Agem, conversam, se movimentam, pensam etc., provocando no leitor as mais diversas emoções: empatia, compaixão, solidariedade, raiva, desprezo etc. A personagem principal é a **protagonista** e quem se opõe a ela, o **antagonista**. Em torno deles, estão as personagens secundárias ou coadjuvantes.
 - **Foco narrativo:** é o **ponto de vista escolhido** para se narrar, para se contar a história. Pode ser utilizada a **1ª pessoa**, podendo ser um observador que participa (mais comum) ou que não participa da história. Esse tipo de narrador não tem conhecimento pleno dos fatos, uma vez que seu ponto de vista é sempre parcial, limita-se às suas percepções.
- Quando utilizada a **3ª pessoa**, o narrador tanto pode ser onisciente e onipresente (sabe de absolutamente tudo sobre todos e revela os fatos de acordo com sua vontade) ou um observador parcial.
- A **linguagem** compreende os recursos que o narrador utiliza para transmitir sua história. Narração, descrição, diálogos. Fazem parte dessa linguagem os discursos direto, indireto e indireto livre.
 - **Discurso Direto:** nele, as personagens dialogam, com eventual interferência do narrador. As falas são introduzidas por um sinal gráfico como aspas, travessão e, por vezes, antecidas de dois pontos.

Exemplo

“Entrei na cozinha, esquentei a chaleira e, quando voltei com a bandeja do chimarrão, falei para Irene:

— Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos.

Ela deixou cair o tricô e olhou para mim com seus graves e cansados olhos.

— Tem certeza?

Assenti.

— Então — falou pegando as agulhas — teremos que viver deste lado”.

(Julio Cortázar, Casa Tomada)

- **Discurso indireto:** registra a fala dos personagens indiretamente, transmitida pelo narrador.

Exemplo:

“Respirei e ofereci trinta contos. Ele baixou para setenta e mudamos de conversa. Quando tornamos à barganha, subi a trinta e dois. Padilha fez abate para sessenta e cinco e jurou por Deus do céu que era a última palavra. Eu também asseverei que não pingava mais um vintém, porque não valia. Mas lancei trinta e quatro. Padilha, por camaradagem, consentiu em receber sessenta”.

(Graciliano Ramos, São Bernardo).



Marcel Proust: escritor francês, foi um dos pioneiros da literatura moderna, com recursos de linguagem como o discurso indireto livre e o fluxo de consciência

- **Discurso indireto livre:** apresenta uma mescla de vozes. Os pensamentos e falas da personagem chegam diretamente ao leitor, sem apresentar um sinal gráfico que explicita a voz do personagem. Não raro, as vozes do narrador e do personagem se misturam, causando um efeito, um jogo, interessante com o leitor.

Exemplo:

“Em que estariam pensando?, zumbiu Sinhá Vitória. Fabiano estranhou a pergunta e rosou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinhá Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem”. (Graciliano Ramos, Vidas Secas)

EXERCÍCIOS:

Aqueles dois - (História de aparente mediocridade e repressão)

Caio Fernando Abreu

Para Rofran Fernandes:

*"I announce adhesiveness,
I say it shall be limitless,
Unloosen'd
I say you shall yet find the
friend you were looking for."
(Walt Whitman: So Long!)*

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, um deles diria que a repartição era como "um deserto de almas". O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente, entre cervejas, trocaram então ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, *clips* no relógio de ponto, vezenquando salgadinhos no fim do expediente, champanha nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra — talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum se perguntou.

Não chegaram a usar palavras como "especial", "diferente" ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém, que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las. Não que fossem muito jovens, incultos demais ou mesmo um pouco burros. Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de Arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os testes. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está

pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou, no máximo, às sextas, um cordial bom fim de semana, então. Mas desde o princípio alguma coisa — fados, astros, sinas, quem saberá? Conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de "um deserto de almas", para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los — ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam.

II

Eram dois moços sozinhos. Raul tinha vindo do norte, Saul tinha vindo do sul. Naquela cidade, todos vinham do norte, do sul, do centro, do leste — e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais, uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade — de certa forma, também em nenhuma outra —, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel.



Carlos Gardel (1890-1935):
um dos mais famosos cantores de tango

Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava.



“O quarto de Van Gogh em Arles”, quadro de Van Gogh, 1889

Eram dois moços bonitos também, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou, olhos arregalados, uma das secretárias. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia. Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor, mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças. Um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro, e vice-versa. Como se houvesse entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

III

Cruzavam-se, silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando, um pedia um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E teria durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do norte, do sul.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e, respondendo a um vago que houve, contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? *Infância*, Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito. Abalado, convidou Saul para um café e, no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais que nunca parecendo uma prisão ou uma clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Outros filmes viriam, nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperança e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quintete, outro na pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira quando, outra vez, se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta que sequer sabiam claramente ter sentido.

Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafieiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre se enfiavam pelos cantos e sacadas para contar suas histórias intermináveis. Uma noite, Raul pegou o violão e cantou *Tú Me Acostumbraste*. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados que estavam, ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não dissessem, não soubessem o que fazer com elas.

Dia seguinte, de ressaca, Saul não foi trabalhar nem telefonou. Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho *Tú Me Acostumbraste*, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.

IV

Os fins de semana tornaram-se tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe. Domingo depois do almoço, Saul telefonou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas. Há quase seis meses se conheciam. Saul deu-se bem com Carlos Gardel, que ensaiou um canto tímido ao cair da noite. Mas quem cantou foi Raul: *Perfídia, La Barca* e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, *Tú Me Acostumbraste*. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim sutil *llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Jogaram algumas partidas de buraco e, por volta das nove, Saul se foi.

Na segunda, não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espiavam, às vezes cochichando sem que eles percebessem. Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao

quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Saíam e voltavam juntos, desde então, geralmente muito alegres. Pouco tempo depois, com pretexto de assistir a Vagas Estrelas da Ursa na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando *Io Che Non Vivo*, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quatinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? Perguntou. Saul sorriu forte: a gente acostuma.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava — vezenquando *El Día Que Me Quieras*, vezenquando *Noche de Ronda* —, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel, pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. As moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não sabiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três pidades. Quando faltavam dez minutos para as seis, saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda.

V

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário, ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

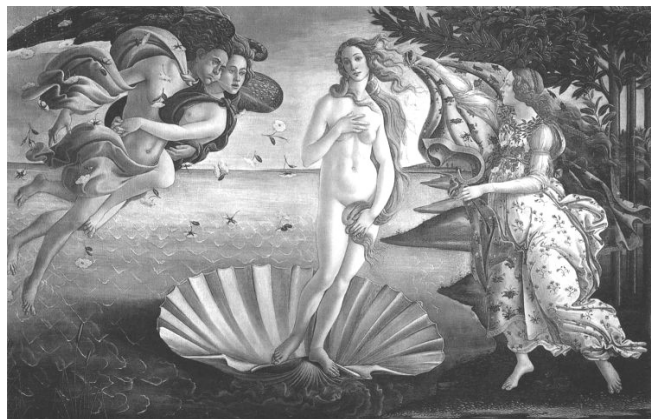
No norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante, nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando mas ele é que devia estar de luto.

Raul voltou sem luto. Numa sexta de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa, mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, ao invés de parecer mais velho ou mais duro, tinha um rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe — eu podia ter sido mais legal com ela,

disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão e, quando percebeu, seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa qualquer como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa; acariciou Carlos Gardel até que os dois dormissem. Mas um pouco antes, sem saber por que, começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. Pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

Depois, chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do Nascimento de Vênus, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quarto de Van Gogh.



“O Nascimento de Vênus”, quadro de Botticelli, 1483.

Saul deu a Raul um disco chamado Os Grandes Sucessos de Dalva de Oliveira. O que mais ouviram foi Nossas Vidas, prestando atenção no pedacinho que dizia até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou.

Foi na noite de trinta e um, aberta a champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do

guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um conseguia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã, Saul foi embora sem se despedir para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias — e tinham planejado, juntos, quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro — ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto. Tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, ouviram expressões como "relação anormal e ostensiva", "desavergonhada aberração", "comportamento doentio", "psicologia deformada", sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul colocou-se em pé. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, entre coisas como a-reputação-de-nossa-firma, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala deserta na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de olhos enormes, sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo, com algumas manchas de café, a letra de *Tú Me Acostumbraste*, escrita a mão por Raul numa tarde qualquer de agosto. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio.

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos postos na janela, a camisa branca de um, a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai, alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens no céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.

Responda às questões:

1. Qual é o foco narrativo do conto de Caio Fernando Abreu?
2. Transcreva três passagens diferentes onde há o uso do discurso indireto livre.
3. Quem são as personagens do conto? Como são classificadas?
4. A história é contada, temporalmente, de forma linear? Justifique.
5. Qual o conflito, a situação-problema, existente na história?
6. Na sua opinião, o conto possui mais de uma possibilidade de interpretação?

O **tipo textual** mais exigido em provas de vestibular é a **dissertação**. Por isso, nas aulas de Redação, esse será o tipo com o qual iremos trabalhar mais.

Na vida cotidiana, constantemente temos que expor ideias, opiniões e pontos de vista. Em muitos casos, queremos até mesmo **persuadir** nosso interlocutor a pensar como nós. Pense bem: essa é uma prática que você adota com amigos, familiares, professores...

Nessas situações, adotamos uma linguagem próxima da dissertação: organizamos um discurso por meio de palavras, textos, frases, utilizando-nos de bons **argumentos** e **exemplos** para explicar nosso ponto de vista a respeito de um determinado assunto. É isso que devemos fazer no texto dissertativo, que pode ser:

Objetivo: o tema em questão também é objetivo, ou seja, diz respeito a todos; qualquer pessoa poderia ter uma opinião e produzir um texto sobre o assunto. Geralmente, remete a questões presentes no debate público. A linguagem adotada é **impessoal** e deve aparentar um tom racional e equilibrado.

Subjetivo: trata-se de um texto que trabalha pontos de vista e experiências muito pessoais e particulares de um indivíduo. No tema da Fuvest em 2002, por exemplo, pediu-se que o estudante falasse sobre sua formação pessoal; assim, o texto deveria, em algum momento, apresentar o uso da 1ª pessoa do singular, algo que só deve ser feito quando a dissertação é **subjetiva**.

Impessoalização do texto

Um texto é pessoal e subjetivo quando pronomes pessoais e possessivos, e verbos conjugados em primeira e terceira pessoas contribuem para que o diálogo se estabeleça entre o autor e o leitor de forma explícita. Nem sempre temos o interesse de deixar explícitas a nossa voz e as diversas vozes que são trazidas para compor um texto. Muitas vezes queremos adotar uma posição impessoal, aparentemente neutra, atenuando a dialogia (relação dialógica com outros discursos) e ocultando o agente das ações. Gramaticalmente, há muitas maneiras de alcançar esse objetivo. Vejamos algumas delas:

- **Generalizar o sujeito, colocando-o no plural:** uma forma elegante de se distanciar relativamente da subjetividade é pluralizar o agente da ação. O uso da primeira e terceira pessoa do plural é a estratégia recomendada quando a intenção é atenuar a subjetividade da primeira pessoa do singular, **sem adotar uma neutralidade absoluta**.
- **Ocultar o agente:** a expressão *é preciso* serve de propósito de neutralidade. As expressões *é necessário*, *é urgente*, *é imprescindível* também são utilizadas para ocultar o agente. Quem precisa? Quem necessita? Para quem é urgente?

Para quem é imprescindível? Não podemos definir com clareza. **Torna-se uma realidade geral, universal, neutra, objetiva.** Os textos dissertativos, informativos, jornalísticos, expositivos e científicos apresentam, muitas vezes, essa característica de ocultar o agente. Tudo é dito como uma realidade apresentada sem intermediários.

- **Colocar um agente inanimado:** outra maneira de impessoalizar o texto é colocar como agente um ser inanimado, um fenômeno, uma instituição ou organização. Quando se escreve frases como “O ministério decidiu”, “A diretoria ordenou”, “O governo protelou”, a responsabilidade em relação à ação está diluída e não se pode identificar claramente de onde ou de quem emanou a iniciativa. É um recurso muito utilizado na administração pública e na política.
- **Uso do sujeito indeterminado:** como a própria nomenclatura indica, não se pode determinar com precisão quem realizou uma ação quando usamos a estrutura de sujeito indeterminado. Ela é muito útil quando queremos inserir uma informação da qual não sabemos a procedência exata. Alguns exemplos: *vive-se preocupado com a alta dos preços*, *acreditava-se em uma diminuição dos impostos*, *falava-se muito em renovação dos quadros do partido*.
- **Uso da voz passiva:** enquanto na voz ativa temos um agente explícito, na voz passiva esse agente pode estar oculto. Assim, usar a passiva sem esclarecer seu agente é um recurso gramatical para impessoalizar a informação. Exemplo: *novas descobertas foram realizadas e está sendo revelado ao mundo que o cérebro é um órgão menos conhecido do que se imaginava*.

Observe o quadro abaixo para mais exemplos:

Subjetivo (sem neutralidade)	Intermediário	Objetivo (neutro)
Nesse texto, <u>procu-rei</u> demonstrar o fato de que o Brasil é um país extremamente desigual.	Nesse texto, <u>procu-ramos</u> demonstrar o fato de que o Brasil é um país extremamente desigual.	Nesse texto, <u>procu-rou-se</u> demonstrar o fato de que o Brasil é um país extremamente desigual.
<u>Acredito</u> que antes de ser um funil intelectual, o vestibular é um funil sócio econômico.	<u>Acreditamos</u> que antes de ser um funil intelectual, o vestibular é um funil sócio econômico.	<u>É sabido</u> que antes de ser um funil intelectual, o vestibular é um funil sócio econômico.
<u>Acho</u> que o Brasil ainda é um país machista.	<u>As pessoas acham</u> que o Brasil ainda é um país machista.	<u>É necessário</u> reconhecer que o Brasil ainda é um país machista.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Basicamente, uma dissertação pode ser dividida em três partes: introdução (tema e tese), desenvolvimento (argumentos que sustentam a tese) e conclusão.

■ **Introdução:** Nessa primeira etapa, a finalidade é situar o leitor acerca do tema que será abordado, bem como apresentar a ele as intenções daquela dissertação. Para isso, espera-se que a introdução tenha ao menos dois elementos:

1. Explicitação do tema: ao ler a introdução, o interlocutor deve inteirar-se do assunto que será abordado no texto.
2. Sentido em que se dará a argumentação, ou seja, uma pista de qual será a sua posição diante do tema da redação, ou seja, a sua tese.

Dessa forma, ao terminar de ler a introdução, o leitor deve estar a par de dois pontos: qual o tema da redação e o posicionamento do autor.

Importante: antes de expor qual será sua posição sobre o tema na introdução é imprescindível pensar nos argumentos que sustentarão sua defesa. Uma introdução que não seja sustentada por argumentos não serve para nada.

■ **Desenvolvimento:** nessa etapa, é hora de convencer o leitor que sua posição, já tomada na introdução, merece crédito. Nesse estágio, o autor, por meio de exemplos, usando seu repertório intelectual e cultural, irá argumentar a favor de sua tese.

■ **Conclusão:** essa etapa encerra a dissertação. Uma boa conclusão é aquela que confirma a tese colocada na introdução e argumentada no desenvolvimento. A conclusão não nasce do nada, mas sim de tudo aquilo que se afirmou na introdução e no desenvolvimento. Nela, o objetivo não é ter uma grande ideia, mas apenas “amarrar” todo o texto.

EXERCÍCIO

A redação abaixo foi considerada acima da média pela banca da Fuvest no exame de 2001. Leia o texto e analise sua estrutura e argumentos.

Sistema excludente, gente descontente

Nas últimas décadas, observa-se a proliferação de movimentos neonazistas e neofascistas, tanto em países do primeiro mundo como do terceiro mundo. As causas do surgimento desses grupos extremistas refletem as inúmeras mudanças ocorridas no mundo nas esferas políticas, econômicas e sociais.

Nos países desenvolvidos, por exemplo, os altos níveis de mecanização nos setores agropecuário e industrial acabam por gerar desemprego. Os imigrantes de países subdesenvolvidos, normalmente proveniente das ex-colônias, que fogem da situação precária em que seus países se encontram, acabam por virar concorrentes aos empregos dos que lá vivem. Esses se sentem injustiçados e acham no xenofobismo e na violência uma forma direta de acabar com o problema que, na verdade, é de natureza estrutural.

Já nos países subdesenvolvidos, o surgimento desses grupos neonazistas está intimamente ligado com a enorme situação de miséria, desemprego, corrupção e descaso político em que os mesmos se encontram. A indignação que toma conta das pessoas acaba, em alguns casos, convertendo-se em ódio e violência. Desse modo, obedecendo-se assim uma espécie de lei natural, onde os mais fracos são oprimidos pelos mais fortes, a violência e intolerância voltam-se para as minorias. Esses grupos acabam, portanto, "tapando o sol com a peneira", pois colocam uma suposta culpa naqueles que (por exemplo, os nordestinos que vêm para o sudeste à procura de emprego) também são vítimas de um sistema capitalista excludente. Todo esse ódio e violência, associados à incapacidade de alguns homens em aceitar as particularidades e diferenças de cada um, gera a perseguição aos judeus, gays etc.

Percebemos desse modo que o surgimento contínuo dessas manifestações de ideologia nazista tem explicação com base nas transformações ocorridas no planeta do ponto de vista econômico que, por sua vez, geram exclusão social e, conseqüentemente, a raiva e intolerância de grupos que para serem ouvidos pela sociedade e governantes agem, erroneamente, de forma violenta e inconsequente, não melhorando a situação e só contribuindo para mais injustiças sociais.

Frase é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. A parte da gramática que descreve as regras segundo as quais as palavras se combinam para formar frases chama-se sintaxe. A frase pode ser constituída:

■ de uma só palavra:

Fogo!
Atenção!
Silêncio!

■ de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:

Que estrada perigosa!
Vivi muitos anos no interior.

A **oração** é uma frase que contém um verbo:

A menina **sujou** o vestido novo de lama.
O filme **tinha sido** aclamado pela crítica.

Obs.: na segunda frase, temos uma locução verbal, o que equivale a uma ação verbal, logo, a uma oração apenas.

Período é a frase organizada em uma ou mais orações.

Chegou bem cedinho e logo **saiu** para comprar pão.

O período termina sempre por uma pausa bem definida, marcada na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

EXERCÍCIOS

Leia cada um dos parágrafos abaixo e conte quantas orações há em cada período. Em seguida, responda: qual o número máximo de orações que você observou? Os períodos podem ser considerados longos ou curtos?

“A crise atual do capitalismo mundial é evidenciada, entre outras coisas, pelo “estouro” do sistema de créditos imobiliários nos Estados Unidos e pelo prejuízo de 10 bilhões de dólares registrado pelo Citibank, o maior desde 1945. Não se trata de uma crise qualquer, nem de “mais uma” entre tantas outras: de fato, ameaça transformar-se em uma quebra de grandes proporções. O espectro de 1929 assusta o mercado financeiro e expõe a olhos nus o frágil edifício sobre o qual se construiu a chamada ‘globalização’” (José Arbex Jr.).



José Arbex Jr. é jornalista e escritor. Foi editor do jornal Brasil de Fato e é editor especial da revista Caros Amigos.

“Digo tudo isto porque li que chegou uma delegação do FMI para avaliar a situação econômica brasileira e estudar novas maneiras de nos ajudar. Como se sabe, não há nada mais perigoso do que ser ajudado pelo FMI hoje em dia. O FMI ajudou a Indonésia e outros países asiáticos a se recuperarem dos efeitos da política financeira recomendada pelo FMI e agora eles não conseguem se recuperar dos efeitos da ajuda. Com a Rússia foi a mesma coisa. Não existe, mesmo, país no mundo que não esteja pior depois da ajuda do FMI do que antes. E agora eles estão aqui para nos dizer o que fazer. Não adianta imitar aquela velhinha que tentou convencer o escoteiro que não queria atravessar a rua. Além de ser carregada para o outro lado esperneando, ainda foi chamada de ingrata. O FMI vai nos salvar nem que nos mate. O único país que se beneficia com a ajuda que o FMI dá aos outros é o que não precisa dela, os Estados Unidos. O negócio, portanto, é ir todo o mundo para a frente do hotel deles e gritar junto comigo:

- Me American! Don't help! Me American!
Não vejo outra saída.”

(Luis Fernando Verissimo)



Luis Fernando Verissimo é escritor e jornalista. Entre seus livros estão “O Analista de Bagé” e “O clube dos Anjos”.

PARÁGRAFOS ORGANIZADORES

Os parágrafos de introdução e conclusão de uma dissertação desempenham papel importante na organização do texto.

Depois de delimitar o tema e fazer o plano de estruturação do seu texto: introdução (tema e tese), desenvolvimento (argumentação) e conclusão, é necessário pensar no parágrafo de abertura. Precisa ser claro e chamar a atenção para dois itens básicos: o objetivo do texto e o plano de desenvolvimento (tema + tese). Veja como o autor Joel Rufino dos Santos introduz o texto em seu livro “O que é racismo”:

“O racismo não é produto de mentes desequilibradas, como ingenuamente se poderia supor; como tola mente se poderia pensar. É produto da racionalidade e da história.”

Note como o autor delimita bem o que pretende demonstrar: que é tolice e ingenuidade pensar que o racismo resulta de desequilíbrio mental; ao contrário, o preconceito de cor é historicamente construído de forma racional.

Quanto ao parágrafo de conclusão, geralmente deve conter, de forma sintética, o objetivo proposto na introdução, acrescido da argumentação básica empregada no desenvolvimento do texto. Atendidos esses requisitos básicos, você pode também optar por inserir uma questão de reflexão, ou uma solução, para o leitor. Veja o exemplo extraído de um texto de vestibular da Unicamp (a conclusão está sublinhada):

“(...) Uma das angústias do vestibular está em que ele exige, da parte do estudante, quando ele tem 18 ou 19 anos, uma definição clara daquilo que ele vai ser pelo resto da vida. Ajudaria muito se tal definição não fosse exigida: se o ingresso na Universidade fosse a ocasião para o aluno tomar contato com várias possibilidades.

É irracional pedir que alguém tenha ideias claras e decisões tomadas sobre algo que nunca experimentou.”

Observe como o autor emitiu sua opinião e fechou a principal ideia abordada sobre o assunto baseando-se em argumentos que haviam sido dados anteriormente.

EXERCÍCIOS

1) Redija um parágrafo de conclusão para o texto abaixo. Depois, dê um título e responda em uma folha separada: qual é o tema do texto? Qual é a tese exposta? Que argumentos sustentam a tese? Qual a conclusão?

Título:

O Brasil concentra em torno de 12% da água doce do mundo disponível em rios e abriga o maior rio em extensão e volume do Planeta, o Amazonas. Além disso, mais de 90% do território brasileiro recebe chuvas abundantes durante o ano e as condições climáticas e geológicas propiciam a formação de uma extensa e densa rede de rios, com exceção do Semi-Árido, onde os rios são pobres e temporários.

Essa água, no entanto, é distribuída de forma irregular, apesar da abundância em termos gerais. A Amazônia, onde estão as mais baixas concentrações populacionais, possui 78% da água superficial. Enquanto isso, no Sudeste, essa relação se inverte: a maior concentração populacional do País tem disponível 6% do total da água. Mesmo na área de incidência do Semi-Árido (10% do território brasileiro; quase metade dos estados do Nordeste), não existe uma região homogênea. Há diversos pontos onde a água é permanente, indicando que existem opções para solucionar problemas sócio-ambientais atribuídos à seca.

A água limpa está cada vez mais rara na Zona Costeira e a água de beber cada vez mais cara. Essa situação resulta da forma como a água disponível vem sendo usada: com desperdício – que chega entre 50% e 70% nas cidades –, e sem muitos cuidados com a qualidade.

Assim, parte da água no Brasil já perdeu a característica de recurso natural renovável (principalmente nas áreas densamente povoadas), em razão de processos de urbanização, industrialização e produção agrícola, que são incentivados, mas pouco estruturados em termos de preservação ambiental e da água.

Nas cidades, os problemas de abastecimento estão diretamente relacionados ao crescimento da demanda, ao desperdício e à urbanização descontrolada – que atinge regiões de mananciais. Na zona rural, os recursos hídricos também são explorados de forma irregular, além de parte da vegetação protetora da bacia (mata ciliar) ser destruída para a realização de atividades como agricultura e pecuária. Não raramente, os agrotóxicos e dejetos utilizados nessas atividades também acabam por poluir a água.

A baixa eficiência das empresas de abastecimento se associa ao quadro de poluição: as perdas na rede de distribuição por roubos e vazamentos atingem entre 40% e 60%, além de 64% das empresas não coletarem o esgoto gerado. O saneamento básico não é implementado de forma adequada, já que 80% dos esgotos domésticos e 70% dos efluentes industriais são jogados sem tratamento nos rios, açudes e águas litorâneas, o que tem gerado um nível de degradação nunca imaginado.

(*Almanaque Brasil Socioambiental, 2008*).

2) Redija um parágrafo de introdução para o seguinte texto. Depois, dê um título e responda em uma folha separada: qual é o tema do texto? Qual é a tese exposta? Que argumentos sustentam a tese? Qual a conclusão?

Título:

[illegible]

Hoje, no entanto, os tempos são de apelos à paz, ao respeito dos direitos humanos e à valorização da democracia e da política em seu sentido amplo como formas de se resolver conflitos entre povos e nações. Na modernidade, o Estado se tornou cada vez mais complexo ao abarcar cada vez mais setores da sociedade, regulando a convivência pelas leis do Direito e pela condenação ao crime e à violência. As guerras, no entanto, continuam presentes. Seria algo inevitável, a despeito da utopia pacifista de um mundo sem guerra? A guerra é uma característica inerente ao ser humano em sociedade?

O contexto atual coloca em debate, dessa forma, a atuação das forças armadas nos estados democráticos. Conflitos entre a opinião pública e decisões de chefes de Estado de empreender guerras têm sido cada vez mais frequentes, como o caso da Guerra do Iraque, país ocupado militarmente pelos EUA desde 2003 à revelia de diretrizes internacionais.

(Revista SESCTV, outubro de 2007)

PLANEJE SEU TEXTO

Antes de escrever uma redação, é extremamente importante fazer um planejamento do texto. Essa prática é vital para que o texto tenha coesão, ou seja, que todas as ideias e parágrafos estejam relacionados e bem “amarrados” uns aos outros.

Muitos estudantes têm o péssimo hábito de “ir escrevendo” conforme as ideias “vão aparecendo”. O resultado, via de regra, é um texto desconexo e confuso.

Imagine um artista plástico que se propõe a pintar um quadro. O primeiro passo é pensar sobre qual seu objetivo ao fazer essa obra, que reação, que debate quer desencadear. Depois, escolhe com quais instrumentos irá trabalhar: se será tinta, giz, aquarela; se usará papel ou uma tela. Pode ainda perceber que uma fotografia ou uma escultura é mais adequada para alcançar seu objetivo.

Feito isso, o que se segue, certamente, são inúmeros esboços. Claro que pode-se “mudar de ideia” no meio desse processo, mas, uma vez que isso acontece, todo o planejamento deve ser repensado também.

Não há uma receita única e infalível para se fazer um planejamento. É importante que, com a prática, o estudante comece a perceber qual método considera mais adequado para ele mesmo. A seguir, veja alguns exemplos de como organizar a sua redação:

- fazer anotações soltas, independentes;
- fazer uma lista de palavras-chave;
- anotar tudo que vem à mente desordenadamente para depois cortar e ordenar;
- elaborar um resumo das ideias para depois acrescentar detalhes, exemplos, ideias secundárias;
- construir um primeiro parágrafo para desbloquear e depois ir desenvolvendo as ideias ali expostas;
- descrever as ideias principais e secundárias em frases isoladas para depois interligá-las;
- elaborar inicialmente uma espécie de sumário ou esquema geral do texto;
- organizar mentalmente os grandes blocos do texto, escrevê-lo e reestruturá-lo várias vezes.

TIPOS DE TEMA

O tema da redação dos vestibulares, quando uma dissertação, pode ser classificado de diferentes formas:

Tema Objetivo

Trata-se do assunto de domínio geral, ou seja, que está ao alcance de toda a sociedade. Se pensarmos na ideia de um círculo de pessoas em torno de um objeto, observamos a seguinte situação: apesar de ocuparem pontos diferentes, todos têm uma visão do objeto e podem fazer suas próprias considerações sobre ele. Tal ilustração é frequentemente

usada como metáfora da democracia, pois o que é de domínio público faz parte da sociedade e, portanto, deve ser questionado, melhorado ou rejeitado pelos membros dessa mesma sociedade.

Tema subjetivo

Se, por um lado, o objeto que está posto à luz pública está sujeito ao olhar de todo cidadão, por outro, já não se pode dizer o mesmo sobre o que está “dentro de cada pessoa”. Dizemos que a “intimidade” de alguém é algo inviolável, portanto, o domínio aí implicado é da ordem do privado.

Etimologicamente, os termos “objetivo”, “subjetivo” e “adjetivo” têm suas raízes históricas no Latim. Perceba os prefixos “ob”, “sub” e “ad”, que significam, respectivamente, “para longe”, “para dentro” e “para junto”. “Jecto” nesta língua tem o mesmo significado de “objeto”. O termo “jecto” junto aos prefixos deu forma aos termos objetivo = “afastado do objeto”, subjetivo = “objeto dentro, oculto” e adjetivo = “junto com o objeto”. A partir daí, depreendemos significados primordiais, assim como a noção de que um tema subjetivo não pode ser observado por outra pessoa senão aquela que tem o “objeto dentro de si”. O lar de um cidadão qualquer é considerado um lugar privado, ou seja, onde nenhum outro olhar pode penetrar.

Tema aberto ou interpretativo

Quando não há clareza quanto ao tema proposto numa prova, quando há dúvidas sobre qual assunto deve-se dissertar, certamente se está diante de um tema interpretativo.

Esse é um dos tipos mais complexos, pois, ao mesmo tempo em que possibilita ao aluno certa liberdade de leitura, é também um perigo para aqueles que encaram a interpretação de texto como um devaneio particular. Logo, deve-se estar atento para não fazer uma leitura imaginosa; por mais que haja “flexibilidade” na abordagem, há também um sentido tendencialmente comum a todos.

Tema Fechado

O tema fechado nunca dá margem a interpretações, pois não permite que se escreva sobre um assunto diferente daquele que está proposto no enunciado da prova.

Abaixo, há uma seleção de temas da prova de Redação da Fuvest das décadas de 1970/80/90. Leia-os atentamente:

TEMAS NA FUVEST

Fuvest 1978

Imagine a seguinte situação:

– Hoje você está completando dezoito anos.

Redação

- Neste dia, você recebe pelo correio uma folha de papel em branco, num envelope em seu nome, sem indicação do remetente.
- Além disso, você ganha de presente um retrato seu e um disco.

REFLITA sobre essa situação.

A partir da reflexão feita, redija um texto em prosa.

Fuvest 1981

Trace uma linha horizontal dividindo ao meio a página destinada à redação. Na parte superior analise o significado da frase "O menino é pai do homem".

Na parte inferior narre um fato de sua infância que você considere significativo para sua formação.

Fuvest 1982

Suponha que você foi surpreendentemente convidado para uma festa de pessoas que mal conhece. Conte, num texto em prosa, o que teria ocorrido, imaginando também os pormenores da situação. Não deixe de transmitir suas possíveis reflexões e impressões. Evite expressões desgastadas e ideias prontas.

Fuvest 1983

Escreva uma história cujo final seja o seguinte anúncio: "Vende-se uma motoca"

Fuvest 1984

Redija um texto em prosa sobre o seguinte tema:
Relógios

Fuvest 1989

*Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.*

Discuta as ideias contidas nos versos acima, confrontando-as com o momento que vivemos hoje no Brasil.

Fuvest 1988

Texto nº 1

"Voltemos à casinha. Não serias capaz de lá entrar hoje, curioso leitor; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira. O mundo era estreito para Alexandre; um desvão de telhado é o infinito para as andorinhas."

(Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas)

Texto nº 2

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia, ..."

(Fernando Pessoa, Poemas de Alberto Caeiro)



O quadro é do pintor surrealista René Magritte (1898-1967).

A frase nele inscrita (em francês) significa:

"ISTO CONTINUA A NÃO SER UM CACHIMBO"

A partir da relação entre este quadro e os textos nº 1 e nº 2 é possível afirmar que tudo é relativo? E que a realidade é uma ilusão?

Redija uma dissertação, defendendo o seu ponto de vista a esse respeito.

TEXTO COMPLEMENTAR:

Fuvest 1995

Relacione os textos e as imagens seguintes e escreva uma dissertação em prosa, discutindo as ideias neles contidas e expondo argumentos que sustentem o ponto de vista que você adotou.



Em muitas pessoas já é um descaramento dizerem "Eu".
(T. W. Adorno)

Não há sempre sujeito, ou sujeitos. (...) Digamos que o sujeito é raro, tão raro quanto as verdades.
(A. Badiou)

Todos são livres para dançar e para se divertir, do mesmo modo que, desde a neutralização histórica da religião, são livres para entrar em qualquer uma das inúmeras seitas. Mas a liberdade de escolha da ideologia, que reflete sempre a coerção econômica, revela-se em todos os setores como a liberdade de escolher o que é sempre a mesma coisa.
(T. W. Adorno)

EXERCÍCIOS:

1. Como se classifica cada tema?
2. Ao longo dos anos como foi mudando o perfil da prova de Redação da Fuvest?
3. Como você compara as provas “antigas” em relação às dos últimos 5 anos?

COERÊNCIA

Um texto coerente mantém uma unidade de sentido. Esse sentido diz respeito tanto ao texto em si (coerência interna) como à relação que mantém com aspectos conhecidos da realidade (coerência externa).

Observe os textos abaixo:

Exemplo 1

“Vitório era Gordinho, atarracado e briguento. Não gostava de reuniões familiares e adorava ver tevê e se encher de porcarias – no que se refere a comidas... Namorava Sueli, a garota mais cobiçada do emprego, que conseguira após meses de desemprego graças à ajuda do pai, professor aposentado.

Em uma festa de aniversário de seu sobrinho favorito, Vitório encontra um parente distante, que, provocativamente, deu um empurrão em Sueli, derrubando-a no chão. O namorado socorreu-a sem dar maior importância ao fato. “Da mesma forma, ela aproximou-se do desconhecido e começou uma enorme discussão, que acabou em briga”.

Nesses parágrafos narrativos podemos verificar diversas incoerências:

- **contradição** entre características e ações de Vitório: avesso às reuniões de família, participa de uma festa de aniversário; é briguento, mas assume uma postura passiva diante de uma provocação.
- **Inclusão** de informações impertinentes, sem importância: o desemprego e o auxílio do pai não têm relevância para a história que é contada.
- **Emprego inadequado de conectivo**: a expressão “da mesma forma” deveria introduzir uma ação semelhante à anteriormente narrada, mas Sueli teve uma reação oposta à de Vitório.

Exemplo 2

Ao contrário do que se pensa, a difícil relação entre pais e filhos não é um problema exclusivo da vida contemporânea. Desde os tempos mais remotos, o homem sempre teve problemas ao tentar educar seus filhos. Além disso, a vida contemporânea acabou trazendo muitos outros problemas nessa já difícil relação como, por exemplo, as drogas.

Atualmente acredita-se que as drogas são o maior problema da relação entre pais e filhos. Esquece-se, entretanto, da recente questão da adoção, que acaba criando, de um lado, os pais biológicos e, de outro, os pais adotivos. Essa situação conduz à seguinte pergunta – quem são os verdadeiros pais: os biológicos ou adotivos?

Nesses parágrafos dissertativos podemos verificar diversas incoerências:

- **exploração de pressupostos questionáveis sobre a realidade**: a primeira afirmação – sobre um consenso quanto à relação entre pais e filhos – é questionável, pois não parece

que para a maioria o problema seja específico do século XXI, mas apenas mais intenso na atualidade. Talvez uma troca vocabular – problema “exclusivo” por problema “maior”, mais “intenso” - corrigisse o pressuposto discutível.

■ **emprego inadequado do conectivo:** o “além disso” relaciona mal as informações, não se trata de acrescentar de modo compatível uma dificuldade de relação entre pais e filhos desde a antiguidade em relação ao uso de drogas, mas de destacar o fato de que as drogas são um elemento a mais a dificultar a relação familiar.

■ **inclusão de informações não pertinentes ao texto:** se, como mostra o segundo parágrafo será discutida a relação entre pais e filhos adotivos, não parece pertinente citar a questão das drogas.

EXERCÍCIOS

“O elevador do Brasil funciona?”

Uma pesquisa recente derrubou um velho mito: o de que o Brasil é um país onde não há espaço para a ascensão social. O trabalho, um dos mais completos sobre mobilidade social e desigualdade no Brasil, de autoria dos sociólogos José Pastore e Nelson do Valle Silva, mostrou que a mobilidade social no país foi, durante o século 20, maior até mesmo que em alguns países da Europa. Enquanto na Alemanha e na Itália a mobilidade alcançou, em média, 53% das pessoas, no Brasil esse índice atingiu 58% até a década de 70, e passou para 63% nos últimos 30 anos. É bom lembrar que essa mobilidade de classes pode ser para cima ou para baixo. No caso do Brasil, a boa notícia é que, desde os anos 70, quase 87% da população conquistou uma condição de vida melhor ou igual à de seus pais, enquanto pouco mais de 13% perdeu posições nos estratos sociais.

Os sociólogos mostraram com sua pesquisa que é errônea a ideia de que a elite do país multiplica-se numa redoma impermeável. Na verdade, a mobilidade social é ainda maior nas classes mais altas. Segundo a pesquisa de José e Nelson, pelo menos 82% de quem está no topo da pirâmide social brasileira encontrava-se em nível mais baixos da hierarquia e apenas 18% herda essa situação dos pais. Todos esses números parecem contraditórios quando se imagina o tamanho das desigualdades sociais no país. Pastore explica que esse problema está ligado às distâncias percorridas no deslocamento entre classes. “O volume de pessoas que se move é muito grande, mas a maioria sobe pouco e uma minoria sobe muito”, afirma.

Numa sociedade representada por uma pirâmide alta, de base larga e cume estreito, a relação entre a mobilidade intensa e a desigualdade persistente é explicada pelo crescimento demográfico elevado entre as famílias de classes baixas. Mesmo que a ascensão aos extratos imediatamente superiores seja intensa, o grande número de nascimentos torna lento o encolhimento das camadas mais pobres da população. Ou seja, o elevador social brasileiro funciona. O problema é que não cabe todo mundo nele.

(Superinteressante / Antonio Neto; agosto 2003)

Responda:

1. No início do texto o autor aponta que no Brasil há mobilidade social e ascensão social. Porém, no final, diz que “o elevador social funciona. O problema é que não cabe todo mundo nele”. Isso é uma contradição? Justifique.

2. O autor compara o Brasil e a Europa afirmando que há mais mobilidade social aqui do que lá. No entanto, é sabido que a desigualdade social é muito menor nos países europeus. Levando em conta essa afirmação, comente a comparação feita pelo autor.

Leia o texto abaixo e, a seguir, responda as questões:

A Poção Mágica

O mundo mudou depois de 11 de setembro. A administração Bush, inicialmente voltada para um fechamento dos EUA sobre si mesmos, cujo símbolo era o projeto de escudo interbalístico, que protegeria essa nação de mísseis intercontinentais, afirma-se agora claramente como imperial. Sua doutrina militar sofreu uma alteração substancial. Doravante, a prioridade são ataques preventivos, que eliminem os possíveis focos que ameacem e ataquem os Estados, que lhes dêem cobertura e, sobretudo, que tenham armas químicas e biológicas. (...)

Talvez o mundo, no futuro, mostre que o problema da democracia passa pela influência que países, empresas, sindicatos e meios de comunicação venham a exercer sobre a opinião pública estadunidense -- que pode, ela sim, mudar os rumos do império.

Não esqueçamos que a Guerra do Vietnã terminou devido à influência decisiva da opinião pública dos EUA sobre o centro de decisões políticas. Os países deverão se organizar para atuar sobre a opinião pública norte-americana.

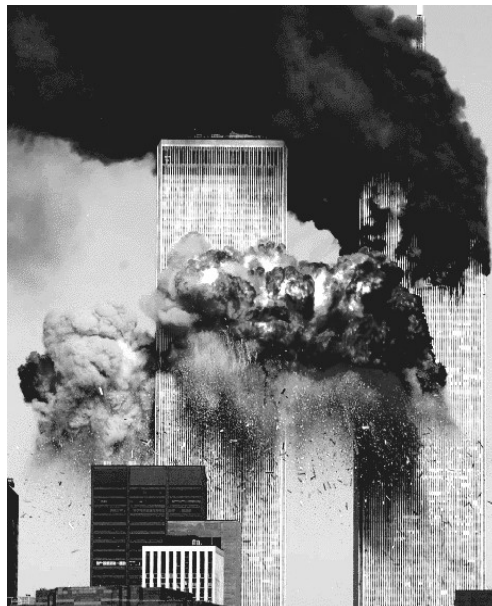
Se essa descrição dos fatos é verdadeira, nenhuma política futura poderá ser baseada em um confronto direto com os EUA ou em um questionamento dos princípios que regem essa nação. A autonomia, do ponto de vista econômico, social, militar e político, pertence ao passado. Poderemos ter nostalgia dela, mas seu adeus é definitivo. O que não significa, evidentemente, que tenhamos de acatar tudo o que de lá vier; é imperativo reconhecer, porém, que a realidade mudou e que embates radicais estão fadados ao fracasso.

Na época do Império Romano, o general César ou os imperadores subsequentes não estavam preocupados com o que se passava na Gália. Seus exércitos vitoriosos exerciam uma superioridade incontestada. Era mais sensato negociar com eles do que enfrentá-los.

Se uma Gália moderna achar que pode deixar de honrar contratos, burlar a democracia, fazer os outros de bobos, mudando seu discurso a cada dia ou cada mês, sua política se tornará imediatamente inexecutável.

Contudo, se, mesmo assim, esse povo decidir eleger um Asterix, convém lembrar que foi perdida para sempre a fórmula da poção mágica e suas últimas gotas se evaporaram no tempo.

(Denis Lerrer Rosenfeld)



Contra-ataque às Torres Gêmeas de Nova Iorque, em 11 de Setembro de 2001

1. Qual a tese central do texto acima?
2. O posicionamento do autor é pró ou contra um enfrentamento com os EUA? Por quê?
3. O autor cita que a opinião pública estadunidense teve uma “influência decisiva” para a retirada das tropas dos EUA do Vietnã. Essa afirmação é coerente, sustenta-se?
4. Na sua opinião, o texto de Rosenfeld incentiva a ação ou a passividade?

A palavra texto deriva do latim *textum*, que significa “tecido, entrelaçamento”. Há, portanto, uma razão etimológica para nunca esquecermos que o texto resulta da ação de tecer, de entrelaçar unidades e partes a fim de formarmos um todo interrelacionado. Daí se pode falar em textura ou tessitura do texto: a rede de relações que garante sua coesão, sua unidade.

Como garantir essa unidade? Primeiro, deve estar claro que, ao escrever, a preocupação já não é apenas com nossas próprias ideias, mas principalmente com a maneira como essas ideias serão apreendidas pelo leitor, para o qual não teremos chance de explicar melhor alguma passagem mais confusa. **Por isso, ao longo da redação, você deve ler e reler seu texto quantas vezes forem necessárias**, sempre se perguntando: estou me expressando de forma clara? Meu leitor entenderá exatamente o que eu quero dizer? Há ambiguidades? Estou seguindo uma linha de raciocínio contínua?

Seguir uma linha de raciocínio contínua, ou seja, concatenar as ideias e parágrafos de forma lógica, é o que chamamos de **coesão textual**. Não basta ter bons argumentos e uma gramática impecável para se fazer uma boa redação. Um texto não é uma simples justaposição de frases corretas, uma após a outra. Exige **um entrelaçamento rigoroso das ideias** que estão sendo expostas.

Podemos construir a coesão textual por meio de diversos recursos. Um deles é a **manutenção do tema**. Há também recursos gramaticais. Quando fazemos uma simples concordância (verbal, gênero e número), estamos reforçando a coesão. Observe o exemplo:

Mulheres velhas, novas, desempregadas, feministas, trabalhadoras, estudantes: **todas saíram** às ruas no dia 8 de março.

Os adjetivos estão concordando em gênero (feminino) e número (plural), pois se **ligam** à palavra mulheres. O pronome “todas”, além da concordância, é um instrumento de coesão, pois se refere a “mulheres”. Já o verbo “saíram”, ao concordar com a 3ª pessoa do plural, também faz referência a “mulheres”.

Ainda temos os seguintes tipos de coesão: referencial, lexical, por elipse, por substituição.

Referencial:

Essa coesão se realiza pela citação de elementos do próprio texto. É um recurso muito utilizado para não se repetir uma mesma palavra inúmeras vezes em um texto. Exemplo:

A globalização neoliberal tem sido muito discutida. Resta saber quais são as alternativas existentes a **ela**.

Lexical:

Num texto, devido à manutenção do tema, retomamos uma palavra recorrentemente. Entretanto, repetir um mes-

mo termo diversas vezes deixa o texto empobrecido. Assim, busca-se a utilização de sinônimos. Exemplo:

Hoje, a **África subsaariana** - região que compreende todos os 42 países do continente que estão abaixo da região do deserto do Saara - é o maior foco da epidemia de **AIDS**. Cerca de 76% das mortes relacionadas com a **doença** em 2006 ocorreram no **continente**.

Por elipse:

É quando um termo é omitido, mas está ligado a uma palavra já mencionada anteriormente. Exemplo:

A menina, ao dobrar a esquina, sabia que estava deixando tudo para trás. **Chorou, soluçou**, mas, enfim, **sorriu convencida** de que aquilo não era apenas um fim, mas também um recomeço.

Por substituição:

Podem-se substituir substantivos, verbos, períodos ou largas parcelas de texto por conectivos ou expressões que resumem ou retomam o que já foi dito. Alguns exemplos de expressões que servem para esse objetivo são: “Diante desse quadro”; “Em vista do ocorrido”; “Tudo o que foi dito”; “Diante do que foi exposto”.

LEIA O TEXTO ABAIXO:

Existe música para todos os gostos e todas as ocasiões. Algumas doenças podem ser curadas pela música. A década de 60, no Brasil, foi uma época de muitas repressões e restrições, as canções dessa década mostram perfeitamente isso. As canções podem falar de amor, de política ou simplesmente retratar a realidade.

Há pessoas que gostam de escutar canções calmas, outras que preferem as mais agitadas. Algumas pessoas gostam de músicas só com os instrumentos e outras com um cantor.

A história nos mostra o poder curativo das canções, não que elas sejam um remédio milagroso, mas para algumas doenças, ela pode levar à cura. Existem estudos que comprovam e demonstram essa propriedade da música.

As canções podem ter um caráter ilustrativo, ou seja, demonstrar uma situação ou um fato ocorrido. No Brasil, podem-se citar as músicas feitas na década de 60, elas mostram perfeitamente a repressão da época da ditadura militar no Brasil, muitos compositores foram expulsos do Brasil por causa das letras das músicas.

Os compositores podem escrever as letras das músicas que lhes convier, alguns escrevem falando sobre amor, outros relatam o que está acontecendo com o Brasil, como a música “Comida” de Arnaldo Antunes e Marcelo Frommer, que falam claramente do desejo da população brasileira.

A música pode ser um excelente remédio, ou uma poderosa arma, felizmente o homem a está usando para um bem, individual ou coletivo. Não importa o tipo e a hora que se

ouve a música, o importante é a tranquilidade que ela nos passa. As pessoas encontram música em tudo, do assobio de um pássaro a um barulho de um motor em pleno funcionamento.

No texto acima, o autor mantém o mesmo tema: música. Isso, entretanto, não é suficiente para garantir a coesão textual, como podemos verificar. As ideias estão postas lado a lado, sem hierarquia, sem encadeamento lógico.

Quando um texto apresenta problemas de coesão, peca por:

- Ter falta de hierarquia entre as ideias;
- Não permitir que se saiba ao certo a relação entre as ideias e palavras;
- Apresentar um texto “truncado”, ou seja, que não flui;
- Apresentar trechos confusos, ambíguos, sem sentido;
- Estilo infantil (causado pela repetição).

Vejamos uma possibilidade de arrumar o texto reordenando suas ideias. Vamos, primeiramente, dividir as ideias centrais do texto em:

Ideias gerais sobre música

Música e política

Música e saúde

Existe música para todos os gostos e todas as ocasiões.

Algumas doenças podem ser curadas pela música. A década de 60, no Brasil, foi uma época de muitas repressões e restrições, as canções dessa década mostram perfeitamente isso. As canções podem falar de amor, de política ou simplesmente retratar a realidade.

Há pessoas que gostam de escutar canções calmas, outras que preferem as mais agitadas. Algumas pessoas gostam de músicas só com os instrumentos e outras com um cantor.

A história nos mostra o poder curativo das canções, não que elas sejam um remédio milagroso, mas para algumas doenças, ela pode levar à cura. Existem estudos que comprovam e demonstram essa propriedade da música.

As canções podem ter um caráter ilustrativo, ou seja, demonstrar uma situação ou um fato ocorrido. No Brasil, podem-se citar as músicas feitas na década de 60, elas mostram perfeitamente a repressão da época da ditadura militar no Brasil, muitos compositores foram expulsos do Brasil por causa das letras das músicas.

Os compositores podem escrever as letras das músicas que lhes convier, alguns escrevem falando sobre amor, outros relatam o que está acontecendo com o Brasil, como a música “Comida” de Arnaldo Antunes e Marcelo Frommer, que falam claramente do desejo da população brasileira.

A música pode ser um excelente remédio, ou uma poderosa arma, felizmente o homem a está usando para um bem, individual ou coletivo. Não importa o tipo e a hora que se ouve a música, o importante é a tranquilidade que ela nos passa. As pessoas encontram música em tudo, do assobio de

um pássaro a um barulho de um motor em pleno funcionamento.

Agora, fazendo as mudanças gramaticais adequadas e reorganizando as ideias, podemos ter como resultado:

Existe música para todos os gostos e todas as ocasiões. As canções podem falar de amor, de política ou simplesmente retratar a realidade e, até mesmo, promover a cura de doenças.

Há pessoas que gostam de escutar canções calmas, outras que preferem as mais agitadas; algumas pessoas gostam de música instrumental e outras de música cantada. Não importa o tipo e a hora em que se ouve música, o importante é o sentimento que ela transmite, pois pode-se encontrar música em tudo, do assobio de um pássaro a um barulho de um motor em pleno funcionamento.

Assim, como o gosto do público é diversificado, os compositores podem escrever as letras das músicas da forma que lhes convier. Alguns escrevem falando sobre amor, outros relatam o que está acontecendo com o Brasil, como a música “Comida” de Arnaldo Antunes e Marcelo Frommer, que falam claramente do desejo da população.

Essa vertente de músicas voltadas para a questão social não é nova. Canções feitas na década de 60, no Brasil, mostram como essa foi uma época de muitas repressões e restrições, em virtude da Ditadura Militar. Muitos cantores e compositores foram até mesmo obrigados a se exilar do país em função ao conteúdo contestatório de suas canções.

Além de ocasionar prazer estético e de denunciar problemas sociais, pesquisas mostram o poder curativo das canções. Não que sejam um remédio milagroso, mas podem levar à cura de algumas doenças.

Compreende-se, então, que a música pode ser uma fonte de alegria e prazer, uma forma de conscientização e denúncia social ou um excelente remédio. Com tantos benefícios, não causa surpresa ver que o homem sempre está em contato com a música.

■ São instrumentos gramaticais de coesão: pronomes pessoais (retos e oblíquos), demonstrativos, possessivos e relativos; conjunções.

■ As **conjunções** são palavras que ligam e estabelecem relações entre os termos de um período. Podem estabelecer uma relação de:

Adição: e, nem.

Contradição: mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto (são as chamadas adversativas).

Alternativa: ou, ora, quer, seja, nem.

Conclusão: logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim.

Explicação: que, porque, pois, porquanto.

Causa: porque, como, pois, porquanto, pois que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que.

Concessão: embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, por mais que, por menos que, apesar de que, nem que, que.

Condição: se, caso, contanto que, salvo se, sem que [= se não], dado que, desde que, a menos que, a não ser que.

Fim: para que, a fim de que, porque [= para que].

Tempo: quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal.

Comparação: que, do que, qual, quanto, como, assim como, bem como, como se, que nem.

Consequência: tal, tanto, tão ou tamanho, de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que.

Concordância: Segundo, conforme, como, de acordo com, consoante (conformativas).

Proporção: à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... tanto mais.

EXERCÍCIOS:

1. Use a conjunção correta para estabelecer relação entre as frases em cada item. Faça alterações, se necessário.

- Milhares compareceram à manifestação. Choveu a tarde toda.
- Não houve quórum para realizar a assembleia. Remarcou-se a assembleia.
- O presidente anunciou um novo programa. Alcançar um maior crescimento econômico neste ano.
- Devem ser construídas mais escolas públicas. Há muitos jovens sem uma vaga para estudar.
- Os recursos serão utilizados. Sua utilização ocorrerá quando houver a liberação.

2. Complete com a conjunção adequada.

- _____ pesquisa feita por Centro de Estudos ligado à USP, o preço médio bruto do litro de leite nacional passou de R\$ 0,50 em fevereiro para R\$ 0,62 em junho.
- As Viagens de Gulliver começam de maneira nada auspiciosa. Seu navio naufraga. _____ Gulliver consegue nadar para a costa. Exausto, ele adormece. _____ acorda, percebe que está seguramente amarrado. Seu corpo e seus longos cabelos foram atados firmemente ao chão pelo minúsculo povo de Lilliput. Tudo isso lembra um pouco a situação dos Estados Unidos no Iraque. A hiperpotência está agora amarrada _____ tão firme _____ Gulliver diante dos liliputianos. A virada no controle do Congresso, em janeiro, agravou esses problemas, _____ a presidência dos poderosos comitês do Legislativo cabe agora aos democratas.
- Estima-se que, nos últimos 30 anos, 14% da floresta amazônica foi derrubada, o equivalente a um Estado de Alagoas devastado por ano. Nossa tendência "natural" é culpar o governo. _____ dada a imensidão da floresta, a fiscalização pelo governo, embora essencial, será sempre insuficiente.
- As pessoas geralmente consideram que, sozinhas, não farão a menor diferença para a sustentabilidade do planeta. _____ alguns exemplos podem deixar claro quão importante são os atos cotidianos de consumo ao longo da vida de cada indivíduo.

e) A grande mudança acontecerá quando os consumidores começarem coletivamente a reivindicar o direito de conhecer as origens e os processos de produção das mercadorias que consomem, _____ possam fazer escolhas conscientes em seus atos de compra e em seu estilo de vida.

f) Em outras palavras: o Estado reconheceu que o imóvel não cumpria a função social da propriedade e _____ enquadrava-se perfeitamente nos casos em que o governo federal está autorizado a desapropriá-lo para fins de reforma agrária, como prescreve a Constituição.

g) _____ a audiência não seja sua preocupação principal, a televisão pública desfruta de uma presença significativa na maioria dos Estados, onde suas programações locais mantêm ótimos níveis de audiência.

Leia o texto abaixo:

Infância interrompida

Menina de 11 anos dá à luz gêmeos na periferia de Brasília e renova discussão sobre gravidez precoce

A menina G.P. da S., de 11 anos, protegida pelo pseudônimo de Luiza, desfez-se da última boneca de plástico quando descobriu que estava grávida. No sábado 30, às 22 horas, deixou para trás também a infância. Naquele momento, ela deu à luz gêmeos, os meninos Ramon e Randerson. “Não sou mais criança, agora sou mãe de família”, diz. O parto cesariano transcorreu sem complicações e 12 horas depois da cirurgia a mãe-menina de longos cabelos claros caminhava pelos corredores do Hospital Regional da Asa Norte, em Brasília. Chorou ao colocar os filhos no colo pela primeira vez. Com os seios repletos de leite, amamenta-os alternadamente. Ramon e Randerson nasceram com um minuto de diferença. O primeiro, moreno e parecido com o pai, pesava 2,790 quilos e media 49 centímetros. O caçula, de cabelos claros como os da mãe, tinha 2,630 quilos e 52 centímetros. O caso reabre o debate em torno da gravidez precoce, que atinge anualmente cerca de 700 mil meninas brasileiras.

Luiza e José Ferreira, de 19 anos, namoram há 1 ano e meio, com a autorização da mãe dela, Raimunda Pimenta da Silva, de 46 anos e oito filhos. Até cinco anos atrás, viviam em Irecê, na Bahia. Mudaram-se para tentar vida melhor. José engraxava sapatos na rua e, acompanhado de Luiza, viajava carros em áreas comerciais. A gravidez assustou a família. Raimunda falou em conseguir remédios para provocar aborto. Inconformada, Luiza transferiu-se para outro barraco debaixo da mesma ponte em que vivia com a mãe, perto da cidade de Sobradinho, a 20 quilômetros de Brasília.

A divulgação da história um mês antes do nascimento dos gêmeos mudou a vida dos namorados. O casal de comerciantes Leonardo e Mônica Fernandes acolheu José e Lu-

iza na chácara de 35 mil metros quadrados em Taguatinga, cidade-satélite a 30 quilômetros da capital. Berços, roupas, cama de casal e brinquedos chegaram por meio de doações. A maioria delas saiu de comunidades religiosas, que evitaram pronunciar-se sobre o caso. Por enquanto, Ramon e Randerson têm a dedicação exclusiva de Luiza. José passa o dia a levantar as paredes da futura moradia da família, no terreno da chácara, e espera ajuda para conseguir material e concluir a obra. “Hoje, meu maior sonho é ir para minha nova casa”, diz Luiza, ainda abrigada no quarto cedido pelos comerciantes. “Quero também que meus filhos entrem na escola.” Com apenas a 2ª série do ensino fundamental, a pequena mãe planeja voltar a estudar.

Fonte: Revista Época, 9 outubro de 2000.

1. Releia o texto atentamente e faça o levantamento de todas as palavras expressões que retomam o termo “a menina G.P. da S., de 11 anos”.

2. A elipse (omissão de um termo identificável pelo contexto) também é um mecanismo de retomada de elementos no corpo dos textos. Aponte os casos que ocorrem no primeiro parágrafo e indique quais são os elementos subentendidos.

3. Que palavras e expressões, no primeiro parágrafo, retomam o termo gêmeos?

4. O primeiro parágrafo movimenta-se do particular para o geral. Explique por quê. Esse movimento é comum em reportagens como essa? Comente.

5. Relacione o segundo parágrafo com o primeiro em termos de progressão textual (qual é a informação retomada e qual é a nova?).

6. Relacione o terceiro parágrafo com o segundo em termos de progressão textual (qual é a informação retomada e qual é a nova?).

7. “A maioria delas saiu de comunidades religiosas, que evitaram pronunciar-se sobre o assunto”.

a) Que elementos do texto são retomados pelas palavras destacadas?

b) As comunidades religiosas deveriam, além de ajudar o casal, pronunciar-se sobre o assunto? Explique.

8. Gravidez precoce é algo que faz parte da sua realidade? O que pensa dela e da situação de meninas como Luiza?

(Unesp 2007) **As questões de números 9 a 12** tomam por base o texto “A velha contrabandista”, de Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo do escritor brasileiro Sérgio Porto (1923-1968).

A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas)

9. Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição, para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra “velhinha” repete-se duas vezes; “lambreta”, três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto. Em seguida, explique a diferença de função entre o termo “aí”, ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

10. O texto explora bastante um estilo coloquial, informal, marcado por um uso deliberado de gíria e expressões distensas (tudo malandro velho, muamba, manjo, pra burro, diz que era, pra ela, chateou). Entretanto, em certas passagens, o enunciador emprega um vocabulário mais formal, imprevisível e em contraste com as características gerais do texto. Admitindo essas premissas, identifique um substantivo, usado no texto, que representa essa quebra de expectativa, em virtude de seu caráter mais formal e tenso. Além disso, comente por que o tempo pretérito mais-que-perfeito do verbo “adquirir” também reflete um emprego inusitado, quando considerado o todo textual.

11. Entre outras características, a assimilação da “contribuição milionária de todos os erros” aplica-se já ao ideário renovador do Modernismo, no início do século passado. Tendo em vista que o texto de Stanislaw Ponte Preta se constrói com apoio em variedades linguísticas populares, aponte uma palavra, usada no texto, que pode significar o aproveitamento dos “erros” percebidos na fala popular. Na sequência, comente o caráter inesperado do uso desse “erro”, examinando o contexto em que ele está inserido.

12. Ainda que o discurso direto ocupe boa parte de A velha contrabandista, o discurso indireto também pode ser encontrado, algumas vezes. Examinando com cuidado o texto, transcreva um segmento em que se utiliza, na mesma oração, o discurso indireto mesclado com o direto – o chamado discurso indireto livre. Explicita, ainda, o efeito de sentido que essa mistura provoca, nessa passagem.

FUVEST 2008

Texto

Vigilância epistêmica* é a preocupação que todos nós deveríamos ter com relação a tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados, para não acreditarmos em tudo o que é escrito e dito por aí. É preciso vigiar o futuro para sabermos separar o joio do trigo**.

Hoje boa parte dos sites de busca indexam tudo o que encontram pela frente à internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de evidente inverdade. Qualquer opinião emitida, vista como um direito de todos, é divulgada aos quatro cantos do mundo. De fato, alguns desses sites de busca deveriam colocar, nos primeiros lugares, páginas de renomadas Universidades, preocupadas com a verdade.

Todos precisamos estar muito atentos a dois aspectos com relação a tudo o que ouvimos e lemos:

- se quem nos fala ou escreve conhece a fundo o assunto, se é um especialista comprovado, se sabe do que está falando;
- se quem nos fala ou escreve, na verdade, é um idiota que ouviu falar algo e simplesmente repassa, aos outros, o que leu e ouviu, sem acrescentar absolutamente nada de útil.

Aumentar nossa vigilância e preocupação com a verdade é necessidade cada vez mais premente num tempo que todos os gurus chamam de Era da Informação.

Discordo, profundamente, desses gurus. Estamos, na realidade, na Era da Desinformação, de tanto lixo e ruído sem significado que, na maior parte das vezes, nos são transmitidos, todos os dias, eletronicamente, sem que exista o menor cuidado com a precisão e seriedade do que se emite, por parte das fontes que colocam matérias na rede. É mais uma consequência dessa ideia que a maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser, de expressar qualquer opinião que seja, como se opiniões não precisassem se basear no rigor científico, antes de serem emitidas.

(Stephen Kanitz, adaptado).

Observações:

* Vigilância epistêmica = capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico.

** Separar o joio do trigo = no contexto, capacidade de diferenciar observações equivocadas, mentiras mesmo, de outras afirmações que contêm verdades.

Texto

“Países se unem em projeto da ONU”

Tesouros informativos de vários países estarão disponíveis gratuitamente para qualquer internauta, a partir deste mês, com a formação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. O portal terá, na primeira fase, mapas, fotografias e manuscritos, com textos explicativos em sete línguas, inclusive português. Na segunda fase, será possível consultar livros. A Biblioteca Nacional brasileira é uma das participantes. (O Estado de S. P., 2007, adaptado)



Texto

“Modernidade Líquida”

O acesso à Informação (em sua maioria, eletrônica) se tornou o direito humano mais zelosamente defendido. E aquilo sobre o que a informação mais informa é a fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes. O noticiário – essa parte da informação eletrônica que tem maior chance de ser confundida com a verdadeira representação do mundo lá fora é dos mais precípeis bens da eletrônica. Mas a precípeza dos noticiários, como informação sobre o mundo real, é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos.

(Zygmunt Bauman, adaptado).

INSTRUÇÃO: Os textos apresentados trazem reflexões e notícias sobre o mundo digital. Com base nesses textos e em outras informações e ideias que julgar pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo claro e coerente.

FUVEST 2007

Em primeiro lugar (...), pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda. (...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

(Cícero, “Da amizade”).

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocava por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer se, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

(Montaigne, “Da amizade”, adaptado).

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,
Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com seu canto que o outro lembrou.
(...)

(Fernando Brant / Milton Nascimento,
“Canção da América”).

(...)
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
(...)

(Caetano Veloso, “Língua”).

Considere os textos e a instrução abaixo:

INSTRUÇÃO: A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

FUVEST 2006

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

Texto 2

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

(de M. A. Marques)

Texto 3

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura “David”.



INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último, ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas ideias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes.

FUVEST 2005

Considere a foto e os textos abaixo:

“Catraca invisível” ocupa lugar de estátua Sem que ninguém saiba como – e muito menos o por quê – uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o “monumento à catraca invisível”, informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: “Programa para a descatalcalização da vida, Julho de 2004”. (Foto ao lado)

(Folha de S. Paulo, 2004, adapt.)

[Catraca = borboleta: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da “catraca invisível” Um grupo artístico chamado “Contra Filé” assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao status de monumento “à descatracalização da vida” e fez parte de um programa apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No site do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle “biopolítico” do capital e do governo sobre os cidadãos.

(Folha de S. Paulo, 2004, adapt.)



Em site sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo “Contra Filé”:

“O ‘Contra Filé’ desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?”

(Indymedia)

INSTRUÇÃO:

Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da Internet aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “Monumento à catraca invisível”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “Programa para a descatracalização da vida”. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica?

Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

FUVEST 2004

Nos três textos abaixo, manifestam-se diferentes concepções do tempo; o autor de cada um deles expõe uma determinada relação com a passagem do tempo. Leia-os com atenção:

Texto I

“Mais do que nunca a história é atualmente revista ou inventada por gente que não deseja o passado real, mas somente um passado que sirva a seus objetivos. (...) Os negócios da humanidade são hoje conduzidos especialmente por tecnocratas, resolvidores de problemas, para quem a história é quase irrelevante; por isso, ela passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente”.

(Eric Hobsbawm,

Tempos interessantes: uma vida no século XX)

Texto II

O que existe é o dia-a-dia. Ninguém vai me dizer que o que aconteceu no passado tem alguma coisa a ver com o presente, muito menos com o futuro. Tudo é hoje, tudo é já. Quem não se liga na velocidade moderna, quem não acompanha as mudanças, as descobertas, as conquistas de cada dia, fica parado no tempo, não entende nada do que está acontecendo.

(Herberto Linhares, depoimento)

Texto III

Não se afobe, não,
Que nada é pra já,
O amor não tem pressa,
Ele pode esperar em silêncio
Num fundo de armário,
Na posta-restante,
Milênios, milênios
No ar...

E quem sabe, então,
O Rio será
Alguma cidade submersa.
Os escafandristas virão
Explorar sua casa,
Seu quarto, suas coisas,
Sua alma, desvãos...

Sábios em vão
Tentarão decifrar
O eco de antigas palavras,
Fragmentos de cartas, poemas,
Mentiras, retratos,
Vestígios de estranha civilização.

Não se afobe, não,
Que nada é pra já,
Amores serão sempre amáveis.
Futuros amantes quiçá
Se amarão, sem saber,
Com o amor que eu um dia
Deixei pra você.

(Chico Buarque, “Futuros amantes”)

Redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, na qual você apontará, sucintamente, as diferentes concepções do tempo, presentes nos três textos, e argumentará em favor da concepção do tempo com a qual você mais se identifica.

Interpretação da proposta

Responda:

Quais são as concepções de tempo presentes de forma predominante em cada texto?

O texto de Hobsbawm afirma que a História é irrelevante para os tecnocratas. Ao mesmo tempo, afirma que ela passou a ser mais importante. A partir disso, responda:

a) O texto é contraditório? Justifique.

b) Com qual concepção de História, Hobsbawm trabalha?

Como pode ser resumida, em uma palavra, a concepção de Herberto Linhares frente aos acontecimentos do mundo?

A história de amor da canção de Chico Buarque se realiza?

Com qual texto – I ou II – a visão do eu lírico da canção de Chico Buarque mais se opõe? Por quê?

FUVEST 2003

Leia atentamente os três textos abaixo.

Texto I

Está no dicionário Houaiss:

auto-estima s. f. qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, conseqüentemente, confiança em seus atos e julgamentos.

A definição do dicionário parece limitar-se ao âmbito do indivíduo, mas a palavra auto-estima já há algum tempo é associada a uma necessidade coletiva. Por exemplo: nós, brasileiros, precisamos fortalecer nossa auto-estima. Neste caso, a satisfação com nosso modo de ser, como povo, nos levaria à confiança em nossos atos e julgamentos. Mas talvez seja o caso de perguntar: não são os nossos atos e julgamentos que acabam por fortalecer ou enfraquecer nossa auto-estima, como indivíduos ou como povo?

Texto II

Estão num poema de Drummond, da década de vinte, os versos:

E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
(...)

Aqui ao menos a gente sabe que é tudo uma canalha só.

Texto III

Está num artigo do jornalista Zuenir Ventura, de dois anos atrás:

De um país em crise e cheio de mazelas, onde, segundo o IBGE, quase um quarto da população ganha R\$ 4 por dia, o que se esperaria? Que fosse a morada de um povo infeliz, cético e pessimista, não?

Não. Por incrível que pareça, não. Os brasileiros não só consideram seu país um lugar bom e ótimo para viver, como estão otimistas em relação a seu futuro e acreditam que ele se transformará numa superpotência econômica em cinco anos. Pelo menos essa é a conclusão de um levantamento sobre a “utopia brasileira” realizado pelo Datafolha.

Com o apoio dos três textos apresentados, escreva uma **dissertação em prosa**, na qual você deverá discutir manifestações concretas de afirmação ou de negação da auto-estima entre os brasileiros.

Apresente argumentos que dêem sustentação ao ponto de vista que você adotou.

Interpretação do tema:

Responda:

- Sobre a segunda parte do texto I é correto afirmar que:
a) não emite um ponto de vista sobre o tema, ou seja, possui imparcialidade.
b) a pergunta no final tem resposta óbvia e implícita, por isso, não foi respondida explicitamente.
c) é um texto objetivo.
d) tem linguagem impessoal.
e) o autor inicia com uma breve introdução do tema, argumenta utilizando um exemplo prático e, por fim, faz uma reflexão moral.
- No primeiro verso, pode-se distinguir uma diferença entre a “primeira” e a “segunda” pátria. Explique.
- Qual seria a vantagem de se viver aqui, de acordo com o segundo verso?
- Qual é a contradição apontada por Zuenir Ventura?

TEXTO COMPLEMENTAR:

Explicação

Meu verso é minha consolação.

Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua, cachaça.

Para beber, copo de cristal, canequinha de folha-de-flandres,
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e tra-
balhos
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.
Meu verso me agrada sempre...
Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma
cambalhota
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cam-
balhota.
Eu bem me entendo.
Não sou alegre. Sou até muito triste.
A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta
sombra mole, preguiçosa.
Há dias em que ando na rua de olhos baixos
para que ninguém desconfie, ninguém perceba
que passei a noite inteira chorando.
Estou no cinema vendo fita de Hoot Gibson,
de repente ouço a voz de uma viola...
saio desanimado.
Ah, ser filho de fazendeiro!
A beira do São Francisco, do Paraíba ou de qualquer cór-
rego vagabundo,
é sempre a mesma sen-si-bi-li-da-de.
E a gente viajando na pátria sente saudades da pátria.
Aquela casa de nove andares comerciais
é muito interessante.
A casa colonial da fazenda também era...
No elevador penso na roça,
na roça penso no elevador.
Quem me fez assim foi minha gente e minha terra
e eu gosto bem de ter nascido com essa tara.
Para mim, de todas as burrices a maior é suspirar pela
Europa.
A Europa é uma cidade muito velha onde só fazem caso
de dinheiro
e tem umas atrizes de pernas adjetivas que passam a
perna na gente.
O francês, o italiano, o judeu falam uma língua de farra-
pos.
Aqui ao menos a gente sabe que tudo é uma canalha só,
lê o seu jornal, mete a língua no governo, queixa-se da
vida (a vida está tão cara)
e no fim dá certo.
Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou.
Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?
De Alguma poesia (1930)

FUVEST 2002

Como você avalia os responsáveis por sua formação, ou
seja, seus pais e familiares, professores, orientadores religi-
osos, líderes políticos, intelectuais, autoridades etc.?
Visando ao desenvolvimento do tema, você poderá, se qui-
ser, refletir sobre as seguintes questões:

- Quais foram os principais responsáveis por sua formação?
- Quais são as características mais marcantes que apresen-
tam?

- Você julga que eles assumiram, de fato, sua função de for-
madores?
- Em que aspectos a formação que lhe proporcionaram foi
satisfatória ou insatisfatória?

Você poderá, ainda, identificar os valores que são real-
mente importantes para eles, opinando sobre esses valores.
Poderá, também, considerar se eles são, em si mesmos, pes-
soas íntegras e felizes e se, assim, constituem bons modelos
de vida.

Considerando aspectos como os acima sugeridos ou, ain-
da, escolhendo outros que você julgue mais importantes pa-
ra tratar do tema, redija, com sinceridade e plena liberdade
de opinião, uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, em linguagem
adequada à situação, procurando argumentar com pertinên-
cia e coerência.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

Texto 1

“Há 150 anos, a corporação era uma instituição relativa-
mente irrelevante. Hoje, está em toda parte. Como a Igreja,
a Monarquia e o Partido Comunista em outros tempos e lu-
gares, a corporação é hoje a instituição dominante”. (Trecho
do documentário *The Corporation*, 2003).

Texto 2

“Ficou logo evidente que o Iraque não é um país liberado,
mas um país ocupado (...) Verdade, liberamos o Iraque do
Saddam Hussein, mas não de nós mesmos. Da mesma forma
como em 1898 liberamos Cuba da Espanha, mas não de nós.
A tirania espanhola foi derrubada, mas os EUA estabeleceram
uma base militar em Cuba, assim como a Bechtel e a Hallibur-
ton e as corporações de petróleo estão se estabelecendo no
Iraque.

Os EUA conceberam e impuseram, com o apoio dos cúm-
plices locais, a constituição que governaria Cuba, da mesma
forma que foi concebida, com a ajuda de grupos políticos lo-
cais, a constituição do Iraque”.

(Howard Zinn, *The Guardian*, 12 de agosto de 2005)

Texto 3

“A globalização da economia é evidenciada pelo crescen-
te processo de internacionalização e interdependência entre
os países. Grande parte dessa transformação decorre não
somente de aspectos macroeconômicos, como a financeiri-
zação e a liberalização observada nas últimas duas décadas
na economia mundial. Os aspectos de ordem microeconô-

mica igualmente representam um fator de relevância no processo.

Nesse sentido, a análise da extraordinária expansão da atuação das empresas transnacionais se transforma em um dos principais aspectos para a compreensão dos desafios que se apresentam nessa nova fase do capitalismo. O entendimento e análise das estratégias das empresas transnacionais são tarefas que exigem esforços interdisciplinares para abranger suas diferentes implicações.

As empresas transnacionais são as grandes indutoras dos investimentos diretos estrangeiros e do comércio internacional. Existem 65.000 empresas transnacionais no mundo, com 850.000 filiais, um patrimônio de US\$ 25 trilhões, e que são responsáveis por 54 milhões de empregos diretos. Elas geram um faturamento de US\$ 19 trilhões e perfazem 66% das exportações mundiais.

(Antonio Corrêa de Lacerda, Quinta, 14 de setembro de 2006, Globalização e as empresas transnacionais)

A partir da leitura dos textos acima, escreva uma **disser-tação em prosa** sobre o papel das corporações no mundo contemporâneo.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

Costuma-se dizer que o machismo, no Brasil, “é coisa do passado”. No dia 10 de março deste ano (2007) uma mesma página do jornal *Folha de S. Paulo* exibia as seguintes notícias:

Homem mata garçonzete após fim de namoro

A cena mostra a garçonzete Suzani Pereira da Rocha, 23, e duas colegas sentadas de costas descansando da correria do almoço na escada de um prédio ao lado do trabalho. Um homem pára em frente, tira uma arma de um pacote e atira quatro vezes contra Suzani. Dois tiros atingem a cabeça e ela cai. O homem foge. As duas amigas dão um pulo, desorientadas.

Mãe de três filhos - o mais novo com um ano e quatro meses, o mais velho com cinco -, a garçonzete Suzani foi morta pelo ex-namorado Haroldo Moreira da Silva, 56, na segunda à tarde, na praça Tiradentes, área movimentada de Curitiba. Ele não é o pai das crianças.

Silva foi preso em flagrante a duas quadras do local e não ofereceu resistência. As imagens mostradas em telejornais ontem foram captadas pela câmera de segurança instalada pelo condomínio do edifício.

Queimada por marido, mulher morre em SP

A designer de bijuterias Maria Cristina Tabano Pires, 40, morreu anteontem, após passar seis dias internada com queimaduras de 2º e 3º graus em 95% do corpo. O crime a-

conteceu no dia 2, quando seu marido, o advogado Sérgio Luiz Pires, 45, jogou um litro de álcool no corpo dela e ateou fogo.

A cena aconteceu na frente das filhas do casal, de 10 e 16 anos, no apartamento que fica na rua dos Franceses, na Bela Vista (região central). O advogado tentou apagar o fogo e também sofreu queimaduras de 2º e 3º graus em 41% do corpo. Um vizinho do casal, que é médico, entrou no apartamento e prestou os primeiros socorros. O advogado está internado no Hospital Geral da Vila Penteado em estado grave, sob escolta policial.

Leia, ainda, a coletânea abaixo (textos adaptados):

1.

Entrou em vigor ontem no Brasil a Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, que aumenta a punição para crimes contra as mulheres. Lesões corporais, como socos, empurrões e agressões leves, passam a ser punidas com prisão de até três anos - antes o máximo era um ano. Em caso de flagrante, o agressor vai preso, com direito a fiança. A medida também é conhecida como Lei Maria da Penha. Em 1983, aos 38 anos, ela levou um tiro do marido quando dormia. Ficou quatro meses internada e hoje usa cadeira de rodas.

Quando voltou do hospital, enquanto esperava o processo para ter a guarda das três filhas, ficou 15 dias presa em casa, submetida a choques no chuveiro. O ex-marido, professor universitário, ficou dois anos preso e hoje cumpre pena em regime aberto.

(Folha de S. Paulo, 23 de setembro de 2006).

2.

Se formassem uma nação à parte, as mulheres brasileiras teriam um IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) ligeiramente maior do que o dos homens. Esse exercício hipotético foi feito pelo economista Marcelo Paixão, da UFRJ. Calculando o IDH de homens e mulheres no Brasil seguindo os mesmos critérios utilizados pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) no cálculo do índice das nações, Paixão mostrou que o IDH das mulheres ficaria em 0,80, enquanto o dos homens seria de 0,79.

O IDH é um índice criado pelo Pnud para comparar o desenvolvimento humano dos países. O cálculo é feito a partir de indicadores de renda, alfabetização, frequência escolar e expectativa de vida. Quanto mais próximo de 1, maior é o desenvolvimento humano. "O que coloca as mulheres para cima é a maior longevidade e o crescimento da escolaridade.

O rendimento delas, no entanto, ainda é muito menor do que o dos homens. Resumindo, elas vivem mais, estudam mais, mas ganham menos, o que indica que são mais discriminadas no mercado de trabalho, principalmente se forem negras", diz Paixão.

(Folha de S. Paulo, 8 de março 2007).

3.

O Brasil aparece com uma das menores participações femininas no legislativo do mundo, com apenas 9,1% dos parlamentares mulheres.

É o pior índice da América do Sul, fica à frente apenas de Guatemala e Haiti na América Central e é inferior até a nações árabes como a Síria, que tem 12% de mulheres no parlamento. Numa lista de 172 países, o Brasil é apenas o 130º. *(Folha de S. Paulo, 8 de março de 2007).*

4.

A participação das mulheres no mercado de trabalho mundial estagnou nos últimos dez anos, e a taxa de desemprego feminino oscilou de 6,1% para 6,6% entre 1996 e 2006, o que significa um aumento de 22,7% - ou 15,1 milhões - no número de desempregadas mundialmente. É o que mostra um estudo realizado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho). A força de trabalho feminina atingiu, no ano passado, 1,2 bilhão - a masculina chegou a 1,8 bilhão.

O crescimento no número de pessoas empregadas foi parecido, em termos percentuais, para homens e mulheres. Apesar disso, o aumento do desemprego foi relativamente maior entre a população feminina. A participação masculina no mercado de trabalho também caiu: passou de 80,5% para 78,8% de 1996 para 2006.

A OIT afirma, no entanto, que estão mantidas as mesmas tendências de desigualdades salariais, condições de trabalho e níveis educacionais. A entidade também realiza um alerta sobre a "feminização da pobreza", ciclo pelo qual a mulher não consegue, por meio de trabalho assalariado, elevar a família para acima da linha da pobreza. Para a OIT, quanto mais pobre for a região considerada, maior a chance de a mulher estar trabalhando sem remuneração ou em emprego informal sem remuneração.

(...) A OIT também destaca o problema educacional: dois terços dos 800 milhões de adultos que não sabem ler e escrever são mulheres. Além disso, 60% dos alunos que abandonam as escolas são mulheres.

(Folha de S. Paulo, 8 de março 2007).

5.

Relatório divulgado pela Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes acusou: o Brasil é recordista mundial em consumo de remédios para emagrecer. Drogas derivadas das anfetaminas, que podem causar dependência, psicose, problemas cardíacos e até matar, são engolidas em quantidades três vezes maiores do que as observadas nos Estados Unidos, onde o consumo também é alarmante.

Estudo patrocinado pela gigante Unilever, feito em dez países (entre eles Estados Unidos, Grã-Bretanha e França), revela: o Brasil é onde as mulheres estão mais desconfortáveis com a própria aparência.

"Só com cosméticos e perfumaria, as brasileiras gastaram R\$ 17 bilhões em 2003", cita Jacira Vieira de Melo, feminista e diretora do Instituto Patrícia Galvão.

Tudo para conquistar o padrão "magra-branca-loira-jovem-cabelos-milimetricamente-alisados-sexy", vendido pela indústria e que leva multidões a academias, clínicas de estética, salas de cirurgia e consultórios médicos.

"Direito de dispor do próprio corpo", como defendiam as feministas pró-aborto? Maria Betânia Ávila, feminista do SOS Corpo, de Recife, acha que não. "Todas essas intervenções sobre o corpo da mulher são para agradar a um suposto "gosto" ou "desejo" masculino", diz. "É a face mais visível da dominação masculina sobre o corpo da mulher", reforça Jacira Melo.

(Folha de S. Paulo, 8 de março 2007)

6.

Com Açúcar, com afeto

Com açúcar, com afeto
 Fiz seu doce predileto
 Pra você parar em casa
 Qual o quê
 Com seu terno mais bonito
 Você sai, não acredito
 Quando diz que não se atrasa
 Você diz que é operário
 Vai em busca do salário
 Pra poder me sustentar
 Qual o quê
 No caminho da oficina
 Há um bar em cada esquina
 Pra você comemorar
 Sei lá o quê
 (...)
 Quando a noite enfim lhe cansa
 Você vem feito criança
 Pra chorar o meu perdão
 Qual o quê
 Diz pra eu não ficar sentida
 Diz que vai mudar de vida
 Pra agradar meu coração
 E ao lhe ver assim cansado
 Maltrapilho e maltratado
 Ainda quis me aborrecer
 Qual o quê
 Logo vou esquentar seu prato
 Dou um beijo em seu retrato
 E abro os meus braços pra você

(Chico Buarque – 1966)

7.

Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem, imploram
Mais duras penas
Cadenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos, poder e força de Atenas
Quando eles embarcam, soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam sedentos
Querem arrancar violentos
Carícias plenas
Obscenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar o carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas
Morenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas
Serenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de Atenas

(Chico Buarque, Augusto Boal, 1976)

8.

Até que ponto a mídia é responsável pela imagem este-reotipada da mulher? As mulheres também são responsáveis?

Maria Rita Kehl – Essa pergunta é ampla e toca na seguinte questão: qual é a responsabilidade da mídia e qual é a nossa. Claro que, no limite, todos nós somos responsáveis, mulheres e homens, já que participamos desse sistema de geração de valores, associação da mercadoria ao corpo humano, ao desejo. Essas coisas não teriam que necessariamente estar juntas. Seu desejo sexual ou sua fantasia não teria que estar associada a um objeto. Mas a publicidade se apropria de clichês que estão na sociedade. Não é por causa da publicidade que a sociedade é machista, mas a publicidade participa e quando se aproveita disso, aumenta a bola de neve. Ela reforça. Vamos imaginar que, em uma sociedade machista, toda a publicidade resolvesse contrariar esse pressuposto e investir em outras imagens. Talvez houvesse um momento de crise, quando ela não seria bem aceita, mas contribuiria para questionar a posição de objeto sexual das mulheres, o machismo dos homens. Na realidade, como o mais importante é vender, a publicidade vai usar o que está pronto e consolidado no tecido social.

(Brasil de Fato, 4 de março de 2005).

9.

“Em muitos países do mundo a garota
Também não tem o direito de ser.
Alguns até costumam fazer
Aquela cruel clitorectomia.
Mas no Brasil ocidental civilizado
Não extraímos uma unha sequer
Porém na psique da mulher
Destruímos a mulher”.

(Tom Zé, Proposta de Amor)

10.

O ministro José Gomes Temporão (Saúde) disse hoje que a discussão sobre a legalização do aborto no país vem sendo conduzida de forma machista, uma vez que "as leis, normas e julgamentos" sobre o tema são feitos por homens. Segundo Temporão, o aborto deve ser tratado como uma questão de saúde pública, sem a influência de aspectos religiosos, filosóficos, éticos ou fundamentalistas. "Tem um viés machista nessa discussão. As mulheres têm que falar, ser ouvidas, e não apenas os homens. As mulheres na maioria das vezes se vêem sozinhas num momento como esse. Infelizmente, os homens não engravidam. Se engravidassem, essa questão já estaria resolvida há muito tempo", disse.

(Folha, 2007)

11.

No dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, mais de mil mulheres da Via Campesina ocuparam um centro de pesquisa da Aracruz Celulose, no Rio Grande do Sul. Destruíram um milhão de mudas de eucalipto e danificaram pesquisas que fortaleceriam a monocultura do eucalipto, pau reto que entorta a vida do povo. A mídia, latifúndio da comunicação, esbravejou contra as mulheres condenando-as. Mostrou dezenas de vezes uma pesquisadora da Aracruz chorando. Lideranças se posicionaram. Vandalismo? Violência? Arruaça? Atentado à democracia? (Que tipo de democracia?)

A Aracruz Celulose S/A é uma transnacional controlada por quatro acionistas majoritários que detém o direito a voto: Grupo Lorens (28%), Banco Safra (28%), Votorantin (28%) e BNDES (12,5%). Com a monocultura do eucalipto, o Espírito Santo se transformou em um "deserto verde" e foi "laboratório" para treinar os 300 mil homens que, com motosserras, podem desmatar 40% da Floresta Amazônica até 2050, 76% do Mato Grosso e 97% do Maranhão.

(Frei Gilvander Moreira, *Brasil de Fato*)

Os textos acima têm caráter motivador para a reflexão acerca do tema da questão da mulher no Brasil.

Com base em suas reflexões, escreva uma dissertação sobre o tema.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

Instruções Gerais:

- **Faça referências à coletânea de textos, mas não a copie.**
- **Seu texto deve ter entre 30 a 60 linhas.**
- **O tempo da prova é de 1h30 (uma hora e meia).**
- **Obs: escreva no início da folha de resposta qual a opção escolhida.**

Leia atentamente a coletânea de textos abaixo:

1. O movimento estudantil é um movimento social onde os sujeitos são os próprios estudantes. Ele se caracteriza por ser um movimento policlassista e constantemente renovado - pelo fato de os estudantes passarem poucos anos na instituição de ensino.

2. Gosto dos estudantes

Viva os estudantes!
 Jardim de Alegrias!
 São aves que não se assustam
 com animais ou polícia
 e não os assustam as balas
 nem o ladrar da matilha
 Caramba y zamba la cosa,
 Viva a astronomia!
 (...)
 Gosto dos estudantes
 porque são a levedura
 do pão que sairá do forno
 com todo seu sabor,
 para a boca do pobre
 que come com amargura.
 Caramba y zamba la cosa
 Viva a literatura!
 (...)
 Gosto dos estudantes
 que marcham sobre a ruína.
 Com as bandeiras no alto
 vai toda a estudantada:
 são químicos e doutores,
 cirurgiões e dentistas
 Caramba y zamba la cosa
 Viva os especialistas!
 (...)

(Canção da chilena Violeta Parra, traduzida do castelhano)

3. "Estudantes insatisfeitos ocupam universidade exigindo contratação de mais professores, construção de mais salas de aula e reformas na gestão universitária. A reitoria chama a polícia que desaloja violentamente os manifestantes.

Onde poderia se passar essa narrativa? Na Universidade de S. Paulo (USP) destes dias? Neste caso, tratava-se da Sorbonne, em Paris, ocupada pelos estudantes, em 3 de maio de 1968. Depois de expulsos *manu militari* pelo ministro Alain Peyrefitte no dia seguinte, já se sabe o resultado: uma explosão de fúria juvenil e estudantil, uma onda de barricadas

e o despertar de uma inteira geração para o sonho de transformar a realidade com a indignação justa dos jovens que resolveram combater a injustiça do mundo.

Será este, de novo, o roteiro paulista e brasileiro de 2007? Começou uma "nova onda" na história do movimento estudantil brasileiro? Qual será o seu caráter, a sua amplitude e a sua profundidade?"

(Henrique Soares Carneiro, professor de História da Universidade de São Paulo)

4. "O que se passou na França nas últimas semanas alarmou as burguesias da União Europeia. As lutas sociais de março e abril na pátria de Saint Just e o seu desfecho vieram recordar uma realidade que as classes dominantes temem e procuram ocultar. Confirmaram que é o povo e não elas o sujeito da história.

(...) O dispositivo montado pelas forças da repressão era impressionante. Mais de cinco mil policiais nas ruas. Mas não intimidou a juventude. A luta transbordou, foi assumida por milhares.

O povo da França fez seu o combate dos estudantes e dos sindicatos ao perceber que o não ao chamado Contrato do Primeiro Emprego expressava a recusa de um sistema e de um projeto que envolviam a nação como totalidade.

Em março os estudantes ocuparam universidades, enfrentaram a polícia, saíram às ruas em manifestações torrenciais".

(Miguel Urbano, jornalista português e militante comunista, abril de 2006)

5. A "Batalha da Maria Antônia", 1968.



No dia 3 de outubro de 1968, a rua Maria Antônia foi palco de uma "guerra" entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e os do Mackenzie.

A "Batalha da Maria Antônia", como o episódio ficou conhecido, foi reflexo de um conflito maior, entre os ideais de esquerda e de direita. No primeiro grupo, os estudantes da USP; no segundo, alunos do Mackenzie, mais conservadores, tendo entre eles os integrantes do famoso CCC (Comando Caça aos Comunistas, grupo fascista).

Durante o conflito, José Carlos Guimarães, 20 anos, foi assassinado. Posteriormente, um laudo comprovou que o tiro dado saiu de pistola calibre 45, arma de uso privativo do Exército. O episódio foi um dos pretextos para o presidente Costa e Silva promulgar, em dezembro, o Ato Institucional nº 5 (AI-5).

O Movimento Estudantil fez manifestações, como era natural, contra o regime militar e a Maria Antônia era um centro efervescente de agitação. (...) eu estranhava o fato de o poder ditatorial estar tolerando, sem reagir, as mobilizações estudantis. O governo permitiu que os estudantes fechassem a rua Maria Antônia e tomassem conta do prédio da Faculdade. Houve um episódio em que os estudantes prenderam, dentro da Faculdade, um investigador de polícia disfarçado, o "julgaram" numa espécie de "Tribunal Estudantil" e o "condenaram" a ficar trancado dentro de uma sala de aula. Ele era alimentado e bem tratado, mas ficou preso por alguns dias. (...)

Houve aqueles dias terríveis em que a Faculdade foi bombardeada com coquetéis *molotov*, a partir do Mackenzie. Eu me lembro do desespero do Diretor da Faculdade, Eurípedes Simões de Paula, um homem de centro-direita, mas extremamente decente, ao ver um de nossos estudantes morto. Ele falou com o comandante de uma força policial estacionada na esquina da Itambé com a Maria Antônia, que tinha algumas dezenas de homens, os quais apenas observavam aquela guerra, mas sem impedi-la. O Diretor pediu que ele dispusesse duas viaturas e alguns homens entre a Filosofia e o Mackenzie, para fazer com que o pessoal do CCC tocaiado no Mackenzie, parasse de atirar contra nossa Escola. O comandante replicou dizendo que tinha ordens para não intervir.

A situação tornou-se insustentável e os estudantes resolveram abandonar o prédio e fazer uma passeata até o centro da cidade. Foi quando a polícia avançou e ocupou a Faculdade, o que era certamente o que o governo desejava. Ficou óbvio para todos que o regime militar deixou o Movimento Estudantil aparentemente triunfar durante quinze dias ou mais para ter uma justificativa para endurecer a repressão.

(Depoimento de Oswaldo Porchat, professor de Filosofia da USP/ 2004)

OPÇÃO 1:

A partir da coletânea de textos, faça uma reflexão sobre o papel político dos estudantes. Se quiser, você poderá guiar seu texto a partir das perguntas abaixo:

- Qual tem sido o papel político dos estudantes ao longo da História? Essa atuação tem sido positiva ou negativa?
- Uma ação mais combativa do Movimento Estudantil ficou no passado? Como você avalia essa atuação hoje?
- Como estudante, como você procura atuar politicamente na sociedade?

*** A partir dessa sua reflexão, escreva um texto dissertativo.**

OPÇÃO 2:

Imagine que você estava na rua Maria Antônia, em 3 de outubro de 1968, no momento em que ocorreu “A Batalha da Maria Antônia”. **Escreva um texto narrativo, em 1ª pessoa**, relatando os acontecimentos, bem como sua participação no cenário. Tome o cuidado para não criar incoerências históricas.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)**Texto 1**

A Felicidade
Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a gota
De orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor

A felicidade do pobre parece
A grande ilusão do carnaval
A gente trabalha o ano inteiro
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia
De rei ou de pirata ou jardineira
Pra tudo se acabar na quarta feira

Tristeza não tem fim
Felicidade sim

A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar

A minha felicidade está sonhando
Nos olhos da minha namorada
É como esta noite
Passando, passando
Em busca da madrugada
Falem baixo, por favor
Prá que ela acorde alegre como o dia
Oferecendo beijos de amor

Tristeza não tem fim
Felicidade sim

(Antônio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes)

Texto 2

No livro "O Cérebro do Século XXI" do famoso neurocientista Steven Rose existe um pequeno trecho que diz que pesquisas atuais demonstram que em vinte anos a depressão será a doença social mais grave de nosso planeta. A quantidade de pessoas com depressão será superior a problemas cardíacos.

cos, HIV e outras vilãs famosas que povoam nossos pesadelos hipocondríacos.

Segundo Rose, esta é a prova inequívoca que estruturamos um modelo de vida que não funciona, com altas expectativas e fugazes formas de recompensa. (...)

Há três anos atrás uma equipe de pesquisadores do Rio Tâmis resolveu analisar a qualidade da água dele. O Tâmis é um dos casos bem sucedidos de resgate de um rio poluído, e sempre que podem os cientistas analisam o grau de poluição do rio. Pois nesta análise os cientistas encontraram na composição das águas traços de Prozac. Era possível identificar partículas dos componentes deste antidepressivo. Quantas pessoas tomam Prozac em Londres para que os resíduos em sua urina que foram jogados num rio daquele tamanho pudessem alterar a composição da água?

(Depressão e Infantilização Social/ Blogue Stiletto)

Exercício

Relacione os textos acima e redija uma dissertação em prosa, discutindo as ideias neles contidas e expondo argumentos que sustentem o ponto de vista que você adotou.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

Leia atentamente os textos abaixo:

Texto 1

Um total de 45 imigrantes, em sua maioria senegaleses, morreram vítimas de frio, sede e fome após um acidente em uma embarcação que tinha como destino as Ilhas Canárias. Os cadáveres dos imigrantes foram recuperados pelas forças de segurança da Mauritânia, que ainda encontraram 98 sobreviventes. A embarcação havia partido de Ziguinchor, ao sul de Senegal, dia 16 de outubro.

(El País/adaptado)

Texto 2

O presidente conservador Sarkozy, defendeu, em entrevista ao diário *Libération*, o controverso projeto de criar um Ministério da Imigração e Identidade Nacional. “É preciso falar de imigração e integração ao mesmo tempo.” Sarkozy acredita em uma “imigração escolhida”. Em outras palavras, seriam aceitos somente os imigrantes qualificados para áreas onde há demanda de mão-de-obra.

(Carta Capital, 2007/adaptado)

Texto 3

No Brasil, entre os 40.909 estrangeiros a se documentar em 1998, havia 9.229 chineses, 9.155 bolivianos, 3.177 argentinos, 2.703 uruguaios, 2.462 coreanos, 2.335 libaneses, 2.320 peruanos, 1.784 chilenos e 1.156 paraguaios. Uma segunda anistia, limitada a bolivianos, legalizou cerca de 5 mil em 2005. (...)

Segundo a ONU, o número de migrantes internacionais em todo o mundo aumentou de 75 milhões, em 1960, para 155 milhões, em 1990, e, em 2005, chegou a 191 milhões – número comparável à população do Brasil ou a 3% da população mundial. Isso inclui 13,5 milhões de refugiados políticos, mas a maioria dos imigrantes de hoje, como os de ontem, procuram uma vida melhor. (...)

No século XIX e na primeira metade do século passado, tratava-se, na maioria, de pessoas expulsas pela combinação de crescimento demográfico e modernização da agricultura de países centrais. Esses desafogaram tensões sociais incentivando emigrantes a buscar oportunidades nas Américas (inclusive Brasil) ou nas colônias da África, da Ásia e da Oceania. Nos anos 60, quase 60% dos migrantes internacionais ainda estavam em países periféricos.

Nas décadas seguintes, o caminho contrário tornou-se cada vez mais comum e, em 2005, as proporções se invertiram mais de 60% nos países ricos e menos de 40% nos periféricos – apesar de esses últimos acolherem a maioria dos refugiados: cerca de 10,8 milhões ou 80%, incluindo 7,8 milhões na Ásia e 3 milhões na África.

(Carta na Escola, edição 15)

Tema: A existência de fluxos migratórios mundiais não é uma novidade do mundo moderno e globalizado, mas ganha novos contornos nesse contexto, revelando aspectos da dinâmica econômica e política mundial, e gerando um cenário propício ao surgimento de intolerâncias e racismos. **A partir dessa afirmação e dos textos acima, escreva uma dissertação em prosa.**

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

Leia atentamente os textos abaixo:

Texto 1

(...) Uma pesquisa realizada pela Globo identificou o perfil do telespectador médio do *Jornal Nacional*. Constatou-se que ele tem muita dificuldade para entender notícias complexas e pouca familiaridade com siglas como BNDES, por exemplo. Na redação [do *Jornal Nacional*], [o público] foi apelidado de Homer Simpson. Trata-se do simpático mas obtuso personagem dos *Simpsons*, uma das séries estadunidenses de maior sucesso na televisão em todo o mundo. Pai da família Simpson, Homer adora ficar no sofá, comendo

rosquinhas e bebendo cerveja. É preguiçoso e tem o raciocínio lento.

(Laurindo Leal Filho, *Carta Capital*, nov./2005)

Texto 2

“Audiência é uma categoria simbólica, não existe de fato. Você não toca nela, você não distribui um questionário para ela. Você faz um questionário para poucas pessoas que compõem um coletivo que você está inventando. Audiência é um conceito construído de acordo com algumas noções sobre quem é essa audiência.”

(Trecho de entrevista com a professora
Esther Hamburger, da ECA-USP)

Texto 3

“O Jornal Nacional é produto do esforço e do talento de centenas de profissionais no Brasil inteiro e nos nossos escritórios do exterior.

Essas pessoas têm o compromisso de mostrar aos brasileiros aquilo que de mais importante aconteceu naquele dia, no nosso país e no mundo”.

(Depoimento de William Bonner,
editor e apresentador do Jornal Nacional,
programa de tendência conversadora)

Texto 4

-- “O que a senhora está sentindo?” – pergunta o repórter à mãe angustiada, na noite de 17 de julho, em busca de alguma notícia sobre a filha, supostamente embarcada no trágico voo JJ 3054 da TAM. A câmera, implacável e pornográfica, permanece fixa sobre o rosto da pobre senhora.

O que importa se a pergunta é estúpida e se a resposta é óbvia? Não se trata, aqui, de obter esclarecimento algum, ou alguma informação nova. Ao contrário. Trata-se de reiterar tudo aquilo que já se sabe e se conhece. Trata-se de um novo capítulo da fotonovela da vida real, um *Big Brother* mais intenso, perversamente sedutor. Numa palavra: sensacional. (...)

Se, com o passar do tempo, o interesse privado acabou se sobrepondo ao público, operando os meios de comunicação mediante prática exclusivamente comercial, isso pode e deve ser mudado.

Em nome do interesse público, é mais do que legítimo pensar num código de ética e normas que rompa a nefasta relação de cumplicidade entre meios e público cimentada pelo sensacionalismo e pela exploração baixa das paixões privadas.

(Trecho de *O Espetáculo da Mídia*,
de José Arbex Jr., Revista SESCTV, 2007)

Proposta

As emissoras de tevê aberta, quando questionadas pelos críticos a respeito da má qualidade da programação (apelo excessivo ao consumismo, à violência, e ausência de programas inteligentes voltados à cultura e educação), rebatem dizendo que veiculam aquilo que o público quer assistir, mediado pela audiência e por outras pesquisas sobre o perfil do espectador. Como você vê essa questão? A partir da leitura dos textos acima e do tema proposto, escreva uma **dissertação em prosa**, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

PROPOSTA DE REDAÇÃO (ACEPUSP)

A **imprensa corporativa** é patrocinada (ou *financiada*) por “corporações”, grandes empresas lucrativas e com poder político. Assim, esta dita “**grande imprensa**”, ou “mídia hegemônica” quase sempre emite suas opiniões pautada por uma visão de mundo **conservadora**, de modo portanto a “conservar” o *status quo* (ou seja, o *estado das coisas* como elas estão), mantendo assim seus privilégios econômicos e políticos, bem como o de seus abonados patrocinadores.

Neste novo século, com a ascensão de **Lula** (do **Partido dos Trabalhadores**) ao poder executivo federal, começou no Brasil a emergir uma nova modalidade de imprensa: a **imprensa** ou **mídia independente** (chamada por alguns de *imprensa crítica alternativa*), cuja tendência é a de dar voz às chamadas **minorias**. [*Nota: “minorias” é um termo que nem sempre se refere a populações “menos” numerosas, mas a populações com “menos poderes”, ou “menos voz pública”.]

Dispondo de menor visibilidade, é uma característica da imprensa independente a **interpretação crítica** dos acontecimentos apresentados (sugerindo **reflexões** ao seu leitor/espectador), e **não apenas a mera apresentação** (crua, sem debate) das notícias escolhidas por seus editores – como ocorre sistematicamente no caso da grande mídia, com suas pautas sensacionalistas, que visam antes chamar a atenção, de que realmente pôr em questão ou resolver os problemas apresentados.

Observe-se que nas próprias “escolhas” das notícias a serem veiculadas em um jornal, tevê ou revista, os editores já explicitam muito da opinião do veículo ao qual servem – de maneira que não existe a propaganda “imparcialidade” ou “neutralidade” da mídia.

Proposta

Leia o texto a seguir, elenque e avalie os principais argumentos em que o autor apresenta acontecimentos, ou dados contundentes, que refutam a visão *dominante* (ou *hegemônica*).

ca) que costumeiramente nos é passada pela mídia corporativa, que dia a dia “constrói” a opinião pública da grande maioria da população.

Texto

“Colômbia: 40 anos de resistência”



Guerrilheiros das FARC jogam vôlei em acampamento na selva/
Foto: Yuri Martins Fontes

No final de maio de 1964, dezenas de milhares de soldados do Exército da Colômbia foram enviados para o povoado de Marquetália para reprimir 48 camponeses comunistas rebeldes, que fugiram para as selvas e montanhas. Essa é a data tida como a da fundação da maior e mais antiga guerrilha das Américas, as **Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP)**.

Em 40 anos, aquela meia centena de revoltosos comandados por Manuel Marulanda – o histórico líder máximo conhecido como Tiro Fijo (“Tiro Certo”) – se transformou num grupo político armado com quase 30 mil homens, divididos em 60 frentes guerrilheiras e agindo em todo o território do país.

As **FARC** nasceram da incapacidade de as elites colombianas formularem um projeto nacional autônomo para o país. Após a grande Crise de 1929 (a “Quebra da Bolsa”), pela primeira vez o mundo passou a enxergar de outro modo o liberalismo ortodoxo, que vigorava inabalável desde o século XIX. Começou a se cogitar, a partir de então, a intervenção do Estado na economia, de forma a minimizar as consequências da grande quebra iniciada nos EUA. Eram necessárias atitudes urgentes que pudessem responder aos interesses das fragilizadas burguesias nacionais dos países dependentes.

Na América Latina, grandes representantes desse giro histórico foram os presidentes **Cárdenas**, no México, **Perón**, na Argentina, e **Getúlio Vargas**, no Brasil. A nacionalização do petróleo e o investimento industrial foram importantes pautas desse amplo movimento. Na Colômbia, entretanto, o grande poder da ala conservadora, alinhada com o expansionismo estadunidense, impediu que reformas progressistas tivessem lugar.

O processo que deu origem ao movimento guerrilheiro colombiano remonta aos anos imediatamente posteriores ao encerramento da 2ª Guerra Mundial, quando correntes liberais, aliadas a pequenos grupos socialistas de então, iniciaram uma guerra civil contra o governo conservador. As primeiras etapas desse conflito armado podem ser conhecidas nas páginas de **Cem Anos de Solidão**, grande obra do realismo fantástico de **Gabriel García Márquez**.

Após 16 anos de luta e de algumas conquistas políticas, os liberais tentaram frear o avanço, ao perceber que os socialistas ganhavam força além do esperado sob a influência do triunfo revolucionário cubano. Traíram o acordo com as esquerdas e passaram-se para o lado conservador. E partiram para a ofensiva, no episódio fundador das **FARC**.

Logo após, em julho de 1964, foi realizada uma assembleia de guerrilheiros, em que se definiu um programa agrário que daria a primeira bandeira para os revolucionários: eles deixaram de ser apenas combatentes camponeses para pregar, sob uma visão mais ampla: a luta pelo poder político. Naquele ano surgiram também outros grupos revolucionários, com distintas formas de organização e diferentes concepções ideológicas, como o **Exército de Libertação Nacional (ELN)**, de orientação guevarista, e o **Exército Popular de Libertação (EPL)**, com origem nas concepções da Revolução Chinesa (maoistas).

É também dessa época o aparecimento de bandos oriundos da desestruturação das **guerrilhas liberais** que, já sem razão para existir e lutar, passaram a praticar a pilhagem da população civil. Algum tempo depois, essas quadrilhas foram recrutadas por latifundiários da região, dando início aos primeiros grupos **paramilitares** (mercenários ligados a fazendeiros e narcotraficantes). (...)

Frequentemente, milícias **paramilitares** efetuam emboscadas e genocídios em estradas e povoados rurais. Apesar da violência desses grupos fascistas, ao fim de 2003, o presidente Uribe fechou um acordo de rendição e anistia com o maior deles, as **Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC)**, que possui cerca de 5 mil combatentes. O acordo parece referendar não só a suspeita de que os paramilitares são bastante íntimos do **Exército colombiano**, mas também as que ligam Uribe diretamente ao comando desses grupos. [Nota: Uribe, embora tenha chegado à presidência no início dos anos 2000 com o apoio dos EUA, na década anterior foi apontado pela CIA como narcotraficante, o que hoje é documento público]. (...)

Grande parte dos guerrilheiros das **FARC** é composta de camponeses pobres levados pela miséria às fileiras rebeldes. Lá aprenderam a ler e a lutar. Outros, com mais formação, veem no grupo a única chance de mudanças políticas no país. Esses são preparados para os cargos de comando, estudando política, psicologia e economia.

As **FARC** se financiam, segundo afirma o próprio **comandante do Secretariado Geral, Raúl Reyes**, principalmente do imposto cobrado dos “capitalistas que tenham mais de um milhão de dólares, independentemente da proveniência de seus capitais”.

Em entrevista exclusiva, Reyes também esclareceu a propalada ligação do grupo com o narcotráfico:

– “Não perguntamos ao empresário das transportadoras se seus caminhões foram comprados com dinheiro do narcotráfico. As **FARC** não têm cultivos, não negociam com narcóticos, não vendem favores aos narcotraficantes. As **FARC** subsistem da economia do país, apesar da campanha encabeçada pelos Estados Unidos que tem por fim nos desacreditar, mostrar-nos não como uma organização revolucionária, mas como ‘narcotraficantes’, agora ‘narcoterroristas’. Mas é normal que os EUA façam isso, pois são nossos inimigos e, portanto, fazem o que devem fazer”.

*(Artigo de Yuri Martins Fontes,
Revista Reportagem, julho de 2004)*

***Nota:** em 2017, após a assinatura de Acordo de Paz com o governo colombiano, a guerrilha comunista das FARC deixou as armas; reconhecida pelo Estado como força política legítima, tornou-se um partido político regular e sua resistência armada de mais de meio século foi encerrada, embora a guerra civil na Colômbia continue, já que outras guerrilhas marxistas se mantiveram na ativa, resistindo contra grupos mercenários ligados a narcotraficantes e latifundiários do país; parte das antigas FARC também retomaram armas, em vista da traição por parte do governo de diversos pontos que tinham sido acordados no Processo do Paz.

RESPOSTAS DOS EXERCÍCIOS

Parágrafos organizadores

1. Sugestão de Título: Abundância ameaçada

Sugestão de parágrafo de conclusão: A água disponível no território brasileiro é suficiente para as necessidades do País, apesar da degradação. Seria necessário, então, mais consciência por parte da população no uso da água e, por parte do governo, um maior cuidado com a questão do saneamento e abastecimento.

Tema: água

Tese: No Brasil, há muita abundância de água, mas a má utilização pode comprometer a disponibilidade desse recurso.

Argumentos: Apesar da abundância em termos gerais, a água é distribuída de forma irregular; parte da água no Brasil já perdeu a característica de recurso natural renovável, em razão de processos de urbanização, industrialização e produção agrícola incentivados, mas pouco estruturados em termos de preservação ambiental e da água; as perdas na rede de distribuição por roubos e vazamentos atingem entre 40% e 60%, além de 64% das empresas não coletarem o esgoto gerado.

Conclusão: É preciso mais consciência por parte da população no uso da água e, por parte do governo, um maior cuidado com a questão do saneamento, abastecimento e regulamentação uso industrial e agrícola desse recurso natural.

2. Sugestão de título: Ações militares em tempos de democracia

Sugestão de parágrafo de introdução: A História é pontuada pelos conflitos entre diferentes sociedades. Das comunidades primitivas aos povos da antiguidade, da Idade Média ao mundo moderno, a disputa por territórios, alimentos, água, ou simplesmente pelo poder, tem sido motor de muitas transformações históricas. Desde as Guerras Púnicas entre gregos e romanos no século III a.C. até as Guerras Mundiais no século XX, passando por diversos conflitos locais e internacionais, não há um século na história da humanidade que não seja pontuado por embates militares.

Tema: guerra

Tese: apesar de ainda estar presente, a guerra, hoje em dia, é moral e politicamente condenável no Estado de Direito.

Argumentos: tempos são de apelos à paz, ao respeito dos direitos humanos e à valorização da democracia e da política; Estado se tornou mais complexo ao abarcar cada vez mais setores da sociedade; o Estado regula a convivência pelas leis do Direito e pela condenação do crime contra a vida e da violência.

Conclusão: o papel das forças armadas deve ser colocado em debate, já que no Estado de Direito a guerra é política e moralmente condenável.

Tipos de tema

1. Fuvest 1978: subjetivo; Fuvest 1981: interpretativo e subjetivo; Fuvest 1982: subjetivo; Fuvest 1983: interpretativo; Fuvest 1984: interpretativo; Fuvest 1989: interpretativo e objetivo.

2. Pode-se observar que as propostas das décadas de 1970 e início de 1980 tendem sempre para o subjetivo e interpretativo (temas abstratos e muitas vezes filosóficos), enquanto já no final dos anos de 1980, após a ditadura militar, no momento da Constituinte de 1988 - e até hoje (veja as propostas de redação da FUVEST a partir de 2002 no apêndice da apostila) - as propostas tendem para o tema objetivo, ligado à realidade.

3. Comparadas às provas “antigas”, as propostas de redação da FUVEST dos últimos cinco anos assumiram um caráter mais objetivo, exigindo do candidato reflexões sobre temas sociais e políticos pouco abordados pelas provas até o final da década de 1980. Porém, a predominância de temas objetivos e racionais não impede algumas surpresas, como a prova de 2004, por exemplo, na qual o candidato foi convidado a dissertar sobre o “tempo”, tema abstrato e filosófico.

Coerência

Questões do texto “O elevador do Brasil funciona?”

1. No início do texto, o autor constrói uma ideia positiva do Brasil, onde haveria grande mobilidade e possibilidade de ascensão social. Chega até a dizer que esse aspecto no Brasil é “melhor” do que na Europa, como se o país estivesse “avanzando” socialmente. No entanto, ao longo do texto e no fim, ele insere alguns dados que contradizem essa visão otimista: segundo a pesquisa, as classes dominantes são praticamente as únicas a ascenderem socialmente, enquanto as classes menos favorecidas não são beneficiadas pela mobilidade festejada no início da notícia porque não conseguem sair da base da pirâmide.

2. Ao comparar a realidade social brasileira à europeia e enaltecer o Brasil como um lugar de enorme mobilidade social, omite a sabida informação de que na Europa a concentração de renda é muito menor e que, se a possibilidade de ascensão é menor, a desigualdade também o é. A validade da comparação, dessa forma, é questionável.

Questões do texto “A Poção Mágica”

1. A tese central do texto é a de que, para ter influência sobre a opinião pública estadunidense (para que esta, por sua vez, tome a decisão de barrar projetos políticos imperialistas do governo), países, empresas, sindicatos e meios de comunicação precisam ter boas relações com os EUA e evitar “embates radicais fadados ao fracasso”.

2. O autor é contra um enfrentamento político direto e explícito com os EUA, alegando que a opinião pública norteamericana tem voz decisiva nas ações políticas do governo e

tenderia a “não prestar atenção” ou não ser influenciada por instituições e países que optam por um discurso mais radical. Essa posição fica clara no segundo parágrafo, quando o autor sugere que as nações modernas devem ser “sensatas e negociar em vez de enfrentar uma nação mais forte”.

3. O autor dá grande importância à opinião pública estadunidense, como se esta fosse imprescindível na luta contra o imperialismo dos EUA. No entanto, o exemplo da Guerra do Vietnã dado no texto encerra uma polêmica histórica: enquanto Rosenfeld e outros defendem que o fim da guerra foi, em última instância, uma decisão política dos EUA influenciada pela opinião pública, outra vertente interpretativa defende que a retirada das tropas se deve à derrota dos EUA pelos vietcongues, guerrilheiros comunistas da Frente de Libertação Nacional que lutaram contra a intervenção militar e política dos EUA naquele país. Dessa forma, a tese de que a opinião pública estadunidense tem influência decisiva na política imperialista dos EUA é questionável.

4. (Resposta pessoal).

Instrumentos gramaticais de coesão

1. a) Milhares compareceram à manifestação, embora/mesmo que tenha chovido a tarde toda.

b) Não houve quórum para realizar a assembleia, de forma que/de sorte que/por conseguinte/por isso foi remarcada.

c) O presidente anunciou um novo programa para que/a fim de que um maior crescimento econômico seja alcançado neste ano.

d) Devem ser construídas mais escolas públicas, pois há muitos jovens sem uma vaga para estudar.

e) Os recursos serão utilizados quando/se forem liberados.

2.a) Segundo

b) No entanto; Quando; de maneira; quanto; já que

c) Porém

d) Contudo

e) Para que

f) Portanto

g) Embora

Exercícios (Questões do texto “Infância interrompida”)

1. Ela; mãe-menina de longos cabelos claros; mãe, Luiza; pequena mãe

2. No sábado 30, às 22 horas, (a menina G.P. da S) deixou para trás também a infância;

“(Eu) Não sou mais criança, agora sou mãe de família”, diz;

(A mãe-menina) Chorou ao colocar os filhos no colo pela primeira vez;

Com os seios repletos de leite, (a mãe) amamenta-os (os gêmeos) alternadamente.

3. Os meninos; Os filhos; os (amamenta-os), Ramon e Randerson.

4. O primeiro parágrafo passa do particular para o geral porque a partir de um exemplo específico (menina G.P. da S.), chama a atenção para um problema social (gravidez precoce). Esse movimento é comum em reportagens como essa porque exemplos cotidianos tornam o assunto mais próximo do leitor. Essa prática evita que um tema tão importante como a gravidez precoce (e outros) se tornem apenas números e estatísticas.

5. No segundo parágrafo, são adicionadas informações sobre a situação social e antiga moradia do casal. A informação retomada é o fato de Luiza ter engravidado precocemente.

6. No terceiro parágrafo, são adicionadas informações sobre o destino do casal e de seus filhos, enquanto novamente é retomada a gravidez precoce.

Observação: note que ao mesmo tempo em que o autor insere novas informações no texto, sempre volta ao objeto central. Esse mecanismo de retomada amarra as informações do texto de forma coesa e coerente e o leitor nunca perde de vista a ideia principal (gravidez precoce é um problema social).

7.a) delas >> retoma o termo “doações”; assunto >> retoma “a gravidez precoce menina G. P. da S.”

b) O texto insinua que o caso fere preceitos da Igreja como, por exemplo, a proibição das relações sexuais antes do casamento e, mesmo assim, a menina foi ajudada por comunidades religiosas.

8. Resposta pessoal.

9. No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Ao contrário do recurso apontado na questão, os pronomes evitam repetições: que, pronome relativo, substitui: “velhinha”; ela, pronome pessoal, também; tudo, pronome indefinido, substitui “o pessoal da Alfândega”. No terceiro parágrafo, o advérbio aí está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo (“neste momento”).

10. O substantivo de caráter formal é odontólogo”, usado no lugar de “dentista”, mais corrente e informal. O emprego do pretérito-mais-que-perfeito justifica-se por indicar ação anterior aos outros dois tempos passados utilizados no mesmo período: “sorriu”, pretérito perfeito e “restavam”, pretérito imperfeito. A forma corrente e informal desse tempo, porém, não é a sintética, que o autor empregou, mas a composta com o auxiliar ter: “tinha adquirido”.

11. A palavra em questão é “espaia”, que o autor teve o cuidado de colocar entre aspas, por se tratar de forma própria

de um dialeto estranho ao empregado no texto. A linguagem do texto é coloquial urbana; “espaia” (assim como o “uai!” anteriormente atribuído à velhinha) é forma do dialeto caipira, corrente no interior de São Paulo e de Minas Gerais.

12. O trecho que apresenta discurso indireto misturado com direto é “ela respondeu que era areia, uai!” A interjeição “uai” rompe a fronteira do discurso indireto, introduzindo uma citação do discurso original que só caberia na forma do discurso direto ou do indireto livre. Além disso, ela quebra a expectativa formal do leitor, produzindo também um efeito de humor, pela mudança de dialeto comentada na resposta anterior.

Banco de Propostas

FUVEST 2004

Interpretação do tema

1. A concepção de tempo dominante no primeiro excerto enfatiza a importância do passado, ao contrário do segundo, em que é o dia-a-dia, o presente, que vale à pena. No terceiro trecho, o futuro ganha importância: a concepção de tempo predominante é a esperança do devir.

2. Ao afirmar que a história “passou a ser mais importante para nosso entendimento do mundo do que anteriormente”, Hobsbawm sugere que o referencial para uma compreensão analítica e crítica da sociedade está no passado, na história. No entanto, o mundo, hoje - segundo ele -, é dominado por tecnocratas, “resolvedores” de problemas, a quem não interessam os acontecimentos reais do passado. E como esses tecnocratas estão no poder (“conduzindo os negócios da humanidade”), podem forjar a história de acordo com seus próprios interesses. Desse modo, segundo Hobsbawm, o conhecimento da “história real da humanidade” é necessário como elemento conscientizador da sociedade, para que esta não seja dominada por interesses imediatistas que não contribuem para uma análise crítica do mundo. Interpretado dessa forma, o texto não é contraditório.

3. Imediatista

4. Chico Buarque sugere que a história de amor, se agora não é possível, se realizará num certo futuro.

5. A visão do eu lírico da canção da Chico Buarque é claramente oposta à do segundo texto. Segundo o autor, devemos esperar sem ansiedade o tempo passar (“Não se afobe, não, Que nada é pra já”, “O amor não tem pressa, Ele pode esperar em silêncio”), enquanto no segundo texto, o autor sugere o contrário (“Tudo é hoje, tudo é já”).

FUVEST 2003

Interpretação do tema

1. e

2. A “primeira” pátria é vista positivamente, enquanto a “segunda” tem aspectos negativos. No entanto, trata-se da mesma pátria, a nossa, qualificada na poesia como um lugar que tem problemas, mas que apesar de tudo, é melhor do que “uma Europa velha”, dividida e que se preocupa, sobretudo, com o dinheiro.

3. A vantagem de se viver aqui, segundo o poema, é a possibilidade de conhecer o todo, falar uma única língua, participar da vida do país e ter a esperança de um futuro melhor.

4. Zuenir Ventura aponta para o fato de que o brasileiro, de acordo com o IBGE, vive em condições de miséria e, ainda assim, é um povo feliz, esperançoso de que o país pode e vai melhorar.

Redação

Parte II

ÍNDICE DE REDAÇÃO - PARTE II

A Construção do Discurso

Tipos de Argumentação

Causa e Consequência
Ilustrações
Dados Estatísticos
Citação de terceiros

A Análise do Discurso

A Redação na FUVEST

FUVEST 2005
FUVEST 2007

A Redação na UNICAMP

UNICAMP 2004
Redação Unicamp - orientações
UNICAMP 2007

A Redação na UNESP

UNESP 2007
UNESP 1999

A Redação na UNIFESP

UNIFESP 2006

A Redação na UFSCAR

UFSCAR 2008
UFSCAR 2007

A Redação na UFBA

UFBA 2008

A Redação na UFRJ e UERJ

UFRJ 2007
UERJ 2008

Dúvidas Frequentes

Mas / Mais
Que / Quê
Por Que/Por Quê/Porque/Porquê
Mal / Mau
Onde / Aonde
Há / A
Acerca De / Há Cerca De
Afim / A Fim De
Senão / Se Não
Na Medida Em Que / À Medida Que
Demais / De Mais
A Par / Ao Par
Ao Encontro De / De Encontro A

Exercícios de Reforço

Múltipla Escolha
Questões Discursivas

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO

O fato de a dissertação ser o gênero textual mais solicitado em vestibulares e concursos é uma escolha estratégica: por meio dela, é possível avaliar a capacidade argumentativa e de reflexão dos candidatos.

O pleno domínio da língua portuguesa escrita, com todas as suas formalidades e padrões da norma culta, é fundamental para se construir um bom texto. No entanto, o texto não “vive” apenas da forma, precisa de um “recheio”: o **discurso – entendido aqui como a habilidade do autor de articular ideias e fundamentá-las com bons argumentos**. A construção de um bom discurso passa, assim, pela argumentação.

Argumentar é a capacidade de relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de embasar determinado pensamento ou ideia. Dizemos que um texto apresenta boa argumentação quando o discurso é construído de maneira sólida e “obriga” o leitor, se não a concordar, a pelo menos aceitar o ponto de vista exposto pelo autor.

Esse recurso textual é muito utilizado quando o **objetivo do texto é persuadir, levar o leitor a seguir uma linha de raciocínio e a concordar com ela**. No caso da redação, por ser um texto pequeno, há uma obrigatoriedade em ser conciso e preciso, para que o leitor possa ser levado direto ao ponto chave. Para isso, é necessário que se exponha a questão ou proposta a ser discutida logo no início do texto, e a partir dela se tome uma posição, sempre de forma impessoal.

Opiniões que “soem” muito particulares ao leitor podem comprometer a “objetividade” das ideias apresentadas e o poder de convencimento dos argumentos utilizados. Em razão disso, é importante observar alguns aspectos da argumentação utilizada num texto dissertativo:

- Os argumentos devem ter um embasamento, nunca se deve afirmar algo de que não se tenha certeza ou venha de estudos ou informações previamente adquiridas.
- Os exemplos dados devem ser coerentes com a realidade, ou seja, podem até ser fictícios, mas não podem ser inverossímeis.
- Experiências que comprovem os argumentos devem ser também coerentes com a realidade.
- Há de se imaginar sempre os questionamentos, dúvidas e pensamentos contrários dos leitores quanto à sua argumentação, para que a partir deles seja possível construir melhores argumentos, fundamentados em mais estudo e pesquisa.

A argumentação não trabalha com fatos claros e evidentes, mas investiga aspectos de um tema que geram opiniões diversas, sempre em busca de encontrar fundamentos para localizar a opinião mais coerente, de acordo com o ponto de vista adotado. Quando se trata de temas muito polêmicos, como, por exemplo, a descriminalização do aborto ou a cri-

minalização da pichação, a comparação entre vários ângulos de visão a respeito do assunto poderá ajudar no processo de convencimento do leitor. (www.infoescola.com, adaptado)

EXERCÍCIO

* O **editorial** é o texto jornalístico que expressa a opinião do meio de comunicação diante de um ou mais fatos contidos numa edição. É, portanto, um texto dissertativo: apresenta um ponto de vista e argumentos que o defendem. Leia o texto a seguir, extraído de uma revista progressista, e responda as questões.

Editorial Carta Maior: “BATINAS, FÉ, GOLPE E MÍDIA”

“O primeiro programa da televisão brasileira em rede nacional --com o suporte técnico fornecido desde Washington-- foi uma missa celebrada por padre Patrick Peyton, no início de 1964. Quem era o padre Peyton, merecedor de tal distinção?

Na preparação do golpe de 1964, era preciso excitar os instintos do medo e canalizá-los contra 'o comunismo ateu' representado pelo governo João Goulart. Nada melhor para isso do que servir-se da religiosidade popular, para o que esteve sempre disponível a obsequiosa genuflexão de uma parte da cúpula da Igreja cuja união carnal com os poderosos precedia a comunhão com Cristo. Nesse intercurso da fé com o dinheiro e a truculência, a CIA despachou para o Brasil o padre Patrick Peyton, um irlandês naturalizado estadunidense, conhecido como o padre das “estrelas”, por gostar de aparecer ao lado das celebridades de Hollywood.

Peyton veio promover a "Cruzada pelo Rosário em Família". Seus encontros convocados pela mídia arrastavam milhares de pessoas, em especial mulheres, para uma pregação que consistia em alertar 'a família' contra os perigos de um governo contrário aos EUA e que representava uma ameaça comunista à religião, à tradição e aos bons costumes. A política era apenas o subtexto. O resto da história é conhecido.

Pavimentado o espírito e a fé, o golpe de 1964 contou com o engajamento militante de batinas anticomunistas tendo como ponto alto a atuação de Dom Antônio de Castro Mayer, bispo de Campos (RJ) e de Geraldo de Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina (MG). Na marcha que recebeu os militares golpistas no Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1964, mulheres representantes da tradicional família brasileira, seguindo o lema de Patrick Peyton, estenderam seus rosários em oração agradecida à Igreja Católica pelo papel precursor na consolidação de uma nova ditadura na América Latina”

(Revista *Carta Maior*, com informações de *O outro lado da notícia*; 14-10)

- 1) Qual o tema/assunto do editorial?
- 2) Qual é o ponto de vista defendido?
- 3) Quais os argumentos que sustentam a tese?

TIPOS DE ARGUMENTAÇÃO

Já vimos que argumentar é relacionar fatos, teses, estudos, opiniões, problemas e possíveis soluções a fim de embasar determinado pensamento ou ideia. **Os argumentos podem ser de diferentes tipos.**

Abaixo, enumeramos os mais frequentes em modelos dissertativos voltados para o vestibular.

CAUSA E CONSEQUÊNCIA

Há um senso comum de que fatos são provas irrefutáveis. Sujeitos ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dos conceitos e pré-conceitos do dia-a-dia, eles passam, muitas vezes, a serem estabelecidos como “verdades absolutas”. Um texto argumentativo, no entanto, busca convencer por um processo e não pelo estabelecimento de verdades inquestionáveis. Isso seria subestimar o leitor, como se ele não tivesse opinião própria e pudesse ser “doutrinado”. Por isto, é desejável que o autor selecione fatos baseados na relação causa-efeito, sempre mais convincentes. Por exemplo: *A evasão de bons professores da rede de ensino estadual é consequência do fato destes docentes estarem desestimulados pelos baixos salários e pelas péssimas condições de trabalho: as salas são superlotadas e há falta de material didático. Também por estas razões, entram em greve constantemente para reivindicar seus direitos.*

ILUSTRAÇÕES

Chamamos de *ilustração* um exemplo continuado de forma narrativa, detalhada e recortada por descrições. Suponhamos, digamos são palavras típicas desse tipo de recurso. Há dois modos de ilustrar:

▪ **Ilustração Hipotética** – descreve ou narra o que poderia acontecer ou acontecerá em determinadas circunstâncias; isto é, a evidência é uma hipótese, uma invenção. Seu valor como prova é relativo, até mesmo duvidoso em certos casos. No entanto, tem grande valor didático para tornar mais clara uma tese ou opinião. Suponhamos, digamos são palavras típicas desse tipo de ilustração.

Ex. Suponhamos que um burro possa falar sobre os seres humanos, então veremos como os animais têm razões de sobra para acharem que os homens são animais irracionais.

▪ **Ilustração Real** – descreve ou narra um fato verdadeiro, ao contrário da hipotética. É eficaz e convincente, o fato em si serve como prova.

Ex. Suponhamos que um grave acidente desligue a rede elétrica do Brasil. As pessoas andariam por ruas escuras; os eletrodomésticos, como geladeiras e televisores, parariam de funcionar e precisaríamos ler sob a luz de velas. Essas mudanças radicais mostram em que grau as pessoas, hoje, são dependentes dessa tecnologia desenvolvida no século XIX.

DADOS ESTATÍSTICOS

São números e informações de grande valor de convencimento. Constituem quase sempre prova ou evidência irrefutável. No entanto, necessita-se de cautela em sua apresentação ou manipulação, pois sua validade também é relativa: com os mesmos dados estatísticos, tanto pode-se provar como refutar a mesma tese.

Ex. Dos aproximadamente mil alunos que se interessaram pelo Cursinho Popular dos Estudantes em 2003, cerca de 35% estudaram em escolas particulares. Isto demonstra que os pais de classe média estão tendo dificuldade em manter os filhos em cursos pré-vestibulares comerciais, que são muito caros, com mensalidades de cerca de R\$900.

CITAÇÃO DE TERCEIROS

Informação que, se fidedigna, tem grande potencial de convencimento. Em outras palavras, trata-se de um argumento atribuído a uma terceira pessoa que tenha legitimidade com relação ao assunto tratado.

Ex. Para Karl Marx, a história das sociedades tem sido a história da luta de classes. Por mais que insistam em dizer que não, ainda existe uma exploração gritante aos homens que trabalham e não têm em suas mãos os meios de produção. É justo, portanto, que eles lutem contra aqueles que retiram seus direitos a uma vida digna.

Nas viagens que fez ao exterior, FHC pronunciou que os problemas sociais do Brasil tinham prioridade em seu governo. Num de seus discursos em viagem à França ratificou essas ideias. “Vou sugerir a FHC que mude o seu gabinete para Paris. Na França ele é favorável a tudo aquilo que nega ao povo no Brasil”, não perdoou Lula, à época, ao comentar as declarações do presidente.

Exercícios

1. Quais os tipos de argumentos utilizados no texto abaixo? Dê exemplos.

Amazônia, região que ignora os limites da lei

AO ARGUMENTAR em defesa de sua proposta de nova demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em áreas não contínuas, afirmando que “o que não pode é você criar um Estado e depois criar uma reserva que tenha 50%, 60% do seu território”, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), doutor Gilmar Mendes, passou recibo da absoluta incapacidade e/ou má-fé da instituição que preside (e suas próprias) para tratar do assunto. A Terra Indígena Raposa Serra do Sol representa apenas e tão somente 7,8% da área total de Roraima.

O Supremo acatou a liminar impetrada pelo governador de Roraima, o tucano José de Anchieta Júnior, contra a retirada dos não-índios das terras da reserva, conforme decisão homologada pelo presidente da República. O resultado mais imediato da desastrosa (e desastrosa) decisão do STF teve lugar já no dia 5, quando um grupo de índios que construíram tendas na área de uma das fazendas de arroz, foi atacado por jagunços do senhor Paulo César Quarteiro, líder da meia dúzia de “arrozeiros” que se opõem à demarcação da reserva, e que é também prefeito do Município de Pacaraima, pelo DEM (ex-PFL). Dez índios ficaram feridos a bala. Para o governador tucano, José de Anchieta, ao construírem suas tendas naquele local, os índios agiram como “terroristas”.

Protestos - Várias entidades e instituições, ao longo da semana, manifestaram seus protestos contra a decisão do STF, e pelo imediato cumprimento da lei. Entre estas, a própria Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores (PT), que publicou nota reiterando seu apoio à “demarcação em território contínuo”, e anunciando que o PT “intensificará, nas próximas semanas ações políticas de solidariedade aos povos indígenas de Roraima (...) e em defesa das conquistas inscritas na Constituição Brasileira para os povos indígenas, a serem preservadas necessariamente pelo Supremo Tribunal Federal”.

Esta, aliás, é uma posição do PT inscrita em seu programa desde a sua fundação, e que vem sendo defendida pela agremiação ao longo dos anos. Talvez por isso mesmo, muitos petistas entendam que, entre as medidas de apoio aos povos originários de Roraima, o partido coloque em discussão a situação do senador Augusto Botelho (PT-RR), migrado há dois anos do Partido Democrático Trabalhista (PDT-RR). Além de suas contumazes posições anti-indigenistas que manifesta publicamente, criando amiúde situações constrangedoras para seus pares petistas no Senado, o senhor Botelho é autor de uma ação junto ao STF, em 2005, que questiona a demarcação da Raposa Serra do Sol, que tem

servido de importante argumento para os “arrozeiros”, que hoje recusam a indenização que lhes é oferecida pelo Governo.

A presença do Ministério da Justiça - Após o ataque dos capangas do prefeito Quartiero (DEM-RR) contra os índios, o ministro da Justiça, Tarso Genro, visitou a região da tocaia, onde desembarcou de helicóptero, acompanhado de uma segurança de 20 policiais. O ministro conversou com os índios, disse que entre duas semanas e um mês teriam uma decisão do STF, e se comprometeu a apurar quem foram os pistoleiros e os mandantes da agressão. De acordo com o líder indígena Martinho Macuxi Souza, além dos cem índios acampados no local, outros estão chegando para garantir a posse das terras, e que, independentemente da decisão do Supremo, eles expulsarão os “arrozeiros” daquela região.

O Governo Federal protocolou no STF pedido de mandado de busca e apreensão, no qual pede que a Polícia Federal e a Força Nacional desarmem os não-índios da reserva Raposa Serra do Sol, retirando-lhes armas, munição e explosivos. O líder dos “arrozeiros”, prefeito Quartiero (DEM-RR), porém, comentou de maneira chula a presença do ministro, e declarou que o que o Conselho Indígena de Roraima e as ONGs querem “é um cadáver igual ao de Dorothy Stang. E quase conseguiram”.

Absolvição do mandante do assassinato da irmã Dorothy - Mais do que nos modos desafiadores e sublinhados pelo deboche do senhor Quartiero, o poder e a arrogância dos latifundiários do Norte ficaram mais uma vez patentes com a absolvição, pelo Tribunal do Júri de Belém (PA), no dia 6, do fazendeiro Vitalmiro Bastos de Moura – alcunhado de Bida –, condenado em maio passado a 30 anos de prisão por haver sido mandante do assassinato, em fevereiro de 2005, da irmã Dorothy Stang, freira estadunidense naturalizada brasileira.

O pistoleiro executor do crime, Rayfran das Neves – de alcunha Fogoió – foi condenado, na mesma sessão do júri que absolveu Bida, a 28 anos de prisão em regime fechado. Comentando o fato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva declarou que espera que a decisão do Tribunal de absolver o fazendeiro Bida, seja revista, acrescentando que o gesto “mancha a imagem do Brasil no Exterior”. O presidente disse ainda que os advogados da Advocacia Geral da União analisarão medidas que possam reverter a absolvição. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), por sua vez, divulgou um estudo, segundo o qual mais de 70% dos aproximadamente 800 assassinatos registrados no Pará, resultantes de conflitos no campo, sequer foram investigados pela Polícia paraense.

Relatório denuncia ameaças, abusos e impunidades -

Enquanto isso, também no dia 6, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) entregava, durante audiência com a Comissão da Câmara Federal, um dossiê no qual cobra das autoridades posicionamento e ação na região da Amazônia. Com cerca de 80 páginas, o relatório denuncia desde a exploração sexual de crianças na Ilha de Marajó e outros municípios do Pará; o assassinato de mais de quatro dezenas de meninos emasculados logo após a morte no Maranhão e Altamira; a “omissão e ingovernabilidade” frente às denúncias e aos fatos; e as ameaças de morte contra três bispos (dom Erwin Kräutler, dom Luiz Azcona e dom Flavio Giovenale) e outras doze pessoas cujos nomes não foram revelados.

(Brasil de Fato, 30/05/2008)

2. (UNICAMP) “Não há (...) como se cogitar do abandono do sistema de reajustes indexados, e automáticos. (...) Em suas linhas gerais a legislação salarial deve ser mantida, por ser tecnicamente melhor do que as suas antecessoras. Impõe-se, entretanto, um tratamento adequado ao piso salarial nacional e sua completa e definitiva desvinculação de outros salários. Exige-se, ainda, o estreitamento do amplo arco de salário. Não é justo que, enquanto muitos são pagos à razão de meio, um, dois, três salários mínimos, outros consigam ganhar cinquenta, cem, duzentas ou trezentas vezes mais. É fundamental, finalmente, que as negociações sindicais ou com as empresas sejam livres e responsáveis, tomando como parâmetro os dados objetivos da realidade.”

(Almir Pazzianoto, Folha de São Paulo)

Identifique, no texto acima:

a) O argumento utilizado pelo ministro do trabalho a favor da manutenção da legislação salarial que prevê reajustes indexados e automáticos

b) A palavra que marca sintaticamente a oposição entre os assalariados que ganham pouco e aqueles que ganham muito

c) A palavra que poderia ser substituída por “não obstante”

(FUVEST) Texto para as questões 3 e 4**GOLS DE COCORUTO**

“O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema – e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e aí o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista.

O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca das camisas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura da sua reputação de vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores.”

(Luis Fernando Verissimo, O Estado de S. Paulo)

3. A tese que o autor defende é a de que, em futebol:

- a) o planejamento tático está sujeito à interferência do acaso;
- b) a lógica rege as jogadas;
- c) a inteligência dos jogadores é que decide o jogo;
- d) os momentos iniciais decidem como será o jogo;
- e) a dinâmica do jogo depende do planejamento que o técnico faz.

4. No texto, a comparação do campo com um quadro negro aponta:

- a) o pessimismo do tático em relação ao futuro do jogo;
- b) um recurso utilizado no vestiário;
- c) a visão de jogo como movimento contínuo;
- d) o recurso didático preferido pelo técnico Tim;
- e) um meio de pensar o jogo como algo previsível.

(UFRJ 2007) Texto para as questões 5 e 6

Mau humor crônico é doença e exige tratamento

Mau humor pode ser doença – e grave! Um transtorno mental que se manifesta por meio de uma rabugice que parece eterna. Lembra muito o estado de espírito do Hardy Har Har, a hiena de desenho animado famosa por viver resmungando “Oh dia, oh céu, oh vida, oh azar”. Distímia é o nome dessa doença. Reconhecida pela medicina nos anos 80, é uma forma crônica de depressão, com sintomas mais leves. “Enquanto a pessoa com depressão grave fica paralisada, quem tem distímia continua tocando a vida, mas está sempre reclamando”, diz o psiquiatra Márcio Bernik, coordenador do Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas (HC).

O distímico só enxerga o lado negativo do mundo e não sente prazer em nada. A diferença entre ele e o resto dos mal-humorados é que os últimos reclamam de um problema, mas param diante da resolução. O distímico reclama até se ganha na loteria. “Não fica feliz, porque começa a pensar em coisas negativas, como ser alvo de assalto ou de sequestro”, diz o psiquiatra Antônio Egídio Nardi, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(...) E, se o mau humor patológico tem remédio, o mau humor “natural” também. Vários fatores interferem no humor. O cheiro, por exemplo, que é capaz de abrir o sorriso no rosto de um trombudo. E mais: ao contrário do que se pensa, o humor melhora com a idade! (KLINGER, Karina. Folha online – www.folha.com.br, 15/07/2004.)

O texto apresenta como tema central um transtorno causado pelo mau funcionamento do timo (glândula relacionada ao controle da afetividade e da emoção).

5. Identifique a palavra que, por meio do uso de prefixo e sufixo, nomeia o portador desse transtorno.

6. Diferencie o referido transtorno de uma outra categoria psicológica relativa ao humor apresentada no texto, apondo a principal característica de cada uma delas.

(UERJ 2007) Texto para a questão 7

A liberdade da rede corre perigo

A internet como nós conhecemos corre risco de morte. Em um futuro não muito distante é possível que nossos filhos chamem de “Internet” algo bem diferente daquilo que hoje conhecemos por esse nome.

Pedágio na Internet - Agora, quando a Internet se torna o novo paradigma das comunicações e outras mídias já começam a incorporar a sua “linguagem”, as donas das redes (operadoras de telefonia fixa e de TV a cabo) perceberam que elas podem auferir enormes vantagens com o controle da infra-estrutura da Internet.

Os donos da infra-estrutura poderão estabelecer diferenças no tratamento dado aos conteúdos que circulam na Rede. Assim, se uma empresa pagou mais, seus conteúdos terão um tratamento diferenciado, circulando em vias expressas de maior velocidade. Aqueles que não puderem pagar terão que se contentar em ter *websites* que demoram uma enormidade para abrir ou em emitir e-mails que demorarão mais do que outros para chegar aos seus destinatários.

Sem ferir a liberdade de expressão, essa medida pode ser um duríssimo golpe na diversidade cultural e política da Internet.

Eu sei quem você é e o que faz - Muito de nossas vidas está espalhado pela Internet. Os sites que visitamos, as compras que fazemos, nossas buscas, nossas comunidades e amigos, os e-mails que enviamos e recebemos, os arquivos que baixamos etc. Agora, imagine que isso tudo possa ser reunido e analisado.

Não apenas por governos totalitários, mas também por empresas ávidas por conhecer o padrão de consumo de cada indivíduo a fim de lhe suprir com uma produção por demanda.

Tudo isso é possível, em primeiro lugar, pela inexistência de regras internacionais. Por exemplo, a empresa Google se recusa a prestar contas ao Ministério Público Federal sobre páginas de pedofilia no site de relacionamentos Orkut, alegando que os servidores estão nos Estados Unidos e somente lá o assunto poderia ser levado à Justiça. Mas a mesma empresa instalou servidores na China a fim de permitir que o governo daquele país tenha acesso às informações dos usuários dos diversos serviços prestados pela Google.

No Brasil, o Senado está preparando uma lei que considera como “identificação do usuário” não apenas sua senha, mas também “nome completo, data de nascimento, endereço completo e todos os demais dados que sejam requeridos”.

Ou seja, cybercafés, telecentros comunitários e universidades, por exemplo, terão que manter por cinco anos, endereço, data de nascimento, nome completo, número de CPF e sites visitados por cada usuário.

(Adaptado de Gustavo Gindre, www.consciencia.net)

7. O texto desenvolve o alerta feito no título, expondo duas ameaças à rede mundial de computadores. Essas ameaças são apresentadas, especificamente, pelos dois subtítulos. Identifique a que ameaça se refere cada um dos subtítulos do texto.

A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso pode ser definida, de maneira bastante simplificada, como uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. É um recurso de compreensão de texto muito utilizado, por exemplo, para identificar a visão de mundo em textos midiáticos (editoriais, artigos de opinião, reportagens etc.) ou de publicações como livros e revistas. Podemos também utilizá-lo para analisar as propostas de redação dos vestibulares e concursos, pois estas geralmente trazem excertos de textos que, via de regra, buscam afetar o candidato e gerar algum tipo de reflexão ou posicionamento.

Ao analisar o discurso de um texto escrito, o leitor precisa identificar sua **estrutura, os argumentos apresentados, as condições de produção e a relação do tema tratado e do autor com o contexto histórico-social**. Por exemplo, ao ler o editorial de um jornal, podemos contextualizar os argumentos e analisar suas fontes (de onde vêm os dados apresentados, quem são os personagens citados etc.) a fim de identificar o posicionamento político do veículo com relação a determinado assunto e até mesmo em relação a outros jornais.

EXERCÍCIOS

1. Observe os textos abaixo, ambos sobre o mesmo tema, e procure distinguir o discurso de cada um deles em relação ao assunto abordado. Escreva uma síntese que apresenta e relaciona as principais ideias de cada texto.

Texto 1

A lei seca e a secura do Estado

É dever moral evitar acidentes causados pelo exagero no consumo de bebida alcoólica. É dever do Estado coibir o desatino de pessoas alcoolizadas dirigirem seus veículos; cabe-lhe puni-las segundo o rigor da lei. Como, porém, se determina esse rigor para torná-lo efetivo?

Bebidas alcoólicas tradicionalmente fazem parte de nosso cardápio. No Mediterrâneo, o vinho, o trigo e a azeitona compuseram a base da alimentação que permitiu o desenvolvimento do Ocidente. Na França costuma-se dizer que uma refeição sem vinho é como um dia sem sol. E os cardiologistas aconselham que se tome um copo de vinho tinto diariamente para evitar doenças coronárias.

O problema, portanto, não é o álcool, mas o exagero e o vício. Aliás, como a comida e o sexo. O caso do álcool é mais pungente, pois seu consumo desmesurado, além de causar danos a quem bebe, frequentemente e cada vez mais atinge pessoas inocentes, que nada têm a ver com os exageros e os vícios alheios. Isso porque nos tornamos cada vez mais dependentes do automóvel como meio de transporte.

Situação esdrúxula - E o caso das grandes metrópoles, em particular o de São Paulo, mostra como medidas urgentes devem ser tomadas. De um lado, diminuindo o peso do transporte individual; de outro, coibindo o exagero do consumo do álcool. Ora, toda a questão reside na medida desse exagero.

Segundo a Folha de domingo passado, os EUA e o Reino Unido admitem oito decigramas de álcool por litro de sangue, a França, cinco, e o Brasil, dois, junto com Noruega e Suécia. Essa medida equivale a proibir que a pessoa dirija depois de beber um copo de cerveja ou de vinho.

Punição à maioria - Chegamos a uma situação esdrúxula: em vez de o Estado determinar a medida da segurança, simplesmente se isenta dessa medida e pune aquele que bebe moderadamente, ciente de seus limites e de suas obrigações sociais. Em resumo, pune a maioria para evitar que desregulados causem malefícios. Na Noruega e na Suécia, a tolerância zero tem lá suas razões de ser. No Brasil, esse exagero simplesmente repete o espetáculo de violência de um Estado fraco, que encena uma força desproporcional a seus recursos simplesmente para atemorizar. Isso equivale a legislar para que a lei não pegue, obviamente depois de saciar a boa consciência dos bem pensantes. Como de costume, os brasileiros enfrentam um problema desfraldando a bandeira do rigor da lei para deixar tudo como está, menos o respeito pela lei, o qual se degrada a cada dia.

*(Giannotti, filósofo liberal-conservador e professor/
publicado em 2008)*

Texto 2

Álcool é a causa de metade dos acidentes graves

Acidentes decorrentes do beber-e-dirigir são um importante problema de saúde pública. O Estado possui medidas de controle, sendo a fiscalização com bafômetros a mais eficaz. A identificação e a retirada das ruas dos motoristas intoxicados são um tipo de prevenção que muda o comportamento populacional, e são muito mais eficazes que campanhas educativas.

Não há limites seguros para o consumo de álcool por motoristas. Mesmo em baixas doses, ocorrem queda na visão periférica e comprometimento das noções de distância e velocidade, da atenção, da coordenação e do tempo de reação. O risco de acidentes aumenta uma vez e meia após consumir uma dose e dobra após duas.

No Brasil, o álcool responde por cerca da metade dos 40 mil acidentes graves de trânsito que ocorrem a cada ano, e os jovens são suas maiores vítimas. Pesquisa da Unifesp com 6.356 motoristas em várias capitais apontou que 31% apresentavam álcool no bafômetro. Quando um país desenvolvido identifica de 2% a 3% de motoristas alcoolizados, isso gera um grande debate nacional para melhorar a lei.

A nova lei não está proibindo as pessoas de beberem e não é rígida demais ao estipular que uma quantidade de álcool equivalente a dois chopes seja suficiente para a prisão do condutor. Basta, na maioria das vezes, mudar alguns hábitos e esperar pelo menos uma ou duas horas antes de dirigir. Não existe a possibilidade de o bafômetro identificar alguém que coma bombom de licor ou use medicamentos com álcool. Isso se deve à contaminação da boca e pode ser evitado bebendo um pouco de água.

A lei seca, com adequada fiscalização, pode modificar a tendência atual no Brasil: o descumprimento da lei por quem deveria observá-la, a omissão do poder público que deveria fiscalizá-la e o silêncio da sociedade que deveria exigí-la.

(Ronaldo Laranjeira e Sérgio Dualib são médicos e pesquisadores de Álcool e Drogas na Unifesp/ publicado em 2008)

2. Leia os quatro textos abaixo e identifique os diferentes discursos sobre o tema tratado. Aponte os argumentos em cada ponto de vista e, depois, elabore um texto-resumo que explique as diferentes visões sobre o assunto.

Texto 1

América Latina sofre com aumento dos preços de alimentos

DAVOS, Suíça, 26 Jan 2008 (AFP) - A soja e o trigo vendidos a preços recordes, o arroz custando o dobro se comparado há um ano e o milho com a maior cotação em 12 anos. A América Latina, famosa por suas exportações agrícolas, ganha cada vez mais dinheiro com os gêneros alimentícios mas sua população pode passar mais fome, apontaram especialistas durante o Fórum de Davos.

O preço das "commodities" - matérias-primas - tem aumentado espetacularmente nos últimos anos, graças principalmente a demanda de países emergentes, como a China e a Índia, e o momento favorável do mercado internacional.

A crescente demanda da indústria de biocombustíveis e o aumento da população mundial também fizeram disparar o preço dos alimentos, assinalam alguns especialistas. O custo da carne, dos ovos e dos laticínios também subiu consideravelmente.

Em Davos, o secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, o presidente do Banco Mundial (Bird) Robert Zoellick, o diretor da Organização Mundial do Comércio (OMC) Pascal Lamy, entre outros, apontaram para a necessidade de se estudar esse fenômeno e advertiram para seus riscos.

Ban afirmou que o elevado custo da comida é "um dos maiores desafios que as pessoas mais pobres do mundo enfrentam", junto com as doenças como malária e tuberculose, além da degradação ambiental.

Zoellick advertiu que os elevados preços dos alimentos poderão aumentar drasticamente a fome no mundo e criar uma nova geração de pobres. "Há cerca de 15 países no mundo particularmente vulneráveis aos altos preços dos alimentos e da energia, principalmente na África; necessitamos de esforços concretos para atender essas populações", disse Zoellick à AFP.

Em relação aos biocombustíveis, o diretor financeiro da Petrobras, Almir Barbassa, defendeu o cultivo agrícola para produzir o produto ao invés de alimentos. Muitos especialistas condenam a escolha, relacionando-a com o aumento dos preços do gênero alimentício e a derrubada de florestas.

"Com o preço elevado do petróleo é melhor utilizar a cana-de-açúcar para produzir etanol do que utilizá-la para produzir açúcar; os agricultores têm o direito de cultivar o que quiserem, é decisão deles e não dos mercados", disse Barbassa à AFP. O Brasil é atualmente o maior exportador de açúcar. Na semana passada, o preço do produto atingiu seu maior nível em 17 meses. A mesma situação atinge países asiáticos com o azeite de palma, utilizado como biodie-

sel, cujo preço aumentou em 125% em um ano e meio. Cerca de 90% de sua produção é utilizada na cozinha ou para fabricar produtos como a margarina, e a população mais pobre já teve que começar a racionar o seu consumo.

(Agência France Press, 26 de janeiro de 2008)

Texto 2

Alta Global de preços

A inflação está subindo no mundo todo. Para muitos países, a explicação para isso está na crise dos alimentos. O resultado disso é que alguns preços chegaram a duplicar ou triplicar nos últimos anos.

Esta crise tem por base três fatores. O primeiro, e talvez o mais importante deles, é o aumento da demanda por alimentos, principalmente os chineses. Há também o fator meteorológico. O fato é que muitos países têm passado por períodos adversos à agricultura, como Austrália - o segundo maior exportador de trigo do mundo atravessa uma forte seca.

O terceiro é o aumento do preço do barril do petróleo, que tem ficado acima de US\$ 100. Neste patamar, o custo da produção de alimentos sobre. Este fator influencia também outras áreas da economia, pressionando ainda mais a inflação.

Os países pobres são mais afetados pela alta dos preços dos alimentos. Isso poque, para as famílias destes países, o gasto com alimentação tem peso maior no orçamento.

(Agência Estado, 24/4/2008)

Texto 3

América Latina culpa subsídios e especulação por crise dos alimentos

Os representantes dos países latino-americanos que discursaram na cúpula de segurança alimentar da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), que termina hoje, concordaram que a culpa da atual crise dos alimentos se deve aos subsídios e à especulação.

Os latino-americanos também se transformaram nos principais defensores do "bom etanol", expressão utilizada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que explicou que os biocombustíveis são como o colesterol: "há o bom etanol e o mau etanol".

Entre os múltiplos fatores que desencadearam o aumento dos preços agrícolas, os países da América Latina negaram que a produção dos biocombustíveis seja uma das causas, já que, para muitos, é uma grande oportunidade para combater o aumento do preço do petróleo.

Enfatizaram também que deve haver distinção entre o biocombustível extraído da cana-de-açúcar e da palma afri-

cana e que é "inaceitável" o uso de cereais básicos como o milho para sua produção.

Na cúpula, a ONG Oxfam denunciou que Europa e Estados Unidos dedicaram 80 bilhões de euros em 2006 para subsidiar seus camponeses, o que distorce o mercado e diminui as oportunidades para os Estados mais pobres.

Por isso, o embaixador da Bolívia perante a FAO, Julio Pantoja Salamanca, propôs hoje que os países ricos transfiram seus subsídios agrícolas para os mais pobres, com o objetivo de criar um "fundo mundial" para estimular uma "década produtiva com mais e melhores alimentos."

Para o presidente da República Dominicana, Leonel Fernández, a atual crise dos alimentos pode se transformar "em uma grande oportunidade para o setor produtivo nacional" e substituir assim a importação de produtos agropecuários provenientes do mercado internacional.

Fernández acrescentou que isso pode fracassar se "os subsídios generalizados à produção e exportação de produtos agropecuários por parte dos países desenvolvidos" continuarem.

O vice-presidente de Cuba, José Ramón Machado Ventura, acusou os países desenvolvidos de se negarem a eliminar "os escandalosos subsídios agrícolas, enquanto impõem suas regras ao comércio internacional."

Além disso, o vice-presidente cubano arremeteu contra as "vorazes transnacionais" de estabelecer preços que "monopolizam as tecnologias, impõem certificações injustas e manipulam os canais de distribuição."

Na árdua negociação entre os países para aprovar a declaração final, um dos problemas foi a oposição de alguns países desenvolvidos em condenar o protecionismo ao setor agrícola nacional. Para a presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner, os culpados da especulação são os "pools de plantio", empresários que controlam conjuntos de terras. "Na Argentina, um pequeno poupador pode obter até 30% de lucro quando investe em um 'pool de plantio' o que significa um ganho incrível no mundo atual", afirmou Cristina.

O secretário de Agricultura do México, Alberto Cárdenas Jiménez, concordou com Lula sobre o "etanol bom e etanol ruim" e anunciou que seu país também começará a produzi-lo a partir da cana-de-açúcar. Cárdenas Jiménez também mostrou a rejeição de seu país aos combustíveis extraídos de cereais cultivados graças aos auxílios concedidos pelos Governos dos EUA e da UE (União Europeia).

Para a Guatemala, é um "pecado" que alguns cereais básicos para a alimentação sejam usados para produzir biocombustível, como disse hoje o ministro da Agricultura do país, Raúl Robles. Robles explicou que a Guatemala não é contra os biocombustíveis porque eles são uma alternativa para reduzir o preço do petróleo, mas que devem ser produzidos "apenas a partir de outras matérias-primas como cana-de-açúcar, palma africana, pinhão-mansão e outras espécies que não ponham em perigo a alimentação do planeta."

(Folha, 05/06/2008)

Texto 4

Transnacionais especulam com alimentos

OS ALIMENTOS básicos consumidos pela população brasileira estão cada vez mais caros. O preço do feijão subiu nada menos do que 125% de janeiro de 2006 a abril de 2008, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese). Já a alta do arroz ficou em 20% e a do leite, em 28%.

Um dos fatores que têm contribuído para esse aumento é o domínio das transnacionais no setor agrícola brasileiro e mundial. Aqui, embora o agronegócio não produza a maior parte dos alimentos, possui a maior parte das terras agricultáveis, usando-as principalmente para a produção de soja, eucalipto e cana-de-açúcar. Essas produções visam, sobretudo, atender às necessidades dos países ricos, seja para fornecer ração para pecuária (soja), ou para garantir o abastecimento de celulose (eucalipto) e etanol (cana) – não são destinadas à alimentação.

“Essas grandes empresas, em sua maioria transnacionais, não têm como objetivo alimentar o mundo, mas produzir commodities* valorizadas no mercado internacional”, explica José Batista de Oliveira, da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST). Com a corrida pelos agrocombustíveis (a partir de grãos ou da cana), produtos agrícolas cotados no mercado financeiro ficaram cada vez mais caros, elevando por tabela o preços dos alimentos.

Quem ganha com isso são as grandes empresas que controlam essas produções e elevam seus lucros. “As transnacionais controlam toda a produção das principais commodities e controlam o comércio mundial. Em cada ramo, temos, no máximo, dez empresas que controlam produção, processamento e comércio. Portanto, hoje o preço de cada mercadoria internacionalizada é objeto de especulação. Não tem mais uma relação direta do preço com o custo de produção, que é apenas uma referência”, explica Oliveira.

Ele ainda lista algumas das principais empresas do ramo: na área de grãos, há a estadunidense Cargill, a holandesa Bunge, a estadunidense-canadense ADM, a suíça Syngenta, a estadunidense Monsanto, e a francesa Dreyfuss. Na área de laticínios, o mercado é manipulado por apenas três: a suíça Nestlé, a italiana Parmalat e a francesa Danone. Na área de venenos e remédios, também são poucas empresas, como a alemã Bayer, a suíça Syngenta, a alemã Basf e a suíça Novartis.

Além de toda a especulação em cima de produtos agrícolas, encarecendo alimentos, estes últimos têm tido cada vez menos espaço de plantio. Uma análise das áreas destinadas à produção agrícola no Brasil revela que, enquanto a soja e a cana avançam cada vez mais sobre as terras, o plantio de arroz e feijão perde terreno. O arroz, por exemplo, de acordo com dados do IBGE, tinha 9,04% de participação nas culturas no total de área plantada no Brasil, em 1990. Em, 2007, passou a ter 3,4%. Já a soja, no mesmo período, foi de 25,2%

para 35,5%. E tudo leva a crer que essa tendência deve continuar, sobretudo com a expansão da produção de etanol a partir da cana.

Para se ter uma ideia da voracidade dos investidores nacionais e internacionais em relação ao setor, os pedidos de financiamento para a construção de usinas de álcool cresceram 565,13% só de janeiro a abril deste ano, em comparação a igual período do ano passado, segundo dados do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Na prática, os empréstimos do BNDES significam investimento de dinheiro público em negócios que dependem da monocultura para exportação. Para Guilherme Delgado, economista e pesquisador aposentado do Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (Ipea), esses dados devem ser analisados à luz do modelo econômico brasileiro, que se apoia no setor agroexportador para manter os saldos da conta corrente brasileira. “A escolha pelo agronegócio cumpriu o papel de prover saldos comerciais expressivos para fechar a conta corrente com saldos. Mas isso funcionou só até ano passado, já que este ano fecharemos com déficit”, aponta o pesquisador.

(Dafne Melo, *Brasil de Fato*, Ed. Especial junho/2008)

* *Commodity* é um termo de língua inglesa que, assim como o seu plural *commodities*, significa **mercadoria**; é utilizado para designar produtos de origem primária nas transações comerciais de bolsas de valores. Ou seja, o termo é utilizado como referência aos produtos em estado bruto ou com pequeno grau de industrialização, de qualidade quase uniforme, produzidos em grandes quantidades e por diferentes produtores. Estes produtos “in natura”, cultivados ou de extração mineral, podem ser estocados por determinado período sem perda significativa de qualidade. O que torna as commodities muito importantes na economia é o fato de que, embora sejam mercadorias primárias, possuem cotação e “negociabilidade” globais; portanto, as oscilações nas cotações destas commodities têm impacto significativo nos fluxos financeiros mundiais.

2. Leia o texto abaixo e responda as questões

Caridade é um grande negócio

(Thiago Velloso)

Bono Vox, líder da banda U2; Bill Gates, dono da Microsoft e 2º homem mais rico do mundo; Jeffrey Sachs, ex-conselheiro de Bill Clinton: o que todos eles têm em comum é o desejo de erradicar a síndrome do “coração sem cabeça”, mal que atinge 9 entre 10 ongs: o uso da emoção – e não de evidências empíricas – para escolher como gastar dinheiro. Na prática, um caminhar de boas intenções incapaz de ajudar as pessoas a sair de onde estão. Bono e companhia preferem recorrer ao que outro expoente do movimento, John Wood, autor de *Sai da Microsoft para mudar o mundo*, chama de “coração de Madre Teresa e cabeça de empresa grande”. Ou seja, trazer as práticas dos bons negócios para o mundo das boas ações.

Esse movimento da filantropia profissional tem seus pilares. (...) John Wood, que abre bibliotecas e escolas em regiões carentes, rege sua ong “Lugar para ler” com técnicas que aprendeu nos tempos de Microsoft; os índices de desempenho de cada funcionário são divulgados para todos na organização e o projeto tem metas arrojadas de expansão.

A ciência da pobreza

Por fim, há o mais promissor dos pilares: o casamento da ciência com o combate à pobreza. É aí que entra o trabalho do Laboratório Ação Contra a Pobreza, do MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts. O centro usa estatísticas e modelos matemáticos para derrubar em um quarto as taxas de absenteísmo.

Em outro estudo, cientistas do MIT atacaram o problema da expansão da Aids entre meninas jovens do Quênia. Descobriram duas causas: o abandono escolar e as relações sexuais entre mulheres jovens e homens mais velhos – grupo de maior risco de contaminação. Com uma simples doação de uniformes ao custo de R\$ 24,00 por estudante, os pesquisadores aumentaram a frequência às aulas em 17% entre os garotos e 12% entre as garotas. A nova política também levou a uma redução de 12% na taxa de gravidez adolescente. Há ainda um trabalho feito para a Índia, mostrando que a utilização de mulheres da sociedade local como tutoras de crianças com notas baixas era 6,7 vezes mais eficaz do que a contratação de novos professores para as escolas ou a introdução de computadores como ferramenta auxiliar de estudo.

É por esse tipo de estudo que Bono se interessa. Ele comanda uma ong chamada Data, sigla em inglês para Dívida, África, Comércio e Aids. (...) A Data está hoje entre as principais parceiras da Fundação Gates, (...) que investe pesado na união entre ciência e caridade. Capitalista convicto e engajado, Gates quer também usar suas crenças para reduzir a pobreza. Ele prega que o acesso fácil ao dinheiro pode extinguir a miséria. No ano passado, sua fundação investiu US\$ 44,5 milhões em instituições financeiras que emprestam pequenos valores aos africanos pobres. Estima que cerca de 90% de pessoas no continente não tenham acesso a crédito, o que emperra o consumo e dificulta o aumento da produção de bens.

Muita gente olha com desconfiança o trabalho desses ícones do capitalismo interessados em resolver problemas sociais. Afinal, tratar caridade com lógica empresarial subverte o que chamamos de caridade. Ajudar o próximo, costumávamos pensar, é ter desprendimento individual para aliviar o sofrimento alheio – e não submeter a pobreza a modelos matemáticos. O problema é que trabalhar com o coração se provou eficaz apenas para aliviar a dor dos mais fracos. A esperança é que o trabalho profissional seja capaz de erradicá-la.

(Texto para a campanha “Planeta sustentável”, publicado na Revista Superinteressante, Agosto/2007)

QUESTÕES

1) A “síndrome do coração sem cabeça” seria:

- a) uma anomalia frequente em integrantes de ongs;
- b) uma ação realizada sem planejamento correto;
- c) uma lenda do folclore brasileiro;
- d) o uso da razão acima da emoção;
- e) uma prática inadequada que leva muitas ong’s à falência.

2) “Com uma simples doação de uniformes ao custo de R\$ 24,00 por estudante, os pesquisadores aumentaram a frequência às aulas em 17% entre os garotos e 12% entre as garotas. A nova política também levou a uma redução de 12% na taxa de gravidez adolescente.” Observe, neste trecho, a medida tomada e os resultados gerados por ela. Na sua opinião, existe realmente uma relação clara entre eles?

3) A ideia apresentada por Bill Gates para a redução da pobreza na África é oferecer pequenos empréstimos à população, aquecendo desta forma a economia. Tal prática, conhecida no Brasil como “empréstimo pessoal”, realizada por financeiras geralmente ligadas a grandes grupos empresariais – como por exemplo o grupo Silvio Santos e o Votorantim – é bastante questionável, pois é mais prejudicial do que benéfica a quem a ela recorre, devido aos altos juros cobrados. No entanto, por que em nenhum momento no texto se fala dos juros cobrados pelas financeiras tuteladas pela iniciativa de Gates?

A REDAÇÃO NA FUVEST

A prova de redação merece uma correção especial. Logo que as provas chegam à Fuvest, procede-se a uma leitura eletrônica do texto preparado pelo candidato. Em seguida, são feitas duas cópias desse texto, que são encaminhadas a dois corretores independentes. Eles deverão atribuir nota a essa Redação. Se essas avaliações (independentes) não concordarem, a redação será encaminhada a uma “banca superior”, que deverá analisar tudo novamente e atribuir uma nota que seja a palavra final da banca.

Na correção da redação, serão examinados três aspectos. A cada um deles, poderão ser atribuídos 0, 1, 2, 3 ou 4 pontos.

1. Tipo de texto e abordagem do tema

Considera-se aqui se o texto do candidato configura-se como uma dissertação e se atende ao tema proposto. É fundamental, na elaboração do texto dissertativo solicitado, que o candidato demonstre a habilidade de ler e articular adequadamente os textos da coletânea para abordar o tema. A elaboração de um texto que não seja dissertativo ou a fuga completa do tema serão tomadas como pressupostos inquestionáveis para que a prova não seja objeto de correção em qualquer outro de seus aspectos, recebendo, portanto, nota zero.

No que diz respeito ao desenvolvimento, verificar-se-á, além da pertinência na progressão do tema, também a capacidade crítico-argumentativa do candidato, bem como a maturidade e a informatividade que no texto se manifestam.

2. Estrutura

Consideram-se aqui, conjuntamente, os aspectos de coesão textual (nas frases, períodos e parágrafos) e de coerência das ideias.

Maior ou menor COERÊNCIA reflete a capacidade do candidato em relacionar os argumentos e organizá-los de forma a deles extrair conclusões apropriadas e, também, a habilidade para o planejamento e a construção significativa

do texto. Serão considerados aspectos negativos a cópia de trechos da coletânea, ou a simples paráfrase, bem como a presença de contradições entre frases e parágrafos, a falta de encadeamento das ideias, a circularidade ou quebra de progressão argumentativa, a falta de conclusão ou a presença de conclusões não decorrentes do que foi previamente exposto.

No que diz respeito à COESÃO, serão tidos também como fatos negativos, entre outros, o estabelecimento de relações semânticas impróprias entre palavras e expressões, bem como o uso inadequado de conectivos.

3. Expressão

Consideram-se nesse item o domínio do padrão culto escrito da língua e a clareza na expressão das ideias. Serão examinados aspectos gramaticais como ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação. A presença de clichês ou frases feitas e, ainda, o uso inadequado de vocábulos são ocorrências, em princípio, negativas. Espera-se que o candidato revele competência em expor com precisão os argumentos selecionados para a defesa do ponto de vista adotado e demonstre capacidade de escolher e usar expressivamente o vocabulário.

Importante: leia com atenção o enunciado que acompanha o tema de redação. Verifique o que se pede e siga corretamente as instruções. A desconsideração do enunciado não raro implica desvio total ou parcial do tema.

Atenção: a FUVEST busca “estudantes possuidores de uma formação mais humanista” -- e não “hipertrofiada pela informação da 'moda' e falsamente super especializada”. Candidatos que revelarem um amplo repertório cultural e intelectual terão maiores chances de apresentar um bom desempenho.

FUVEST 2005

Considere os textos abaixo:

"Catraca invisível" ocupa lugar de estátua

Sem que ninguém saiba como - e muito menos o porquê - uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o "monumento à catraca invisível", informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: "Programa para a descatracalização da vida, Julho de 2004". (Adaptado de Folha de S. Paulo, 04 de setembro de 2004)



[Catreca = borboleta: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da "catraca invisível"

Um grupo artístico chamado "Contra Filé" assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central). A intervenção elevou a catraca ao status de monumento "à descatracalização da vida" e fez parte de um programa apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades. No site do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle "biopolítico" do capital e do governo sobre os cidadãos. (Adaptado de Folha de S. Paulo, 09 de setembro de 2004)

Em site sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo "Contra Filé": "O 'Contra Filé' desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRACALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?"

(<http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>)

Atenção: Leia atentamente as instruções na página 3 do caderno de questões antes de preencher essa folha.

Acesso restrito

Uma catraca enferrujada, exposta num pedestal em São Paulo, suscitou debates e quase polémica, inicialmente a respeito do conceito de arte. Entretanto, depois que o grupo artístico "Contra Filé", responsável pela colocação da catraca, assumiu o feito e apresentou seus argumentos, novos debates e discursos surgiram, agora a respeito da "descatracalização da vida" proposta por esses artistas.

O grupo em questão alega que a catraca exposta é uma alegoria da "catraca invisível", a qual, por sua vez, representa as forças controladoras do homem contemporâneo. Para o "Contra Filé", há um excesso de forças coercivas no mundo atual, e a polémica reside justamente na validade ou não dessa afirmação.

A contenção da liberdade humana já ocorre desde a criação do Estado. De acordo com Thomas Hobbes, autor de "O Leviatã", o homem aceita a limitação de liberdades individuais em troca da proteção fornecida pelo Estado. Desse modo, através de um "contrato social" que restringe certas liberdades, tornou-se possível a vida em sociedade.

Entretanto, observando certos fatos e aspectos do mundo atual, pode-se dizer que hoje há uma limitação excessiva, como constatou o grupo artístico. No Brasil, a violência e a barbárie nas grandes cidades foram responsáveis por limitar ainda mais o acesso da população aos mais diversos locais. Nos Estados Unidos, Israel e Espanha, são construídos grandes muros a fim de conter a entrada de mexicanos, palestinos e africanos, respectivamente. Eles são apenas alguns exemplos a partir dos quais é possível notar, então, que a existência de tantas limitações está intimamente ligada à enorme desigualdade existente não só entre os brasileiros, mas também entre os países.

Essas catracas visíveis são, portanto, alguns dos instrumentos que justificam a desigualdade acentuada a cada dia pelo capitalismo. Há de se derrubar, além destas, as catracas invisíveis controladoras dos cidadãos, a fim de que seja combatida tanta desigualdade. O programa de "descatracalização da vida" proposto pelo grupo "Contra Filé" é totalmente pertinente, pois, de fato, luta a favor de maior igualdade, queritor esse indispensável para que se alcance um mundo melhor e mais justo.

Redação

INSTRUÇÃO. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da *internet* aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “Monumento à catraca invisível”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “Programa para a descatracalização da vida”.

Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos.

Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica?

Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

(Fonte: www.fuvest.br)

FUVEST 2007

Em primeiro lugar (...), pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

Cícero, “**Da amizade**”.

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocaria por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer **se**, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

Montaigne, “**Da amizade**” (adaptado).

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...

Assim falava a canção

Que na América ouvi...

Mas quem cantava chorou,

Ao ver seu amigo partir...

Mas quem ficou,

No pensamento voou,

Com seu canto que o outro lembrou.

(...)

Fernando Brant / Milton Nascimento, “**Canção da América**”.

(...)

E sei que a poesia está para a prosa

Assim como o amor está para a amizade.

E quem há de negar que esta lhe é superior?

(...)

Caetano Veloso, “**Língua**”.

Considere os textos e a instrução abaixo:

INSTRUÇÃO: A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular

brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto. (Fonte: www.fuvest.br)

INTERPRETAÇÃO DE TEMA

1) A expressão “viver a vida”, no texto de Cícero, pode ser considerada um pleonasmo vicioso? Justifique sua resposta.

2) No texto de Montaigne, a resposta do soldado indica que ele:

- a) prefere o cavalo à vitória;
- b) prefere a vitória ao sentimento;
- c) prefere a vitória aos bens materiais;
- d) prefere o sentimento aos bens materiais;
- e) não atribui nenhum valor ao cavalo, aos amigos ou à vitória.

3) Nos versos seguintes aos destacados na letra “Canção da América”, através da troca de lugar das palavras “ficou”, “voou”, “canto” e “lembrou”, os autores deram o ponto de vista do amigo que partiu. Reconstruindo-os logicamente, teremos:

- a) Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com a lembrança que o outro cantou.
- b) Mas quem voou,
No pensamento ficou,
Com seu canto que o outro lembrou.
- c) Mas quem voou,
No pensamento ficou,
Com a lembrança que o outro cantou.
- d) Mas quem voou,
No pensamento ficou,
Com a lembrança do outro canto.
- e) Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com a lembrança do outro canto.

4) Na letra de “Língua”, Caetano Veloso relaciona, de certa forma, poesia e amor, prosa e amizade. É uma comparação válida? Justifique sua resposta.

UNICAMP 2004

ORIENTAÇÃO GERAL: LEIA ATENTAMENTE.

Proposta:

Escolha uma das três propostas para a redação (dissertação, narração ou carta) e assinale sua escolha no alto da página de resposta. Cada proposta faz um recorte do tema geral da prova (CIDADE), que deve ser trabalhado de acordo com as instruções específicas.

Coletânea:

É um conjunto de textos de natureza diversa que serve de subsídio para a sua redação. Sugerimos que você leia toda a coletânea e selecione os elementos que julgar pertinentes para a realização da proposta escolhida.

Um bom aproveitamento da coletânea não significa referência a todos os textos. Esperamos, isso sim, que os elementos selecionados sejam articulados com a sua experiência de leitura e reflexão. Se desejar, você pode valer-se também de elementos presentes nos enunciados das questões da prova. **ATENÇÃO:** a coletânea é única e válida para as três propostas.

ATENÇÃO – Sua redação **será anulada** se você:

a) fugir ao **recorte do tema** da proposta escolhida; **b)** desconsiderar a **coletânea**; **c)** não atender ao **tipo de texto** da proposta escolhida.

APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA

A cidade é um lugar significativo da experiência humana. Ela tem sido objeto de reflexão de geógrafos, urbanistas, historiadores, profissionais da saúde, estudiosos da linguagem, filósofos, engenheiros, matemáticos, artistas, enfim, de muitos profissionais que procuram entender seu funcionamento. Ao atrair tantas e tão variadas atenções, a cidade mostra-se complexa e multifacetada.

COLETÂNEA

1. No primeiro sinal verde após o relógio do canteiro central marcar 12h40min, cerca de cem pessoas atravessaram a Avenida Paulista, na altura da Rua Augusta. De repente, tiraram um sapato, bateram com o solado repetidas vezes no chão, calçaram-no novamente e seguiram seu caminho. Um novo tipo de manifestação política? Longe disso. O que a Paulista viu foi a primeira *flash mob* (multidão instantânea) brasileira. O fenômeno, mania na Europa e nos Estados Unidos, consiste em reunir o maior número de pessoas no menor tempo possível - por e-mail e celular - para fazer alguma coisa estranha simultaneamente. Os nova-iorquinos já invadiram uma loja e gritaram em frente a um dinossauro de brinquedo. Na versão brasileira, ficou decidido tirar o sapato e batê-lo no chão, como que para tirar areia de dentro. (Adaptado de Angélica Freitas, “40 segundos de frenesi na Paulista. *Flash Mob* chega a São Paulo”, Estado de S. Paulo, 14 de agosto de 2003).

2. No produtivo ano de 1979, o grupo encapuzou, com sacos de lixo, as estátuas da cidade, visando chamar a atenção das pessoas que nunca, ou quase nunca, reparavam em seu dia-a-dia as obras de arte em nossa cidade. Na manhã seguinte, a imprensa registrou o fato. No mesmo ano vedaram as portas das principais galerias [de lojas] com um X em fita crepe, deixando um bilhete em cada uma: “O que está dentro fica, o que está fora se expande”. Em 1980, o grupo, em mais uma ação noturna, estendeu 100 metros de plástico vermelho pelos cruzamentos e entradas no anel viário da Avenida Paulista com rua Consolação. O Detran, porém, desmontava essa e outras ações do grupo, que realizou uma série de 18 intervenções pela cidade até 1982, quando dissolveu-se. (Adaptado de Celso Gitahy, “Graffiteiros passo a passo rumo à virada do milênio”, Revista do Patrimônio Histórico, 2, n. 3, 1995, p. 30).

3. O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo
(É nem que fosse o meu corpo.)
Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei.
Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita,
Nas ruas que não andei.
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)
Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso...
(Mário Quintana, Apontamentos de História Sobrenatural.
Porto Alegre: Globo, IEL, 1976).

4. As favelas se constituem através de um processo arquitetônico e urbanístico singular que compõe uma estética própria, uma estética das favelas. (...) Um barraco de favela é construído pelo próprio morador, inicialmente, a partir de fragmentos de materiais encontrados por acaso. A construção é cotidiana e continuamente inacabada. (...) O tecido urbano da favela é maleável e flexível, é o percurso que determina os caminhos. (...) As ruelas e becos são quase sempre extremamente estreitos e intrincados. Subir o morro é

uma experiência de percepção espacial singular, a partir das primeiras quebradas se descobre um ritmo de andar que o próprio percurso impõe.

(adaptado de P. Berenstein Jacques, “Estética das favelas”, www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp078.asp).

5. O dia-a-dia das sociedades gira em torno dos objetos fixos, naturais ou criados, aos quais se aplica o trabalho. Fixos e fluxos combinados caracterizam o modo de vida de cada formação social. Fixos e fluxos influem-se mutuamente. A grande cidade é um fixo enorme, cruzado por fluxos enormes (homens, produtos, mercadorias, ordens, ideias), diversos em volume, intensidade, ritmo, duração e sentido. Aliás, as cidades se distinguem umas das outras por esses fixos e fluxos.

(Milton Santos, “Fixos e fluxos – cenário para a cidade sem medo”, em *O país distorcido. O Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002).

6. Cidades globais são aquelas que concentram perícia e conhecimento em serviços ligados à globalização, independente do tamanho de sua população. (...) Megacidade é outra categoria dos estudos urbanos. As megacidades são áreas urbanas com mais de 10 milhões de habitantes. (...) Algumas são megacidades e cidades globais, simultaneamente, como Nova York e São Paulo. (...) As cidades médias são outra categoria de classificação das cidades, com população entre 50 mil e 800 mil habitantes. Abaixo de 50 mil são as pequenas cidades, ideal utópico de moradia feliz no imaginário de milhares de pessoas.

(Maria da Glória Gohn, “O futuro das cidades”, em www.lite.fae.unicamp.br/revista/art03.htm).

7. Se, por hipótese absurda, pudéssemos levantar e traduzir graficamente o sentido da cidade resultante da experiência inconsciente de cada habitante e depois sobrepuséssemos por transparência todos esses gráficos, obteríamos uma imagem muito semelhante à de uma pintura de Jackson Pollock, por volta de 1950: uma espécie de mapa imenso, formado de linhas e pontos coloridos, um emaranhado inextricável de sinais, de traçados aparentemente arbitrários, de filamentos tortuosos, embaraçados, que mil vezes se cruzam, se interrompem, recomeçam e, depois de estranhas voltas, retornam ao ponto de onde partiram.

(Giulio Carlo Argan, *História da arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 231).



Jackson Pollock,
“Silver over Black”

8. A heterogeneidade de frequentadores dos *shopping centers* vem se ampliando e é nítida numa cidade como São Paulo, uma vez que estes, outrora destinados somente a grupos com alto poder aquisitivo, vêm abarcando, em sua expansão por outras regiões, grupos que antes não faziam parte da clientela usual. A ideia de um espaço elitizado vai sendo substituída pela de um espaço “interclasses”. Além disso, uma “centralidade lúdica” sobrepõe-se à “centralidade do consumo”, sobretudo na esfera do lazer: especialmente aos fins de semana, os *shopping centers* transformam-se em cenários, onde ocorrem encontros, paqueras, “derivadas”, ócio, exibição, tédio, passeio, consumo simbólico. Tornam-se uma espécie de “praça interbairros” que organiza a convivência, nem sempre amena, de grupos e redes sociais, sobretudo jovens, de diversos locais da cidade.

(Adaptado de Heitor Frúgoli Jr., “Os Shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”, em Silvana Maria Pitaudi e Heitor Frúgoli Jr. (orgs.), *Shopping Centers – espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo: Editora Unesp, s/d, p. 78).

9. O tombamento de espaços como terreiros de candomblé, sítios remanescentes de quilombos, vilas operárias, edificações típicas de migrantes e outros dessa ordem, isto é, ligados ao modo de vida (moradia, trabalho, religião) de grupos sociais e/ou etnicamente diferenciados – já não causa muita estranheza: apesar de ainda pouco comum, a inclusão de itens como esses na lista do patrimônio cultural oficial mostra a presença de outros valores que ampliam os critérios tradicionais imperantes nos órgãos de preservação. Em 1994 ocorreu, entretanto, um tombamento em São Paulo que de certa maneira se diferencia até mesmo dos acima citados: trata-se do Parque do Povo, uma área de 150.000 m², localizada em região nobre e das mais valorizadas da cidade. Dividida em vários campos de futebol de terra, é ocupada por times conhecidos como “de várzea”.

(Adaptado de José Guilherme Cantor Magnani e Naira Morgado, “Futebol de várzea também é patrimônio”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996, p. 175).

10. Na Rocinha não há quem não respeite o “Doutor” (cirurgião aposentado Waldir Jazbik, 75 anos). Morador há 19 anos da maior favela da zona sul do Rio de Janeiro, ele sabe que pode caminhar pelas ruas de lá sem medo, mesmo morando em uma habitação fora dos padrões locais. Sua casa, em estilo colonial, fica num terreno com mais de 10.000 m². (...) “Meus amigos da high society diziam que eu era maluco. Eu poderia ter escolhido uma casa num condomínio fechado aqui perto, mas preferi vir para cá. (...) Só vim para cá porque quero viver a vida que eu mereço viver.”

(Adaptado de Antonio Gois e Gabriela Wolthers, “Médico busca vida tranquila na Rocinha”, *Folha de S. Paulo*, 17 de agosto de 2003, p. C4).

PROPOSTA A

Trabalhe sua dissertação a partir do seguinte recorte temático: A cidade é o lugar da vida, espaço físico no qual acontecem encontros, negociações, tensões, num dinamismo permanente de criação e transformação. Instruções:

- Discuta a cidade como um espaço múltiplo;
- Argumente **em favor** de uma visão dinâmica dessa multiplicidade;
- Explore os argumentos para mostrar que a cidade é um espaço que se configura a partir de relações diversas.

COMENTÁRIOS DA BANCA SOBRE A PROPOSTA “A”: DISSERTAÇÃO

As instruções da dissertação procuraram evitar que a proposta fosse apresentada através de frases título, de paradoxos, interrogações, que pudessem levar a um fechamento pré-determinado e conclusivo do tema e a uma leitura “politicamente correta” do recorte temático, abrindo um leque praticamente infinito de possibilidades de apropriação do tema pelo candidato. Dessa forma, foi solicitado do candidato que discutisse, argumentasse e explorasse argumentos em favor de uma visão dinâmica da cidade como um espaço múltiplo, sem, no entanto, preestabelecer o que define tal dinamismo, tal multiplicidade e quais argumentos deveriam ser mobilizados.

Em função da apresentação que precede a coletânea e da própria natureza dos excertos que a compõem, a banca esperava que o candidato percebesse que não deveria tratar o recorte temático da proposta A de forma redutora. Isto significa que a cidade não poderia ser tomada como mero aglomerado físico, nem como cenário caótico, oposto à fantasia idílica do campo, tampouco como um palco estático de problemas insolúveis. Evidentemente, esperava-se do candidato um olhar crítico sobre o recorte proposto – capacidade de identificação das partes, de análise das relações e de interpretação dos sentidos.

Pensar sobre dinamismo e multiplicidade implicava tratar o espaço (ruas, bairros, estátuas, muros, edificações, limites, jurisdições, etc.) a partir da presença humana, que, individual ou coletivamente, o transforma e re-significa. Essa presença humana apropria-se do espaço urbano mediante atividades profissionais, familiares, de lazer, etc. e de modos variados (física, artística, afetiva, simbólica, etc.).

As instruções especificavam algumas exigências objetivas para a dissertação:

- 1) Discutir a cidade enquanto um espaço heterogêneo;
- 2) Trabalhar argumentos que mostrassem que esse espaço heterogêneo é dinâmico (espaço-movimento);
- 3) Explorar esses argumentos na direção da estreita relação entre a presença humana e o espaço físico (a vida na cidade), de que resulta o dinamismo (permanente criação e transformação).

PROPOSTA A – EXEMPLO ACIMA DA MÉDIA

O fluido urbano

Em razão da rapidez e eficiência dos meios de comunicação e transportes da pós-modernidade, o homem tem estado a par de todas as notícias e acontecimentos dos países do mundo e, com passos largos, tem podido manifestar-se em prol de seus interesses e ideologia, de forma a relegar à segunda página a importância da cidade em que vive. A humanidade vem caminhando pelos bairros e avenidas com olhos grandiloquentes, perseguindo objetivos globais, sem perceber, no entanto, que a cidade em que se encontra é algo muito mais amplo e histórico que sua cegueira corriqueira costuma imaginar – trata-se de um microcosmo de todas as relações mundiais sob a pincelada do povo e sua vivência regional.

Numa cidade como São Paulo, relativamente jovem no que tange à colonização, é possível verificar desde as raízes da vinda dos europeus, africanos e asiáticos até os recentes avanços tecnológicos e industriais. Num breve passeio pela zona central, vê-se o sincretismo cultural, étnico, artístico e religioso, cuja transmutação é contínua e perceptível: uma peça barroca é facilmente combinada com computadores; um prato tipicamente japonês é adaptado com feijão e pás-de-lé.

De maneira exclusiva, costura-se todo o universo que constitui o presente e o passado, sendo ele fluido e suscetível a novas interpretações e impressões.

Nesse sentido, a cidade constrói-se a partir de constantes chegadas e partidas de indivíduos que marcam nela sua memória, seu conhecimento acadêmico e pragmático e, especialmente, suas utopias. É bastante comum, por exemplo, encontrarmos em cidades interioranas a situação em que as pessoas vivem até a faixa dos vinte anos numa determinada região e, após tal idade, mudam-se para áreas metropolitanas, onde adquirem formação superior e qualificação profissional, retornando, mais tarde, para seus pontos de origem a fim de exercerem a atividade para a qual se especializaram. Trata-se, portanto, de um fluxo migratório bastante benéfico em âmbito cultural, social e econômico, bem como retrata um dos componentes responsáveis pelo dinamismo urbano.

Da mesma forma, o fluir da cidade também pode ser traduzido pela contorção do espaço físico, cuja modelação se dá de acordo com as necessidades imediatas e retrata as relações sociais: numa ruela de um morro é possível detectar desde as preocupações da filosofia quanto da medicina e da engenharia. Se por um lado a exclusão (ou a mera não-inclusão) é potente, por outro a ajuda mútua e solidariedade são gritantes, o que significa que a cidade é feita de dispositivos que anulam e compensam uns aos outros concomitantemente. Também é relevante lembrar que o núcleo urbano, ao passo que é tradicionalmente reconhecido pelas realizações de sua elite econômica e cultural, tem incrustado nas minúcias de suas esquinas e praças o folclore, as danças populares e a criatividade própria de um coletivo que não possui time, cor ou credo definidos; trata-se de um povo sem hierarquia e multicromado, cuja vivacidade transcende a vida propriamente dita e materializa-se

em pinturas e mosaicos nos metrô e nos viadutos. A cidade, assim, é uma mescla de nomes, datas e estatuetas com uma massa amorfa perfeitamente caracterizada pelo coletivo de sonhos e história; é o ambiente das relações humanas, do desenrolar da economia, da educação, da saúde, do aprendizado.

Não se pode, por conseguinte, desprezar a importância desse microcosmo da humanidade, visto que ao mesmo tempo que ele repete circunstâncias e atritos sociais e políticos de outrora – dos tempos do Império Romano, em que as primeiras cidades foram construídas –, inova a expressão do cerne humano, seja através da ambivalência de um terreno que agrega uma favela e uma mansão contíguas, seja através da constante migração de um espaço a outro. É importante que o núcleo urbano seja visto de forma holística, como algo plural e dinâmico, visto é configurado a partir de diferentes indivíduos, os quais carregam consigo uma bagagem cultural singular e passível de sincretismo.

COMENTÁRIOS DA BANCA EXAMINADORA

Apesar de apresentar alguns problemas, sobretudo em relação a encadeamentos coesivos e consistência argumentativa contínua do decorrer do texto, o autor de “O fluido urbano” apresenta um bom projeto de texto, absolutamente construído a partir da proposta do recorte temático, movimentando-se com desenvoltura entre diferentes pontos de entrada de leitura desencadeadores da coletânea, que só ganham dinamismo e consequência, porque são trabalhados através de uma experiência prévia de leitura.

Em relação aos seis critérios balizadores da correção do Vestibular da Unicamp resumiríamos da seguinte forma a avaliação desta redação: Tema: o autor trabalha o recorte temático e articula ideias a ele vinculadas. Faz um bom aproveitamento dos elementos selecionados (transita entre os vários planos – particular/geral, concreto/abstrato, etc.), sustentando seu projeto de texto. Há marcas claras de apropriação temática no processo de autoria, ou seja, explora bem algumas das possíveis relações suscitadas pela proposta, o que demonstra reflexão anterior que permite ao autor perceber a complexidade do tema, e tratá-lo sob diferentes aspectos.

PROPOSTA A – EXEMPLO ABAIXO DA MÉDIA

A cidade não pára

Hoje, as pessoas são divididas e até recebem uma classificação partindo das cidades onde moram. Mas ao analisar a vida das pessoas de uma cidade, é que se pode notar a diversidade das pessoas que nelas se habitam, não somente se tratando da questão de serem ricos ou pobres, mas sim de como vivem, no que crêem, o que fazem nas horas vagas por exemplo, revelando a multiplicidade do espaço dentro das cidades.

Desde o empresário que vive no tumultuado mundo dos negócios e procura se distrair indo aos shoppings, teatros, com a família nos finais de semana, até o morador de uma favela que batalha por um emprego e tenta sobreviver com o pouco que tem, e que mesmo assim, arruma tempo para jogar uma partida de futebol com os amigos. Ambos moradores de uma mesma cidade agitada como por exemplo São Paulo.

Há cidades que se destacam pelos seus dias tumultuados, repletos de fixos e fluxos, mas há também cidades que se destacam pelas lindas paisagens que a natureza proporciona, tornando-se uma cidade turística, e visitadas por outras culturas de outras cidades, formando uma mistura de culturas e ocasionando transformações culturais.

Enquanto a vida passa as cidades não param de se desenvolver, e as pessoas não param de criar novas ideias para seu desenvolvimento e transformação.

COMENTÁRIOS DA BANCA EXAMINADORA

A ideia do primeiro parágrafo é muito interessante: uma etiquetagem que se produz na memória social que liga as pessoas às cidades em que moram. Porém, essa direção argumentativa não é desdobrada no texto do candidato. Ela é contraposta, através do segundo parágrafo, à heterogeneidade das cidades. Haveria aí um jogo muito interessante a ser explorado no sentido de contrapor (e aí a conjunção adversativa ‘mas’, que inicia o segundo parágrafo, ganharia sentido) as imagens cristalizadas na memória social e histórica que etiquetam sentidos nas pessoas e nas cidades à heterogeneidade marcante desses espaços citadinos.

O segundo parágrafo é também muito interessante. Apesar de não ser antecedido por uma formulação que o sustente, mostra que a diversidade/multiplicidade de uma cidade não se dá somente sob o aspecto sócio-econômico (lugar-comum tratado pela mídia em geral), mas no modo como se vive a cidade.

No terceiro parágrafo, o candidato mantém a divisão do modo de se viver a cidade subsumido a uma divisão econômica, incluindo, o que é interessante, uma descrição de diferentes modos de ocupação do espaço em termos de lazer. Entretanto, não há desenvolvimento no sentido de mostrar a dinamicidade desses diferentes modos de ocupação, nem também, o que era central nas instruções da proposta A, no sentido de trabalhar a relação entre os modos de ocupação das pessoas e a construção/transformação desses espaços. Isto é, não há nenhuma forma de tratamento, mesmo que tangencial, da relação entre o espaço físico e os homens que nele vivem.

No quarto parágrafo, fica clara uma relação de colagem com a coletânea, o que interfere consideravelmente no texto do candidato, já que elementos da coletânea entram no texto de modo automático, numa tentativa de mero preenchimento, sem articulação com um possível projeto de texto. Em outras palavras, não há marcas de apropriação daquilo que está sendo dito. Se nos três primeiros parágrafos, mesmo que de modo ainda frágil,

havia indícios de um projeto de texto que não chegava a se formular, nos dois últimos parágrafos vê-se esse projeto ruir fundamentalmente por dois motivos:

- 1) Falta de articulação dos elementos da coletânea com o modo de abordar possíveis trabalhos com o recorte temático;
- 2) Finalização rápida e não sustentada que o candidato dá ao seu texto, que responde a um modelo engessado do que seja fazer uma dissertação.

Em suma, o candidato responde à imagem que faz da banca e à imagem que faz da imagem de texto dissertativo ideal para a banca. Esse é um problema recorrente nas redações do Vestibular Unicamp que precisa ser trabalhado no espaço da sala de aula.

PROPOSTA B

Trabalhe sua narrativa a partir do seguinte recorte temático: Hoje, mais do que nunca, podemos afirmar que “a cidade não dorme”. Além de frequentarem bares, clubes, cinemas e bailes, há um crescente número de pessoas que circulam à noite pela cidade, física ou virtualmente, trabalhando, consumindo, estudando, divertindo-se.

Instruções:

- Imagine a história de um(a) personagem que encontre um grupo que vivencia a noite e, identificando-se com ele, passe a ver a cidade a partir de uma nova perspectiva;
- Narre o encontro, o processo de descoberta e a transformação que o(a) personagem experimentou;
- Sua história pode ser narrada em **primeira** ou em **terceira pessoa**.

COMENTÁRIOS DA BANCA SOBRE A PROPOSTA “B”: NARRATIVA

As instruções da narração procuraram estimular a inventividade dos candidatos, evitando que a proposta ficasse presa a um número grande de requisitos pontuais. Foi na tentativa de evitar uma realização técnica e engessada dos processos narrativos, que se instruiu o candidato sobre os elementos de composição sem, no entanto, predefinir a maneira como eles deveriam ser estruturados e desenvolvidos. Ou seja, foi solicitado ao candidato que imaginasse e narrasse uma experiência noturna, em que estivessem envolvidos um encontro e uma transformação, sem, no entanto, fixar uma voz narrativa e determinar qual experiência deveria ser narrada.

Do mesmo modo que na proposta A, esperava-se que o candidato levasse em conta a complexidade do recorte temá-

tico e considerasse a cidade como um lugar significativo da experiência humana, espaço que está sendo pensado, nos excertos oferecidos, como lugar de apropriação humana. O candidato encontrava na coletânea exemplos de vivências e de re-significações do espaço urbano, tanto no plano físico quanto no simbólico.

As instruções especificavam algumas exigências objetivas para a narrativa:

1. A personagem deveria passar por uma experiência no período noturno;
2. Essa experiência deveria se dar a partir de um encontro dela com um grupo de pessoas que já vivencia a noite;
3. Desse encontro resultaria uma transformação no modo como a personagem vivencia a cidade.

O texto poderia ser narrado em primeira ou terceira pessoa. Esperava-se que o candidato, além de optar por um dos focos narrativos e mantê-lo adequadamente, demonstrasse a relevância de sua escolha.

PROPOSTA C

Trabalhe sua carta a partir do seguinte recorte temático: As definições do que é patrimônio histórico têm mudado, incorporando âmbitos e aspectos que ampliam o alcance do conceito e, com isso, o raio de ação da legislação. Fala-se em patrimônio edificado, mas também em patrimônio afetivo. Tudo o que é relevante para determinada comunidade pode ser considerado patrimônio.

Instruções:

- Escolha um bem urbano, **material ou não**, que você considere relevante para ser preservado em sua cidade;
- Argumente **em favor** da preservação desse bem;
- Dirija a carta a uma pessoa que, na sua opinião, pode vir a se tornar um aliado na luta pelo tombamento desse bem.

COMENTÁRIOS DA BANCA SOBRE A PROPOSTA “C”: CARTA ARGUMENTATIVA

As instruções da carta procuraram criar um espaço de comunicação interpessoal em que o candidato não ficasse preso a lugares-comuns tanto em relação ao recorte temático, quanto em relação à interlocução mobilizada para dar consistência argumentativa ao texto. Para desfazer o lugar da interlocução como um lugar de preenchimento de marcas formais (prezado senhor, atentamente, etc.), instruímos o candidato que a carta deveria ser dirigida a alguém especificamente, sem, no entanto, pré-estabelecer o nome do interlocutor nem quais argumentos deveriam ser mobilizados. Ou seja, foi solicitado do candidato que escrevesse um texto em que a interlocução era central e a defesa de uma causa também; nesse

caso, o candidato deveria construir a imagem desse interlocutor de forma condizente com a sua escolha do “bem urbano” a ser preservado e dos argumentos mobilizados. Estabeleceu-se, através das instruções da carta, uma indissociabilidade entre a construção e desenvolvimento de argumentos e a construção e desenvolvimento da interlocução.

Também aqui, ao redigir a carta, esperava-se que o candidato considerasse a complexidade apresentada na coletânea e nas formulações da prova de redação. Nesse caso concreto, há um texto preliminar que mostra que o processo de tombamento de um bem relevante para uma determinada comunidade implica a consideração de uma vasta rede de interesses e sentidos e não apenas de pensar o patrimônio como sinônimo necessário de edificações antigas, monumentos, obras de arte. A ideia de preservação, como o recorte temático propõe, não alcança apenas o patrimônio material ou histórico, mas também o afetivo e o intangível, tudo dependendo da significação estabelecida pelas relações com o espaço. A escolha do bem cuja preservação será defendida depende em grande parte da análise dessa complexidade e da consideração do interesse coletivo envolvido (grupo social, comunidade, bairro, paróquia, etc.), levando em conta a construção coletiva de memória.

As instruções determinavam um conjunto de procedimentos:

1. A escolha de um bem urbano que merecesse ser preservado;
2. A identificação de um possível aliado na luta pela preservação do bem;
3. A argumentação que justificasse o tombamento daquele bem, tramada e sustentada por meio de uma interlocução bem construída.

(Fonte: www.convest.unicamp.br)

REDAÇÃO UNICAMP - ORIENTAÇÕES

1. É permitido escrever com letra de forma?

Sim. O importante, para a Banca de Correção, é que o texto do candidato seja legível.

2. Até que ponto conta a ortografia?

A ortografia, assim como os demais aspectos da correção gramatical, é avaliada no item “adequação à modalidade escrita”, um dos itens nos quais se baseia a correção das redações do Vestibular/Unicamp. Esses itens, divulgados e comentados no Manual do Candidato/99, são os seguintes: Adequação ao Tema e ao Tipo de Texto, Adequação à Coletânea, Adequação à Modalidade, Coerência e Coesão. Na composição da nota total atribuída ao candidato, a ortografia não é, portanto, supervalorizada. O mesmo vale para os aspectos relativos às questões de flexão e concordância verbal e nominal, regência, pontuação.

3. É permitido usar corretor líquido ou escrever a lápis?

Não, o candidato não pode usar corretor líquido. Quanto a escrever a lápis, é admissível apenas no rascunho. A prova deve ser feita com caneta azul ou preta.

4. Quais são os critérios para se estabelecer que o candidato não se adequou ao tema?

Uma vez elaborados os temas (A, B e C), a Banca Elaboradora prepara uma detalhada orientação para a Banca de Correção, explicando as expectativas de desenvolvimento dos temas propostos. Desta orientação faz parte a explicitação dos casos que devem ser considerados “fuga total ao tema proposto”. Nos dois primeiros dias que se seguem à realização da prova, a Banca de Correção dedica-se à leitura atenta de uma amostra das redações, criteriosamente constituída, com o objetivo de verificar o rendimento dos candidatos em cada um dos temas propostos. Somente após a leitura e discussão dessas amostras é que são definidos os critérios definitivos para a avaliação do que deve ser considerada uma redação “fora do tema”. Todas as redações são corrigidas por dois avaliadores, que constituem as duplas de correção. No sentido de garantir que nenhuma redação seja anulada indevidamente, todos os casos de anulação são submetidos a uma terceira correção.

5. (a) Até que ponto a subjetividade de quem corrige influi na nota? (b) Não é verdade que, se a opinião do candidato for mais “senso comum”, sua argumentação parecerá mais forte?

(a) Todo o trabalho de treinamento dos corretores, realizado anualmente a partir do início de outubro, tem por objetivo garantir uma compreensão consensual dos critérios de correção já mencionados, e também uma atribuição homogênea de pontos em cada um dos seis itens de correção. Esse treinamento para utilização da **grade de correção** – que detalha os parâmetros para atribuição de pontos por item – garante uma avaliação o mais objetiva possível das reda-

ções, da qual fiquem eliminados critérios subjetivos que possam vir a prejudicar os candidatos.

(b) Não. Não é verdade que uma opinião mais “próxima do senso comum” faz com que a argumentação do candidato pareça mais “forte”. Espera-se, na verdade, que os candidatos expressem sua opinião **sincera** a respeito das questões propostas nos temas. Nesse sentido, é importante deixar claro que os corretores são preparados para avaliar os textos dos candidatos e pontuá-los estritamente de acordo com a grade de correção, sem considerações de ordem ideológica. Os candidatos não têm motivos, portanto, para tentar adivinhar qual seria a opinião ou quais seriam os argumentos “preferidos” pelas Bancas de Elaboração e Correção da Redação. Muitas vezes, a tentativa de “agradar” aos corretores pode levar o candidato a produzir um texto pior do que o que seria capaz de elaborar expressando sua opinião sincera sobre o assunto.

6. Há um número mínimo ou máximo de linhas para redação?

Espera-se que os candidatos não escrevam menos de 20 linhas nem ultrapassem em muito as 60 linhas. Isso não significa, no entanto, que textos com menos de 20 linhas não sejam corrigidos. Não se espera também que o candidato interrompa bruscamente o texto após ultrapassadas, eventualmente, as 60 linhas. A Banca não estimula, evidentemente, a prolixidade, que em nada contribui para a **qualidade** dos textos. Por outro lado, na medida em que também se procura avaliar, nas redações, a capacidade do candidato de selecionar elementos relevantes para o desenvolvimento do seu texto, ele não deverá deixar de usar elementos que considere significativos, apenas pelo fato de já ter ultrapassado 60 linhas.

7. Usar gírias ou palavras de uso coloquial consideradas incorretas do ponto de vista gramatical tira muitos pontos? Quantos?

O uso de gírias e da linguagem coloquial será avaliado em função do tema escolhido pelo candidato. Essas escolhas podem ser inadequadas, por exemplo, para um texto dissertativo. Já quando utilizadas com propriedade em um texto narrativo, onde podem contribuir, por exemplo, para a caracterização de determinada(s) personagem(ns) podem ser perfeitamente adequadas.

Quando utilizadas inadequadamente, as gírias e expressões típicas da linguagem coloquial serão avaliadas segundo critérios estabelecidos na grade de correção, para atribuição de pontos ao item “adequação à modalidade escrita”.

Os candidatos não devem tentar sofisticar artificialmente sua linguagem escrita, no entanto, utilizando palavras ou expressões cujo significado não dominem. Quando dizemos que um texto dissertativo deve apresentar uma linguagem escrita formal, nossa expectativa é apenas a de que esse grau de formalidade seja compatível com a linguagem esperada de um bom texto escrito por um jovem que concluiu o ensino médio.

8. Um texto original ganha ou perde pontos?

As redações não são corrigidas e pontuadas segundo critérios de “originalidade” ou “criatividade”, uma vez que é impossível introduzir tais critérios em uma grande correção, sem prejudicar a atribuição objetiva de pontos aos candidatos. Todavia, aquelas redações que se destacam do ponto de vista da elaboração mais sofisticada levará o candidato a receber o número máximo de pontos nos itens em que sua redação apresentar grandes qualidades. Assim, um texto excelente do ponto de vista do desenvolvimento do tema proposto, receberá necessariamente a pontuação máxima prevista nos itens “adequação ao tema”, “adequação à coletânea” e “coerência”. Um texto excepcional do ponto de vista da elaboração formal receberá pontuação máxima nos itens “adequação à modalidade” e “coesão”. Um texto excepcional em termos de elaboração formal e de conteúdo receberá nota máxima em todos os itens. Esses textos são, evidentemente, os mais “originais” e “criativos”.

9. Qual o critério de escolha dos temas?

Ao elaborar os temas, a Banca de Elaboração leva em conta principalmente os objetivos específicos da prova de redação. Assim, para que o candidato tenha a possibilidade de mostrar se possui as habilidades definidas no perfil do aluno ideal da Unicamp, **todos** os três temas devem permitir que ele faça um exercício de leitura, seleção de informação e elementos relevantes, estabelecimento de relações e elaboração de hipóteses. É por esse motivo que temas atuais são utilizados na elaboração do tema dissertativo (A) e no tema argumentativo (C). A Banca pressupõe que o candidato bem informado tenha melhores condições de lidar com temas atuais acompanhados de uma coletânea representativa de algum assunto relevante e/ou polêmico que tenha merecido destaque nos órgãos de divulgação. Quanto ao tema narrativo (B), a Banca **não espera** do candidato que ele simplesmente escreva uma história, mas sim que ele demonstre a capacidade de lidar com os elementos que caracterizam o texto narrativo (personagens, cenário, tempo da narrativa, foco narrativo) e de integrá-los ao enredo sugerido pelo tema e coletânea propostos. Assim, ao elaborar um tema narrativo, a Banca preocupa-se em fornecer ao candidato elementos que permitam que sua redação seja um exercício comparável ao que se espera nos temas dissertativo e argumentativo.

10. Se o estudante fugir do tema, mas tiver um texto considerado “brilhante” pela Banca, ele perde pontos?

Sim. Infelizmente uma redação “brilhante” mas que fuja **totalmente** ao tema proposto será anulada. Esses casos de anulação justificam-se perfeitamente dados os objetivos da prova de redação. Ela não é apenas um exercício de escrita, mas sim de leitura e escrita. O candidato que fugir totalmente ao tema estará demonstrando, de forma inequívoca, que não foi capaz de compreender minimamente as instruções dadas para o desenvolvimento do tema que escolheu.

Vale lembrar, no entanto, que é praticamente impossível ser um excelente escritor sem possuir habilidades mínimas

para leitura. A Banca de Correção das redações do Vestibular/Unicamp não tem registros de casos como o mencionado na pergunta, ou seja, de redações “brilhantes” que não tenham desenvolvido o tema proposto.

11. É admissível citar trechos da coletânea?

Sim, na medida em que tal citação não resulte em mera colagem de fragmentos em um texto desarticulado, o que fatalmente geraria graves problemas de coerência e coesão. Quaisquer citações deverão estar integradas ao texto do candidato, sem prejuízo para sua articulação interna, portanto.

12. Se na tentativa de fundamentar sua argumentação o estudante citar dados incorretos, ainda que pertinentes, ele perde pontos?

Não necessariamente. Se, por exemplo, ao desenvolver um tema sobre a situação do menor no Brasil, o candidato fizer referência incorreta a dados estatísticos ou a outras informações específicas semelhantes, ele não perderá pontos, se a menção a esses dados for pertinente no texto. Se, por outro lado, ele partir do pressuposto de que não há um número significativo de menores abandonados no país, perderá, evidentemente, muitos pontos no item “coerência”, uma vez que estará demonstrando total desconhecimento do mundo em que vive.

(respostas fornecidas pela Banca Elaboradora da prova de redação do vestibular Unicamp - Perguntas elaboradas pelo jornal Folha de S. Paulo)

13. A Redação correspondia a 62,5% da prova e as questões valiam 37,5%. A Unicamp concluiu que era exagerado o peso da Redação?

Depois de alguns anos reavaliarmos esse peso, concluímos que o recado sobre a importância da Redação estava dado, não havendo risco de as pessoas voltarem atrás, e tomamos a decisão de alterá-lo, de forma a criar mais equilíbrio na 1ª fase. Ficamos com 50 e 50. Hoje, é como se tivéssemos na 1ª fase do vestibular duas provas no mesmo dia, como ocorre nos quatro dias de prova da 2ª fase. A partir daí, é possível imaginar que o candidato distribui melhor o seu tempo para fazer os dois componentes da prova. Essa decisão foi amadurecida na Câmara Deliberativa e tomada no momento em que se achou que ela deveria e poderia ser tomada. E o que observamos é que o trabalho com Redação continua nas escolas que haviam entendido a mensagem.

(Jornal Análise e Informação- Tendências do Vestibular, n.º 80)

Outras fontes: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2>
<http://www.convest.br>

UNICAMP 2007

O tema geral da prova da primeira fase é AGRICULTURA. A redação propõe três recortes desse tema.

Propostas:

Cada proposta apresenta um recorte temático a ser trabalhado de acordo com as instruções específicas. Escolha uma das três propostas para a redação (dissertação, narração ou carta) e assinale sua escolha no alto da página de resposta.

Coletânea:

A coletânea é única e válida para as três propostas. Leia toda a coletânea e selecione o que julgar pertinente para a realização da proposta escolhida. Articule os elementos selecionados com sua experiência de leitura e reflexão. **O uso da coletânea é obrigatório.**

ATENÇÃO – Sua redação será anulada se você fugir ao recorte temático da proposta escolhida ou desconsiderar a coletânea ou não atender ao tipo de texto da proposta escolhida.

APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA

A produção agrícola afeta as relações de trabalho, o uso da terra, o comércio, a pesquisa tecnológica, o meio ambiente. Refletir sobre a agricultura significa colocar em questão o próprio modo de configuração de uma sociedade.

1) O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
(Ferreira Gullar, *Dentro da noite veloz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 44, 45.)

2) Se eu pudesse alguma coisa para com Deus, lhe rogaria quisesse dar muita geada anualmente nas terras de serra acima, onde se faz o açúcar; porque a cultura da cana tem sido muito prejudicial aos povos: 1º) porque tem abandonado ou diminuído a cultura do milho e do feijão e a criação dos porcos; estes gêneros têm encarecido, assim como a cultura de trigo, e do algodão e azeites de mamona; 2º) porque tem introduzido muita escravidão, o que empobrece os lavradores, corrompe os costumes e leva ao desprezo pelo trabalho de enxada; 3º) porque tem devastado as belas matas e reduzido a tapera muitas herdades; 4º) porque rouba muitos braços à agricultura, que se empregam no carreto dos africanos; 5º) porque exige grande número de bestas muaras que não procriam e que consomem muito milho; 6º) porque diminuiria a feitura da cachaça, que tão prejudicial é do moral e físico dos moradores do campo. (Adaptado de José Bonifácio de Andrada e Silva [1763-1838], *Projetos para o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 181, 182.)

3) Uma parceria entre órgãos públicos e iniciativa privada prevê o fornecimento de oleaginosas produzidas em assentamentos rurais paulistas para a fabricação de biodiesel. De um lado, a parceria proporcionará aos assentados uma nova fonte de renda. De outro, facilitará o cumprimento da exigência do programa nacional de biodiesel que estabelece que, no Estado de São Paulo, 30% das oleaginosas para a produção de biodiesel sejam provenientes da agricultura familiar, para que as indústrias tenham acesso à redução dos impostos federais. (Adaptado de Alessandra Nogueira, "Alternativa para os assentamentos". *Energia Brasileira*, nº 3, jun. 2006, p. 63.)

4) Parece que os orixás da Bahia já previam. O mesmo dendê que ferve a moqueca e frita o acarajé pode também mover os trios elétricos no Carnaval. O biotrio, trio elétrico de última geração, movido a biodiesel, conquista o folião e atrai a atenção de investidores. Se aproveitarem a dica dos biotrios e usarem biodiesel, os sistemas de transporte coletivo dos centros urbanos transferirão recursos que hoje financiam o petrodiesel para as lavouras das plantas oleaginosas, ajudando a despoluir as cidades. A auto-suficiência em petróleo, meta conquistada, é menos importante hoje do que

foi no passado. O desafio agora é gerar excedentes para exportar energias renováveis por meio de econegócios que melhorem a qualidade do ambiente urbano, com ocupação e geração de renda no campo, alimentando as economias rurais e redistribuindo riquezas. (Adaptado de Eduardo Athayde, “Biodiesel no Carnaval da Bahia”. *Folha de S. Paulo*, 28/02/2006, p. A3.)

5) Especialistas dizem que, nos EUA, com o aumento dos preços do petróleo, os agricultores estão dirigindo uma parte maior de suas colheitas para a produção de combustível do que para alimentos ou rações animais. A nova estimativa salienta a crescente concorrência entre alimentos e combustível, que poderá colocar os ricos motoristas de carros do Ocidente contra os consumidores famintos nos países em desenvolvimento. (Adaptado de “Menos milho, mais etanol”. *Energia Brasileira*, nº 3, jun. 2006, p. 39.)

6) O agronegócio responde por um terço do PIB, 42% das exportações e 37% dos empregos. Com clima privilegiado, solo fértil, disponibilidade de água, rica biodiversidade e mão-de-obra qualificada, o Brasil é capaz de colher até duas safras anuais de grãos. As palavras são do Ministério da Agricultura e correspondem aos fatos. Essa é, no entanto, apenas metade da história. Há uma série de questões pouco debatidas: Como se distribui a riqueza gerada no campo? Que impactos o agronegócio causa na sociedade, na forma de desemprego, concentração de renda e poder, êxodo rural, contaminação da água e do solo e destruição de biomas? Quanto tempo essa bonança vai durar, tendo em vista a exaustão dos recursos naturais? O descuido socioambiental vai servir de argumento para a criação de barreiras não-tarifárias, como a que vivemos com a China na questão da soja contaminada por agrotóxicos? (Adaptado de Amália Safatle e Flávia Pardini, “Grãos na Balança”. *Carta Capital*, 01/09/2004, p. 42.)

7) No que diz respeito à política de comércio internacional da produção agrícola, não basta batalhar pela redução de tarifas aduaneiras e pela diminuição de subsídios concedidos aos produtores e exportadores no mundo rico. Também não basta combater o protecionismo disfarçado pelo excesso de normas sanitárias. Este problema é real, mas, se for superado, ainda restarão regras de fiscalização perfeitamente razoáveis e necessárias a todos os países. O Brasil não está apenas atrasado em seu sistema de controle sanitário, em relação às normas em vigor nos países mais desenvolvidos. A deficiência, neste momento, é mais grave. Houve um retrocesso em relação aos padrões alcançados há alguns anos e a economia brasileira já está sendo punida por isso. (Adaptado de “Nem tudo é protecionismo”. *O Estado de S. Paulo*, 14/07/2006, p. B14.)

8) A marcha para o oeste nos Estados Unidos, no século XIX, só se tornou realidade depois da popularização do arado de aço, por volta de 1830. A partir do momento em que o solo duro pôde ser arado, a região se tornou uma das mais produtivas do mundo. No Brasil, o desbravamento do Centro-Oeste, no século XX, também foi resultado da tecnologia. Os

primeiros agricultores do cerrado perderam quase todo o investimento porque suas sementes não vingavam no solo da região. Johanna Döbereiner descobriu que bactérias poderiam ser utilizadas para diminuir a necessidade de gastos com adubos químicos. A descoberta permitiu a expansão de culturas subtropicais em direção ao Equador.

(Adaptado de Eduardo Salgado, “Tecnologia a serviço do desbravamento”, 2004).

9) Devido às pressões de fazendeiros do Meio-Oeste e de empresas do setor agrícola que querem proteger o etanol norte-americano, produzido com base no milho, contra a competição do álcool brasileiro à base de açúcar, os Estados Unidos impuseram uma tarifa (US\$ 0,14 por litro) que inviabiliza a importação do produto brasileiro. E o fizeram mesmo que o etanol à base de açúcar brasileiro produza oito vezes mais energia do que o combustível fóssil utilizado em sua produção, enquanto o etanol de milho norte-americano só produz 130% mais energia do que sua produção consome. Eles o fizeram mesmo que o etanol à base de açúcar reduza mais as emissões dos gases responsáveis pelo efeito estufa do que o etanol de milho. E o fizeram mesmo que o etanol à base de cana-de-açúcar pudesse facilmente ser produzido nos países tropicais pobres da África e do Caribe e talvez ajudar a reduzir sua pobreza. (Adaptado de Thomas Friedman, “Tão burros quanto quisermos”. *Folha de S. Paulo*, 21/09/2006, p. B2.)

PROPOSTA A

Leia a coletânea e trabalhe sua dissertação a partir do seguinte recorte temático:

A introdução de novas práticas agrícolas produz impactos de ordem social, econômica, política e ambiental, envolvendo conflitos de interesses de difícil solução. Cabe a uma política agrícola consistente administrar esses conflitos, propondo diretrizes que considerem o que plantar, onde, como e para que plantar. Pensar sobre a geração de bioenergia é um desafio para a política agrícola atual.

Instruções:

- 1) Discuta o que significa destinar a produção agrícola brasileira para a geração de bioenergia.
- 2) Trabalhe seus argumentos no sentido de apontar os impactos positivos, negativos e os impasses dessa destinação.
- 3) Explore tais argumentos de modo a justificar seu ponto de vista.

PROPOSTA B

Leia a coletânea e trabalhe sua narração a partir do seguinte recorte temático:

As práticas agrícolas podem ser alteradas pela introdução de novas tecnologias, pela redefinição de culturas agrícolas, pela mudança na destinação dos plantios, pelas modificações na organização do trabalho. Tais alterações deixam

Redação

marcas profundas na paisagem física e humana das regiões do país.

Instruções:

- 1) Crie um(a) personagem que viveu um processo de transformação na agricultura de alguma região do Brasil.
- 2) Narre as consequências desse processo de transformação na vida do(a) personagem e descreva o cenário rural onde ocorreu.
- 3) Sua história pode ser narrada em primeira ou terceira pessoa.

PROPOSTA C

Leia a coletânea e trabalhe sua carta a partir do seguinte recorte temático:

A relação da agricultura com o comércio internacional está marcada por barreiras tarifárias, sanitárias, ambientais, que demandam constantes negociações entre os produtores agrícolas e o Estado.

Instruções:

- 1) Escolha um produto agrícola brasileiro de exportação ou seu derivado.
- 2) Argumente, a partir do ponto de vista de um produtor, contra uma barreira internacional imposta a esse produto.
- 3) Dirija sua carta a uma associação representativa do setor, solicitando medidas efetivas.

OBS.: Ao assinar a carta, use apenas suas iniciais, de modo a não se identificar.

(Fonte: www.convest.unicamp.br)

UNESP 2007

INSTRUÇÃO: Leia atentamente as frases seguintes, que podem ser encontradas em textos de toda a mídia.

Em apenas cinco minutos, você pode chapar a barriga – Detone quatrocentas calorias em uma hora – Experimente a nova dieta anticelulite – Elimine os sinais de envelhecimento – Ganhe uma barriguinha seca e um corpo em forma em nossa academia – A nossa dieta enxuga a gordura do corpo e deixa a cintura fininha – Faça ginástica facial para eliminar rugas e linhas de expressão – Dez exercícios para esculpir suas pernas e coxas – Desenvolva rapidamente seus bíceps – Ganhe músculos em seis meses e conquiste todas as *gatas* – Torne-se um homem de corpo sarado e jeito de menino – Desfile na praia com o corpo dos seus sonhos – Turbine seus lábios – Você pode ter um culote sequinho – Deixamos sua barriga zeredada – Você pode ser mais bonita: rinoplastia, lipoaspiração, mamoplastia de aumento, mamoplastia de redução, *lifting* facial – Ganhe pernas e bumbum torneados – Exercícios para ficar com seios exuberantes – Com alguns minutos por dia, deixamos seu corpo douradinho – Você pode mudar a cor de seus olhos – Só tem cabelos brancos quem quer.

Escultura

Cansado de tanto amar,
Eu quis um dia criar
Na minha imaginação
Uma mulher diferente
De olhar e voz envolvente
Que atingisse a perfeição.
Comecei a esculpturar
No meu sonho singular
Essa mulher fantasia.
Dei-lhe a voz de Dulcinea,
A malícia de Frineia
E a pureza de Maria.
Em Gioconda fui buscar
O sorriso e o olhar,
Em Du Barry o *glamour*,
E, para maior beleza,
Dei-lhe o porte de nobreza
De madame Pompadour.
E assim, de retalho em retalho,
Terminei o meu trabalho,
O meu sonho de escultor,
E, quando cheguei ao fim,
Tinha diante de mim
Você, só você, meu amor.

(Adelino Moreira e Nelson Gonçalves. *Escultura*. In: Nelson Gonçalves. *A volta do boêmio*. Sonopress BMG Ariola Discos, Ltda., São Paulo, 1996.)

O garimpeiro

Lúcia tinha dezoito anos, seus cabelos eram da cor do jacarandá brunido, seus olhos também eram assim, castanhos bem escuros. Este tipo, que não é muito comum, dá uma graça e suavidade indefinível à fisionomia.

Sua tez era o meio termo entre o alvo e o moreno, que é, a meu ver, a mais amável de todas as cores. Suas feições, ainda que não eram de irrepreensível regularidade, eram indicadas por linhas suaves e harmoniosas. Era bem feita, e de alta e garbosa estatura.

Retirada na solidão da fazenda paterna, desde que saíra da escola, Lúcia crescera como o arbusto do deserto, desenvolvendo em plena liberdade todas as suas graças naturais, e conservando ao lado dos encantos da puberdade toda a singeleza e inocência da infância.

Lúcia não tinha uma dessas cinturas tão estreitas que se possam abranger entre os dedos das mãos; mas era fina e flexível.

Suas mãos e pés não eram dessa pequenez e delicadeza hiperbólica, de que os romancistas fazem um dos principais méritos das suas heroínas; mas eram bem feitos e proporcionados.

Lúcia não era uma dessas fadas de formas aéreas e vaporosas, uma sílfide ou uma *bayadère**, dessas que fazem o

encanto dos salões do luxo. Tomá-la-íeis antes por uma das companheiras de Diana a caçadora, de formas esbeltas, mas vigorosas, de singelo mas gracioso gesto.

Todavia era dotada de certa elegância natural, e de uma delicadeza de sentimentos que não se esperaria encontrar em uma roceira.

(*) *Bayadère* (francês): dançarina das Índias, dançarina de teatro.

(Bernardo Guimarães. *O garimpeiro - romance. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro-Editor do Instituto, 1872, p. 14-16.*)

Proposição

Os textos acima focalizam o tema da beleza, particularmente da beleza das mulheres, em diferentes épocas. As frases apresentadas como base para esta redação, todas fundamentadas em matérias de revistas dirigidas para a cultura física, estética e emagrecimento, colocam a questão da busca da beleza física, não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens nos dias atuais. Estimulada intensamente pela mídia, a busca da saúde se confunde frequentemente com a busca, pelo homem e pela mulher, de um corpo esbelto, bem composto e delineado, capaz de causar inveja e de impressionar o sexo oposto.

Para atingir esse objetivo, muitas pessoas fazem quaisquer tipos de sacrifícios, não poucas vezes dando maior importância à aparência do que à própria saúde física e mental.

Com base neste comentário e, se julgar necessário, nas frases que serviram como exemplo, faça uma redação em prosa, de *gênero dissertativo*, sobre o tema:

“A BUSCA DA BELEZA DO CORPO NOS DIAS ATUAIS”.

(Fonte: www.vunesp.br)

UNESP 1999

INSTRUÇÃO: Leia os três textos seguintes.

Ecologia

Quando, em 1982, o cineasta Ridley Scott dirigiu o filme *Blade Runner – O Caçador de Andróides*, ambientou sua utopia num cenário de pesadelo: uma cidade sombria, suja, superpovoada, submetida a uma incessante chuva ácida e com seus espaços totalmente engarrafados por toda a sorte de veículos. Saía-se do cinema, então, com uma indisfarçável sensação de alívio, para respirar ar puro e ver de novo a luz do sol. Passados menos de 20 anos desde a realização do filme, o

horror que se viu nas telas, feito ficção, se aproxima perigosamente da vida real.

Florestas ardem durante meses, rios são dados como irreversivelmente mortos, crianças nascem descerebradas devido à poluição atmosférica, navios derramam toneladas de petróleo nos mares, espécies animais e vegetais são rotineiramente exterminadas. Há dez anos, por exemplo, nem ao mais pessimista dos cidadãos do planeta ocorreria viver em uma cidade onde os veículos têm de se alternar nas ruas de modo a tornar o ar minimamente respirável, como ocorre hoje na Cidade do México e em São Paulo. Num país de proporções continentais, como o Brasil, com graves problemas sociais, essas questões se tornam particularmente preocupantes.

(“Ecologia”. In: *Guia de Profissões. 7ª ed. São Paulo: Unesp – Universidade Estadual Paulista, 1998, p. 52.*)

A FICÇÃO VIRA REALIDADE

Houve um tempo em que era ficção. Há não mais que dez anos, conversar com outra pessoa através de uma tela de televisão era coisa para o capitão Kirk, instalado na ponte de comando da *Enterprise*, a nave do seriado *Jornada nas Estrelas*. Microcâmeras fotográficas eram invenção de filmes como 007, assim como o único carro que se movia direcionado por um computador era o Batmóvel de outro seriado dos anos 60. A ficção, contudo, está virando rapidamente realidade. Hoje é possível conversar com outra pessoa do outro lado do mundo olhando para ela na tela do computador. A tecnologia do carro controlado por um cérebro eletrônico também já existe. No 007 de hoje, os aparelhos utilizados por James Bond não são obra de ficção, mas de merchandising, uma forma de divulgação de produtos usada pela publicidade em cenas de filmes ou programas de TV. Eles existem de verdade e podem ser comprados nas lojas especializadas.

Isso é o melhor da história: o surgimento de todas essas novidades não é mera atividade de laboratório, mas um processo comandado pelo mercado. São produtos acessíveis ao bolso do consumidor comum, a maior parte dos quais está chegando ao Brasil junto com tecnologias como a do telefone celular digital. Não que os laboratórios também não estejam avançando. É verdade que ainda não se pode mandar pessoas de um lugar a outro por teletransporte, como em *Jornada nas Estrelas*. Mas até isso já não pertence tanto ao domínio da ficção científica, como era antigamente. No final de 1997, a equipe do Instituto de Física Experimental da Universidade de Innsbruck, na Áustria, conseguiu desintegrar uma partícula – um fóton – e fazê-la reaparecer em outro local.

(GUARACY, Thales e LUZ, Sérgio Ruiz, 1998)

QUASE NO ANO 2000

*(Letra do Samba-Enredo da Escola de Samba
Imperatriz Leopoldinense)*

Preto Joia, Flavinho, Darcy do Nascimento, Guga.

Vou viajar nas previsões
Do homem sonhador
Que pensou voar, cruzar o mar
Nas asas da imaginação
Fez o tempo avançar no tempo
Através da criação
De máquinas sem sentimento
Que funcionam quando ele põe a mão
Mas o homem que previa ôôô...
Esqueceu a ecologia ôôô...
A natureza, o ar
A terra azul e o mar
Fez o universo acordar
Robô, roubou a festa
O cinema deu visão
Imaginando o que seria bis
A nova civilização (foi ilusão)
(bis)

Lá se vai mais um milênio, amor
A devastação dói demais
Proteção para os mananciais
Pras matas e os animais
E o futuro então
Virá com mais vigor
Se a nossa terra
For tratada com amor
É novo tempo, é bom pensar
É tempo, amor, de libertar refrão
O sentimento e a terra preservar
(refrão)

*(Disco compacto: Sambas de Enredo, 98;
Gravadora Escola de Samba, 1999)*

Um dos assuntos mais discutidos neste fim de século é o do futuro de nosso planeta. Muitas pessoas manifestam pessimismo ante a devastação ambiental e o que esta pode implicar. Outras, ao contrário, crêem que a tecnologia acabará trazendo soluções a esse e a muitos outros problemas da humanidade. A Literatura e o Cinema, dando forma artística a tais pontos de vista, produzem visões do futuro ora otimistas, ora pessimistas. Tomando como referência, se julgar necessário, os textos apresentados, manifeste sua própria opinião a respeito, escrevendo uma redação em gênero dissertativo sobre o tema:

“A INTERVENÇÃO HUMANA NO MEIO-AMBIENTE
E O FUTURO DO PLANETA”.

(Fonte: www.vunesp.br)

UNIFESP 2007

Leia os textos a seguir, auxiliares ao desenvolvimento de sua redação.

TEXTO 1

A mão da filha



- Muito bem, rapaz! Quais suas intenções em relação à minha filha?

www.2uol.com.br

TEXTO 2

O jovem e a sexualidade

(Flávio Gikovate)

Sabemos que ainda é grande o número de moças que engravidam contra sua vontade apenas porque pensam que “com elas nada de mau irá acontecer”. Sabemos também que o nível de informação acerca das práticas sexuais poderia ser mais completo nas classes sociais mais baixas. De todo o modo, os moços estão muito mais bem informados do que quando eu comecei a trabalhar o tema da sexualidade, isso ainda no fim dos anos 1960. Por outro lado, se pensarmos na questão sexual, nas importantes diferenças que existem entre os sexos, na homossexualidade, nas relações entre sexo e amor e principalmente nas questões relativas ao amor, penso que o nível de ignorância é enorme. O mais grave é que a grande maioria dos adultos não dispõe de informação mínima a respeito, de modo que não podem sequer tentar orientar os moços sobre os quais teriam alguma influência. Assim, no que diz respeito às trocas de carícias, à liberdade com que elas são exercidas e como agir com o intuito de agradar e satisfazer o parceiro, temos caminhado bastante. Agora, sobre as relações entre sexo e agressividade, sobre o jogo de poder que se estabelece entre os sexos, sobre as questões amorosas e sobre a importância da amizade entre homens e mulheres, ainda estamos engatinhando.

O maior problema dos adolescentes, que hoje se iniciam sexualmente antes mesmo dos 16 anos de idade, é que essa fase da vida se caracteriza por uma onipotência difícil de ser quebrada, mas sobre a qual deveríamos agir o mais cedo possível. Nossos jovens devem ser esclarecidos desde cedo de que eles não são criaturas privilegiadas e que carregam uma estrela na testa que lhes protegeria contra as catástrofes ou todas as dores a que todos estamos sujeitos. Isso depende de uma educação responsável desde os primeiros anos da infância, educação realista, pois as ilusões e as falsas ideias devem ser combatidas desde o início.

(...)

Um importante ingrediente da nossa sexualidade sempre se deu de forma virtual. Não dispúnhamos dos equipamentos que hoje estão ao nosso alcance: sexo por telefone, sexo e internet, fartura de material erótico e pornográfico para estimular a fantasia de jovens e adultos, etc. Não vejo como possamos ver qualquer malefício associado ao sexo virtual, uma vez que o sexo sempre foi fundado antes de tudo em fantasias. Não prejudica e nem impede o estabelecimento de elos amorosos de boa qualidade, condição em que as trocas eróticas ganham um real significado interpessoal não por causa do sexo e sim por força do amor que une aquele par.

(www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.

Adaptado.)

TEXTO 3

Deixa ele dormir em casa?

Dormir com o namorado no mesmo quarto pode parecer privilégio de pessoas mais velhas, independentes, que moram sozinhas. Mas não é. Muitos adolescentes já conquistaram esse direito e levam seus namorados e namoradas para dormir na casa dos pais.

No começo, quartos separados. Depois de algum tempo, quando os pais se acostumam com o novo “membro” da família, liberam o casal para dormir no mesmo quarto.

A primeira vez pode ser por acaso. André (nome fictício), 18, por exemplo, pediu para sua mãe deixar sua namorada dormir em casa numa noite em que o casal estava voltando tarde de uma festa. A garota percebeu que tinha esquecido a chave de casa.

“Perguntei para minha mãe se ela poderia ficar em casa e ela topou.”

Naquela noite, eles dormiram em quartos separados. Hoje, no entanto, dormem juntos. “Quando minha mãe pegou confiança e viu que o namoro era para valer, ela liberou”, diz André, que namora há um ano e nove meses. (...)

Já Ana Paula, 45, mãe de Ana Carolina, 16, não encarou tão numa boa quando a filha resolveu dormir com o namorado, Gabriel, em casa. “Fui vencida pelo cansaço.

No começo, pedia para eles dormirem em quartos separados, mas, quando acordava, via os dois saindo juntos do mesmo quarto. Tentei resistir, mas chegou uma hora em que não tinha mais o que fazer e eu tive que liberar. Se ela já tem vida sexual ativa, melhor que seja em casa, com segurança, sem correr riscos”, diz a mãe.

(*Folhateen, Folha de S. Paulo, 04.09.06. Adaptado.*)

TEXTO 4

A sexualidade do adolescente

Na ética adolescente, *ficar* significa não ficar, não ter compromisso com amanhã, não criar vínculos definitivos. É, pois, não ficando quando *ficam*, que eles ensaiam, descobrem, experimentam, conhecem sensações, sem os ‘pudores’ de outras gerações.

Em pesquisa com estudantes dos diversos cursos, identificamos vários sentidos para o *ficar*: Ora ele representa uma marca do tempo, como a superficialização típica da pós modernidade, ora pode significar um caminho de conhecimento para se chegar ao namoro, ora pode representar um exercício de liberdade, ou ainda é algo visto como muito relativo por deixar quase sempre uma experiência de vazio depois da ficada. O que se observou é que o *ficar* expressa uma nova forma de relação, uma ética para os relacionamentos provisórios, típicos dos tempos de rapidez. Faz parte da regra, que nada fique depois do *ficar*.

(*Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v. 1. Ministério da Saúde. Adaptado.)

TEXTO 5

Amor e Sexo

Amor é um livro – Sexo é esporte
 Sexo é escolha – Amor é sorte
 Amor é pensamento, teorema
 Amor é novela – Sexo é cinema
 Sexo é imaginação, fantasia
 Amor é prosa – Sexo é poesia
 O amor nos torna patéticos
 Sexo é uma selva de epiléticos
 Amor é cristão – Sexo é pagão
 Amor é latifúndio – Sexo é invasão
 Amor é divino – Sexo é animal
 Amor é bossa nova – Sexo é carnaval
 Amor é para sempre – Sexo também
 Sexo é do bom – Amor é do bem
 Amor sem sexo é amizade
 Sexo sem amor é vontade
 Amor é um – Sexo é dois
 Sexo antes – Amor depois
 Sexo vem dos outros e vai embora
 Amor vem de nós e demora
 Amor é isso – Sexo é aquilo
 E coisa e tal – E tal e coisa...

(*Rita Lee, Roberto de Carvalho, Arnaldo Jabor.*
In www.ritalee.com.br. Adaptado.)

A partir das informações apresentadas, de outras de seu conhecimento e das múltiplas implicações da sexualidade na vida dos jovens, elabore um texto dissertativo, em prosa, analisando e discutindo criticamente:

A QUESTÃO DA SEXUALIDADE PARA O JOVEM MODERNO

(Fonte: www.vunesp.br)

Observe a imagem e leia os textos seguintes.



(Romero Britto, *Felicidade*.)

Pensar no destino a ser dado à vida não se resume a uma opção por um curso universitário. Sem dúvida, esse caminho é trilhado por muitos jovens, realidade para muitos, mas não para todos. E para muitos não é realidade não porque não possam ingressar numa universidade pública ou porque não possam pagar uma faculdade privada: não é realidade simplesmente porque muitos não vêem o curso superior como a única forma, ou a forma privilegiada, de realização na vida. Acreditam que podem realizar-se sem passar pelos bancos universitários. Por essa razão, é preciso analisar os fatores que estão relacionados no caso de opção – ou não – por um curso de nível superior, e como as pessoas, em graus variados, satisfazem-se com a vida que levam. A literatura contempla-nos com personagens realizados com a vida simples que levavam. É o caso, por exemplo, do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato:

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O mato o beira. Nem árvores frutíferas, nem horta, nem flores – nada revelador de permanência. Há mil razões para isso; porque não é sua a terra; porque se o “tocarem” não ficará nada que a outrem aproveite; porque para frutas há o mato; porque a “criação” come; porque...

— “Mas criatura, com um vedozinho por ali... A madeira está à mão, o cipó é tanto...”

Jeca, interpelado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nu, coça a cabeça e cuspihla.

— “Não paga a pena.”

Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.

(“*Língua Portuguesa*”, 2005)

Para Jeca, seu projeto de vida é esse, Nada paga a pena. Na literatura, ainda, encontramos o contraponto de Jeca. O personagem Jerônimo, de *O Cortiço*, nada tem de acomodado, pois era perseverante, observador e dotado de certa habilidade. Em poucos meses se apoderava do seu novo ofício e, de quebrador de pedra, passou logo a fazer paralelepípe-

dos; e depois foi-se ajeitando com o prumo e a esquadria e meteu-se a fazer lajedos; e finalmente, à força de dedicação pelo serviço, tornou-se tão bom como os melhores trabalhadores de pedreira e a ter salário igual ao deles. Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil-réis. Dois personagens, duas histórias, duas formas de viver e encontrar a realização pessoal.

Há casos, porém, em que o sucesso existencial é muito questionado, sobretudo se não atende aos sonhos previamente instalados na vida. É o que acontece com Mathieu, personagem de *A idade da razão*, de Jean-Paul Sartre:

Assim é que eles me vêem, eles, Marcelle, Daniel, Brunet, Jacques. O homem que quer ser livre. Come, bebe, como qualquer outro, é funcionário, não faz política, lê *L’Oeuvre* et *Le Populaire* e está em dificuldades financeiras. Mas quer ser livre, como outros desejam uma coleção de selos. A liberdade é seu jardim secreto. Sua pequena convivência para consigo mesmo. Um sujeito preguiçoso e frio, algo quimérico, razoável no fundo, que malandramente construiu para si próprio uma felicidade medíocre e sólida, feita de inércia, e que ele justifica de quando em vez mediante reflexões elevadas. Não é isso que sou?

Por fim, vemos que a questão da grande busca humana é tema que não se restringe à literatura e toma formas diversas no mundo em que vivemos, como mostra a reportagem “**O paradoxo do progresso**”:

A população dos países mais ricos passa por uma crise existencial: a sensação de que no passado se vivia melhor. A história e as estatísticas, no entanto, mostram que a média dos moradores dos Estados Unidos e da Europa Ocidental nunca teve uma vida tão próspera. As pessoas vivem mais, têm mais acesso à educação e, descontados os desejos mais extravagantes, realizam como nunca os sonhos de consumo. Cinquenta anos atrás, os objetivos de uma família norte-americana eram a casa própria, o carro na garagem e pelo menos um dos filhos na universidade. Hoje, seu estilo de vida excede essas expectativas, graças a um aumento de 50% na renda da classe média nos últimos 25 anos.

O que hoje é comum — uma frota de carros na garagem, assistência médica de primeira e férias no exterior — no início do século XX era privilégio de uns poucos milionários. Há muito mais: algumas doenças letais que nos anos 50 não poupavam nem sequer os muito ricos, como a poliomielite, foram praticamente erradicadas. Apesar de todos esses avanços, os psicólogos identificam um fenômeno que tem sido chamado de “hipocondria social” ou “paradoxo do progresso”: a sensação crescente de que tudo o que se conquistou com as melhorias sociais é mera ilusão.

A ideia de que um bom padrão de vida não é garantia para a realização pessoal é antiga. Há mais de 2 000 anos, o filósofo grego Aristóteles já afirmava que a felicidade se atinge pelo exercício da virtude, e não da posse. Uma pesquisa recente realizada pelo sociólogo holandês Ruut Veenhoven, da Uni-

versidade Erasmus de Roterdã, concluiu que com uma renda anual de 10 000 dólares o indivíduo tem o suficiente para uma vida confortável em qualquer país industrializado. A partir daí, como na propaganda de cartão de crédito, existem coisas — um sentido para a vida, uma paixão e amizades — que o dinheiro não pode comprar. A melancolia que contamina as sociedades ricas do século XXI é mais complexa do que a velha frase “Dinheiro não compra felicidade”. Para o jornalista norte-americano Gregg Easterbrook, pesquisador do Instituto Brookings, se classe média norte-americana não está se sentindo bem, isso é culpa de uma mistura indigesta que inclui decepção com o progresso, consumismo exacerbado, falta de novos objetivos para a vida e excesso de opções.

A partir do que se expôs, pense no que seja um projeto de vida e reflita sobre as implicações que ele tem para a realização pessoal — plena ou não. Portanto, sua tarefa aqui, agora, é elaborar um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, analisando e discutindo a seguinte questão:

“AS FORMAS DE SE ALCANÇAR A SATISFAÇÃO PESSOAL E A FELICIDADE”.

(Fonte: www.vunesp.br)

UFSCAR 2008

INSTRUÇÃO: Leia os textos a seguir.

Texto 1



Lili remodelou os olhos. Shuang tem uma testa nova. Qian estreitou o nariz. Na China, as cirurgias plásticas viraram uma febre entre mulheres que buscam melhores empregos e maridos ricos. Agora, elas até comemoram suas novas aparências no primeiro concurso de “Miss Cirurgia Plástica” do país. *Marie Claire* foi ver a coroação de perto. Wang Yuan, 18 anos, sorri radiante no palco. Sua mãe está na plateia e não disfarça o orgulho que sente pela filha. Não é para menos. A mãe de Yuan é cirurgiã plástica e, 11 meses atrás, usou seu bisturi para refazer o rosto da filha. Foram quatro operações para remodelar os olhos, o nariz, as maçãs do rosto e o queixo. “Implorei à minha mãe para fazer isso em mim. Não entendia por que eu tinha de ser uma mulher comum, se podia ser linda”, diz Yuan. “Entrei no concurso para provar que a cirurgia não modifica quem você é, só corrige as imperfeições”, afirma. As “imperfeições” incluem as feições clássicas chinesas, como nariz pequeno, rosto largo e olhos estreitos. Como a maioria das jovens, Yuan admira a aparência das mulheres do Ocidente.

(*Marie Claire*, nov. 2005.)

Texto 2



A onda atingiu a televisão japonesa, onde há dois anos o programa *Beauty Colosseum* é sucesso de audiência. Num cenário kitsch, com cores gritantes e colunas gregas de papelão, mulheres desesperadas contam suas histórias ao casal de apresentadores. São chamados um estilista, um cabeleireiro, uma maquiadora e um cirurgião plástico. Um mês depois, elas voltam ao programa para mostrar como uma boa cirurgia estética torna qualquer um feliz. O cirurgião que participa do programa se tornou uma estrela e dirige uma rede de 14 clínicas. “Antigamente, intervenções estéticas eram o tipo de coisa que só artistas ou prostitutas de luxo faziam. Hoje, a plástica é mais popular e menos dramática”, diz. Na China, para crescer até 10 centímetros, a população se submete a uma cirurgia dolorosa e arriscada. A perna é quebrada em várias partes e estendida com o auxílio de pinos no processo

de calcificação. Popular também é a cirurgia na língua, que facilita a pronúncia do inglês.

(*Época*, 21.05.2007.)

Texto 3

Branquear-se é a obsessão de milhões de africanas que, diariamente, untam a pele com produtos abrasivos para tornar-se



um pouco menos negras, para ascender na hierarquia social e alcançar seu objetivo final: tornar-se mais desejáveis, agradar mais e aumentar sua própria auto-estima. Nessa corrida em direção ao triunfo social, elas perdem melanina e contraem doenças de pele que vão

desde queimaduras, estrias e acne até alergias e mesmo câncer de pele. É um fenômeno presente em parte da África, sendo descrito por alguns estudiosos como o “trauma pós-colonial”. A prática não é nova — começou no final dos anos 60 —, mas os números não param de crescer, e, nos últimos anos, alcançaram níveis preocupantes, segundo a Associação Internacional de Informação sobre a Despigmentação Artificial (Aiida), presente no Senegal, na França e em Mali. Hoje, diz a entidade, 67% das mulheres senegalesas despigmentam sua pele. Em Togo, 58% o fazem, e, em Mali, 25%.

(*Folha de S. Paulo*, 03.04.2004.)

Texto 4



O sociólogo Shinji Kamikawa, 48, crítico de TV no Japão, diz que “o oriente parece perdido em muitos aspectos”. “A influência não é só de quem vai ao exterior e volta, mas está em todos os lugares,

principalmente na televisão. Parece que estamos desenvolvendo um complexo de inferioridade, de que aquilo que é falado em inglês é melhor, os costumes estrangeiros são melhores”. Ele reclama do fato de os desenhos animados japoneses não apresentarem personagens com olhos puxados. “Só pode prejudicar o processo de identificação de nossas crianças, que começam a invejar os traços ocidentais.”

(*Folha de S. Paulo*, 26.05.2002.)

INSTRUÇÃO: Escreva um texto dissertativo sobre o tema:

“GLOBALIZAÇÃO: A INFLUÊNCIA DO OCIDENTE NO PADRÃO DE BELEZA MUNDIAL – CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS”.

UFSCAR 2007

Texto 1



Quem nunca foi zoadado ou zoou alguém na escola? Risadinhas, empurrões, fofocas, apelidos como “bola”, “rolha de poço”, “quatro-olhos”. Todo mundo já testemunhou uma dessas brincadeirinhas” ou foi vítima delas. Mas esse

comportamento, considerado normal por muitos pais, alunos e até professores, está longe de ser inocente. Ele é tão comum entre crianças e adolescentes que recebe até um nome especial: *bullying*. Trata-se de um termo em inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes. Traduzido ao pé da letra, seria algo como intimidação. Trocando em miúdos: quem sofre com o *bullying* é aquele aluno perseguido, humilhado, intimidado. E isso não deve ser encarado como brincadeira de criança. Especialistas revelam que esse fenômeno, que acontece no mundo todo, pode provocar nas vítimas desde diminuição na auto-estima até o suicídio. “*Bullying* diz respeito a atitudes agressivas, intencionais e repetidas praticadas por um ou mais alunos contra outro. Portanto, não se trata de brincadeiras ou desentendimentos eventuais. Os estudantes que são alvos de *bullying* sofrem esse tipo de agressão sistematicamente”, explica o médico Aramis.

Lopes Neto, coordenador do primeiro estudo feito no Brasil a respeito desse assunto. Segundo Aramis, “para os alvos de *bullying*, as consequências podem ser depressão, angústia, baixa auto-estima, estresse, absentismo ou evasão escolar, atitudes de autoflagelação e suicídio, enquanto os autores dessa prática podem adotar comportamentos de risco, atitudes delinquentes ou criminosas e acabar tornando-se adultos violentos”.

(www.educacional.com.br. Adaptado.)

Texto 2



Crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem carregar o trauma pela vida toda. De acordo com especialistas, se o problema não for bem resolvido antes de se chegar à idade adulta, sequelas como dificuldades de tomar a iniciativa ou de se expressar podem atrapalhar os relacionamentos pessoais e até profissionais.

[...]

Em casos extremos, o *bullying* pode levar à morte. Há vítimas que se suicidam e outras que matam os colegas. Foi o que aconteceu na escola Columbine, nos Estados Unidos, quando em 1999 dois colegas mataram 13 pessoas no colégio e se suicidaram. Os adolescentes eram constantemente alvo de piadas de suas turmas. No Brasil, dois casos chamaram a atenção. Em fevereiro de 2004, em Remanso (BA), o jovem D., 17, matou

duas pessoas e feriu três. Ele sofria humilhações na escola. O garoto revelou que matou F., 13, porque, além de sempre ridicularizá-lo, no dia do crime, ele teria jogado um balde de lama nele. Em janeiro de 2003, Edmar Freitas, 18, entrou no colégio onde tinha estudado, em Taiúva (interior de SP), e feriu oito pessoas com tiros. Em seguida, se matou. Obeso, era vítima de apelidos humilhantes.

(Folha de S. Paulo, 2006)

Texto 3

A especialista Cleo Fante, autora do livro *Fenômeno Bullying* [“bullying= espezinhamento”], formulou um manual que reúne os sinais observados com maior frequência nas vítimas desse tipo de prática. Eis alguns:

- O estudante prefere ficar trancado no quarto a sair com os amigos
- Ele raramente é convidado para uma festa da escola
- Seu desempenho escolar apresenta piora
- Pede aos pais que o troquem de escola sem uma razão convincente
- Antes de ir ao colégio, sua muito e tem dores de barriga ou de cabeça
- Ele manifesta o desejo de mudar algo em sua aparência

Cyberbullying (espezinhamento digital). Esse é o nome dado ao tipo de agressão praticado por meio de artefatos tecnológicos, como blogues na *internet* e mensagens no celular. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos chegou a um número impressionante sobre o assunto: 20% dos estudantes norte-americanos de ensino fundamental são vítimas do *cyberbullying*. Outra pesquisa, essa realizada na Inglaterra, quantificou o número de meninas que são alvo de agressões via celular. Isso ocorre com 25% das inglesas.

Texto 4



Há poucos anos, as malvadezas típicas do universo infantil vieram à tona e revelaram o assédio recorrente cometido por um grupo de crianças à outra.

A ação recebeu nome e sentença: “bullying”, ato de perseguir e agredir moralmente a vítima. Com o aumento da competitividade entre trabalhadores e da pressão do empregador por mais resultados em menos tempo, o termo foi trasladado para o ambiente de trabalho, dando nova roupagem a um tipo crescente de assédio moral: o “mobbing”, palavra derivada de “mob” (do inglês, “máfia”).

“Mobbing é o assédio coletivo contra uma pessoa”, define José Carlos Ferreira, diretor-adjunto do escritório da OIT (Organização Internacional do Trabalho) no Brasil. (. . .)

O mais conhecido tipo de assédio moral é o terror psicológico feito pelo chefe sobre o subordinado.

Segundo Margarida Barreto, uma das maiores especialistas do país no tema, esse tipo representa 90% dos casos. Mas o provocado pelo grupo ou por um colega sobre o profissional também preocupa: soma 8,5% dos casos.

(Folha de S. Paulo, 02.07.2006. Adaptado.)

INSTRUÇÕES: Com base nos textos apresentados e, eventualmente, em experiências pessoais, escreva um texto dissertativo em prosa, obedecendo à norma padrão do português do Brasil, que deverá ter como tema:

“DO BULLYING AO MOBBING: COMO TRATAR COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS ENTRE COLEGAS?”

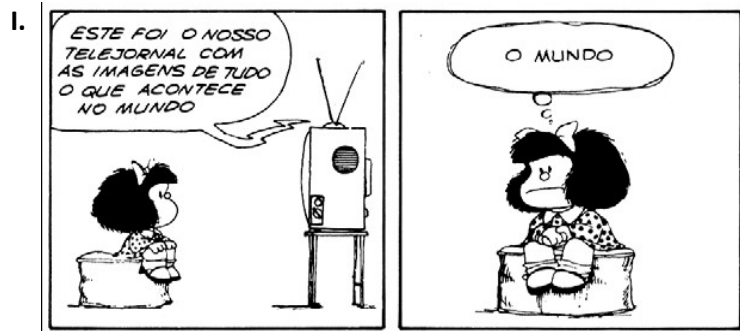
A REDAÇÃO NA UFBA

UFBA 2008

INSTRUÇÕES:

- Escreva sua Redação, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída pontuação ZERO à Redação que
 - não se atenha ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
 - esteja escrita em verso;
 - não seja respondida na respectiva Folha de Resposta;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato;
 - apresente texto padronizado, comum a vários candidatos.

Os textos a seguir devem servir como ponto de partida para sua Redação.



Toda a Mafalda. Tradução

Andrea Stahel M. da Silva et al. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 187.

II. VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira.** São Paulo: Círculo do Livro, 1996. p. 143-144).

III. ANTIEVASÃO

Pedirei
Suplicarei
Chorarei

Não vou para Pasárgada

*(“Antievasão”, do cabo-verdiano Ovídio Martins.
Em: ABDALA JÚNIOR. **Literatura:** história e política:
literaturas de língua portuguesa no século XX. São
Paulo: Ática, 1989. p. 16. Coleção Ensaios 130).*

A partir da leitura dos textos apresentados, que ilustram diferentes visões da realidade, escreva um texto argumentativo em que você discuta **o comportamento do homem diante de situações adversas**, explicitando o seu ponto de vista.

UFRJ 2007

Desenvolva um texto dissertativo-argumentativo sobre a relação entre estados de humor e experiências da vida cotidiana, tomando por base os fragmentos abaixo:

“Rir é o melhor remédio.”

“O que não tem remédio remediado está.”

(Ditos populares)

“Para Freud, o senso de humor é o principal sinal de um psiquismo sadio. Ele o considerava a forma privilegiada pela qual adultos mantêm a capacidade de brincar e de não ser esmagados pelos imperativos da vida em sociedade.”

“É necessário desenvolver certa descrença nos ideais de felicidade propagados no mundo contemporâneo; não se levar tão a sério (...) E nunca nos resignar a uma vida fútil e insatisfatória só pelo fato de ela ser socialmente aceita e reconhecida. É essa acomodação que aumenta a níveis insuportáveis a angústia, a fobia e a depressão.”

“Por definição, se é humor, faz bem. Mas é possível diferenciar o humor da ironia, do deboche e também do riso cínicos. Na ironia e no deboche rimos do outro por acreditar que somos mais sábios e superiores. No cinismo, o riso é amargo, melancólico, porque é o riso de quem, decepcionado, perdeu o gosto pela vida.”

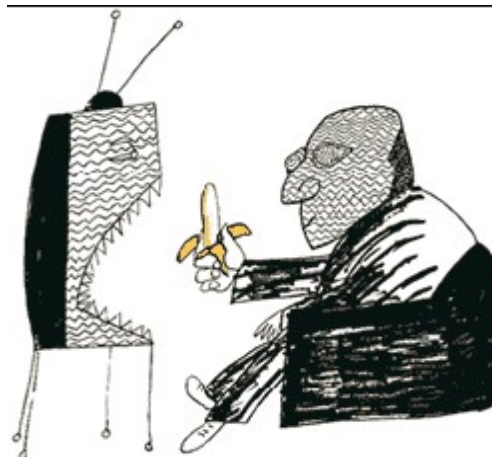
(Kupperman, Daniel. *Entrevista à revista Época*, RJ 05/01/2006)

ORIENTAÇÕES

1. **Evite copiar passagens** dos fragmentos apresentados.
2. Redija seu **texto em prosa**, de acordo com a **norma culta** da língua.
3. Redija um texto **de 25 a 30 linhas**.
4. Escreva o texto definitivo **a caneta**.

UERJ 2008

Proposta de redação



Texto I

A máquina

Faltando somente um minuto para a hora marcada, às onze e cinquenta e nove exatamente, Antônio entrou na máquina de sua própria morte, feita com suas próprias mãos, e todos os olhos, todos os ouvidos, todas as câmeras e todos os microfones do mundo apontaram para ele, um patrocínio Alisante Karina, ele vai morrer de amor por você. Se pudesse divulgar o que estava sentindo, sem trazer inquietação ao coração de Karina, talvez Antônio tivesse confessado ali mesmo, pro mundo todo ouvir, que estava com um medo desgraçado, sabe o verbo medo? Mas não parecia. Quem olhava para ele, ou seja, o mundo inteiro, não diria nunca que se tratava de um homem que sentia um frio no espinhaço. E foi então que deu a hora certinha que

Antônio tinha marcado para partir, meio-dia em ponto, cinco, quatro, três, dois, um, Ave-Maria, e seu coração disse pra sua cabeça, vá, e sua cabeça disse pra sua coragem, vou, e sua coragem respondeu, vou nada, mas Antônio não ouviu. E quando as setecentas lâminas da máquina da morte botaram para funcionar, todas elas ao mesmo tempo, na maior ligeireza, o mundo todo que estava esperando para ver tripa de Antônio, sangue de Antônio, osso de Antônio virar pó, não viu foi coisa nenhuma.

(Adriana Falcão *A máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.)

O cartum usa o recurso do humor para sugerir um tipo de relação entre o homem e os meios de comunicação, tema também abordado pelo excerto acima.

Para você, os meios de comunicação devem sofrer alguma forma de controle, ou todo controle representa uma censura indevida?

Defenda seu ponto de vista em uma dissertação, no registro padrão da língua, usando uma estrutura argumentativa completa, com o mínimo de 20 e o máximo de 30 linhas.

Dê um título a seu texto.

DÚVIDAS FREQUENTES

A seguir, estão listadas algumas das dúvidas mais frequentes em língua portuguesa, tais como o uso do “mas” e “mais”, “mal” e “mau”, “onde” e “aonde”, “a” e “há”, “a fim” e “afim”, entre outras, de forma a possibilitar uma pequena revisão para evitar erros na produção de textos.

MAS / MAIS

Mas é uma conjunção adversativa, equivalendo a “porém”, “contudo”, “entretanto”. Exemplos:

- Tentou, mas não conseguiu o trabalho que almejava.
- O planeta passa por melhorias, mas não consegue se desenvolver.

Mais é pronome ou advérbio de intensidade, opondo-se normalmente a menos. Exemplos:

- Ela foi quem mais procurou, ainda assim, não achou.
- Ela é uma das mulheres mais bonitas do país.

QUE / QUÊ

Que é pronome, conjunção, advérbio ou partícula expletiva. Nesses casos, por se tratar de monossílabo átono, não é acentuado:

- O que você pretende?
- Que beleza! Que bela atitude!
- Convém que o assunto seja discutido seriamente.
- Quase que me esqueço de avisá-lo.

Quê representa um monossílabo tônico. Isso ocorre quando é um pronome no final da frase, antes de um ponto.

- Afinal, você veio aqui fazer o quê?
- Você precisa de quê?
- Por quê?

POR QUE/POR QUÊ/PORQUE/PORQUÊ

Por que equivale a “por qual razão”, “por qual motivo”:

- Não sei por que você acha isso.
- Não é fácil saber por que a situação persiste em não melhorar.
- Por que você está falando assim comigo?

Quando *por que* surge no final da frase, imediatamente antes de um ponto, leva acento: *por quê*.

- - Ainda não terminou? Por quê?
- - Você ainda tem coragem de me perguntar por quê?
- - Claro. Por quê?

Porque é conjunção e equivale a “pois”, “já que”, “uma vez que”, “como”:

- Sei que há algo errado porque ninguém apareceu até agora.
- Penso assim porque fui ensinado assim.

Porquê representa um substantivo. Significa “causa”, “razão”, “motivo”:

- Dê-me ao menos um porquê para sua atitude.
- Não é fácil encontrar o porquê de toda essa confusão.

MAL / MAU

Mal pode ser conjunção, advérbio ou substantivo.

Quando conjunção, *mal* indica tempo:

- Mal você chegou, ela saiu.

Como advérbio, significa “irregularmente”, “erradamente”, “de forma inconveniente ou desagradável”. Opõe-se a bem:

- Já era esperado que ela se comportaria mal.
- A pessoa mal-intencionada procura o prejuízo dos que estão perto.
- O time jogou mal, mas conseguiu recuperar no final da partida.

Como substantivo, pode indicar “doença”, a ideia de “nativo” ou designar um valor moral:

- A dengue é um mal de que já nos havíamos livrado e que, devido às chuvas, voltou a atormentar nossos dias.
- O mal é que não se toma nenhuma atitude definitiva.
- No mundo em que vivemos, uma coisa é certa: o mal não compensa.

Mau é adjetivo. Significa “ruim”, “de má índole”, “de má qualidade”. Opõe-se a bom e apresenta a forma feminina má:

- Tratava-se de um mau contabilista.
- Aquele menino tem um coração mau.

ONDE / AONDE

Aonde indica ideia de movimento ou aproximação:

- Aonde ele vai?
- Aonde querem chegar com essas atitudes?
- Aonde devo passar para chegar até lá?
- Não sei aonde ir.

Onde indica o lugar em que se está ou em que se passa algum fato. Normalmente, refere-se a verbos que exprimem estado ou permanência:

- Onde ela está?
- Onde você vai ficar nas férias?

- Marque os lugares onde as pessoas vão ficar durante o show.
- Não sei onde vou procurar.

Atenção: não confunda onde com “na(o) qual”: “Era um belo sábado, uma noite muito agradável na qual (e não “onde”) um lobo uiva no alto da colina dos Andes, demonstrando estar solidário ou anunciando sua solidão.”

HÁ / A

Há: O verbo *haver* é usado em expressões que indicam tempo já transcorrido:

- Tudo aconteceu há dez anos.
- Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer.
- Tudo aconteceu faz dez anos.

A: Na indicação de fato futuro, emprega-se a preposição *a*, que, nesse caso, não pode ser substituída por “faz”:

- O lançamento do foguete ocorrerá daqui a três semanas.
- Partiriam dali a três horas.

ACERCA DE / HÁ CERCA DE

Acerca de significa “sobre”, “a respeito de”:

- Haverá uma reunião acerca das palestras já proferidas.

Há cerca de indica um período aproximado de tempo já transcorrido:

- O Brasil foi descoberto há cerca de quinhentos anos.

AFIM / A FIM DE

Afim é um adjetivo que significa “igual”, “semelhante”. Relaciona-se com a ideia de afinidade:

- Tiveram comportamentos afins durante os trabalhos de discussão.
- São pessoas afins.

A fim de surge na locução *a fim de*, que significa “para” e indica ideia de finalidade:

- Ele tentou contar inúmeras mentiras a fim de nos enganar.

SENÃO / SE NÃO

Senão equivale a “caso contrário”, ou “a não ser”:

- É bom que ela chegue a tempo, senão a viagem será cancelada.
- Não havia coisa alguma senão correr.

Se não surge em orações condicionais. Equivale a “caso não”:

- Se não houver competência, não ganharemos as eleições.

NA MEDIDA EM QUE / À MEDIDA QUE

Na medida em que indica uma causa. Equivale a “porque”, “já que”, “uma vez que”:

- O fornecimento de luz foi interrompido na medida em que os pagamentos não vinham sendo efetuados.
- Na medida em que os candidatos foram selecionados, minha esperança aumentou.

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a “à proporção que”:

- O crime foi sendo solucionado à medida que as investigações foram avançando.
- O sofrimento aumentava à medida que a doença ia se atraindo.

Observação: a forma “à medida em que” deve ser evitada, já que resulta da união das duas locuções já estudadas.

DEMAIS / DE MAIS

Demais pode ser advérbio de intensidade, com sentido de “muito”; aparece intensificando verbos, adjetivos ou outros advérbios:

- Aquilo nos deixou indignados demais.
- Estamos bem até demais.

Demais também pode ser pronome indefinido, equivalendo a “os outros”, “ao restantes”:

- Acabamos deixando aos demais a liberdade de escolha.
- Os demais membros do clube reivindicaram o aumento das mensalidades.

De mais opõe-se a *de menos*. Refere-se sempre a um substantivo ou pronome:

- Não vimos nada de mais em sua atitude.
- Haviam candidatos de mais para o número de vagas oferecido.

A PAR / AO PAR

A par tem o sentido de “bem informado”, “ciente”:

- Você precisa me manter a par de tudo o que acontece.
- É necessário manter-se a par das questões governamentais.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais):

- As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente ao par.

AO ENCONTRO DE / DE ENCONTRO A

Ao encontro de indica "ser favorável a", "aproximar-se de":

- Ainda bem que sua opinião veio ao encontro da minha.
- Quando ela o viu, foi rapidamente ao seu encontro.

De encontro a indica oposição, choque, colisão:

- Suas opiniões sempre vieram de encontro às minhas.
- O caminhão foi de encontro ao barranco.

EXERCÍCIOS

1. Complete as frases seguintes utilizando a forma apropriada dentre as que são oferecidas entre parênteses.

- a) Tenho muito o * fazer. (que/quê)
- b) É preciso de um * de louco para poder fazer isso. (que/quê)
- c) * você quer saber? É * sua curiosidade é maior que sua inteligência? (por que/porque/por quê/porquê)
- d) Você quer saber * ? Não lhe direi. (por que/porque/por quê/porquê)
- e) Resta ainda descobrir o * dessas declarações. É difícil entender * ela teria dito tudo aquilo. (por que/porque/por quê/porquê)
- f) * está seu orgulho? (onde/aonde)
- g) Irei * você quiser que eu vá. (onde/aonde)
- h) Não gosto muito dela, * tenho que admitir que é * inteligente do que eu supunha. (mais/mas)
- i) Comportou-se * durante a reunião. Não creio que seja * sujeito, porém. (mal/mau)
- j) Às vezes, penso que o * anda vencendo o bem de goleada neste nosso mundo. Isto é tão *. (mal/mau)
- l) *-humorados de todo o mundo: uni-vos! (mal/mau)
- m) Deixe-me * de tudo o que estiver acontecendo. (a par/ao par)
- n) Várias pessoas expuseram opiniões que vieram * minhas durante o debate, o que muito me animou. (ao encontro de/de encontro a)
- o) * anos não nos vemos. E só poderei reencontrá-la daqui * dois meses! (há/a)
- p) Nada sei * das manifestações que ocorrem no país * dois anos. (acerca/a cerca de)
- q) Já que temos ideias *, deveríamos trabalhar juntos. (a-fim/a fim)
- r) Não há nada * em gostar * de doces. (demais/ de mais)
- s) * se fizer alguma coisa, o país caminhará para o caos. E ainda há quem não faça nada * perseguir privilégios. (se não/senão)
- t) * caminhávamos, podíamos perceber a mudança da paisagem. (à medida que/na medida em que)
- u) A distribuição da renda melhorará * forem feitos investimentos voltados para o mercado interno. (à medida que/na medida em que)

EXERCÍCIOS DE REFORÇO

MÚLTIPLA ESCOLHA

(UNIFESP 2007) INSTRUÇÃO: O trecho do conto *Uns braços*, de Machado de Assis, é base para responder às questões de números 1 a 5.

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada. “Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais.”

Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.

Aguentava toda a trabalhadeira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava-se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma coisa. Rejeitou a ideia logo, uma criança! Mas há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra ideia não foi rejeitada, antes afagada e beijada. E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

1) De início, morar na casa de Borges era solitário e tedioso, o que levou Inácio a pensar em ir embora. Todavia, isso não aconteceu, sobretudo porque o rapaz:

- a) passou a ser mais bem tratado pelo casal após três semanas.
- b) teve uma educação que não lhe permitiria tal rebeldia.
- c) se pegou atraído por D. Severina, com o passar do tempo.
- d) gostava, na realidade, do trabalho que realizava com Borges.
- e) sentia que D. Severina se mostrava mais atenciosa com ele.

2) Analise as duas ocorrências:

... uma criança!
Criança?

Essas duas passagens mostram que:

- a) tanto os sentimentos de D. Severina como a sua razão mostravam-lhe que Inácio era ainda muito jovem para se dar às questões do amor.
- b) havia duas vozes na consciência de D. Severina: uma lhe proibía o desejo; outra o mostrava como possibilidade.
- c) D. Severina via Inácio como uma criança apenas, o que a perturbava muito, por sentir-se atraída por ele.
- d) D. Severina rejeitava qualquer possibilidade de uma relação com Inácio, já que não nutria nenhum sentimento pelo rapaz.
- e) havia um embate entre a consciência e a educação de D. Severina, o qual a impedia de aceitar o amor do rapaz.

3) Ao conceber-se bonita, D. Severina entendeu que

- a) era possível Inácio estar apaixonado por ela.
- b) sua beleza não era para ser desfrutada por uma criança.
- c) a traição a Borges seria um grande equívoco.
- d) Inácio, de fato, desejava vingar-se de Borges.
- e) o marido não a via assim, ao contrário de Inácio.

4) Quando se diz, ao final do texto, que D. Severina concluiu que sim, significa que ela reconheceu que

- a) deveria contar tudo a Borges.
- b) Inácio era um desastrado, de fato.
- c) estava enganada sobre o amor de Inácio.
- d) Inácio deveria ser advertido.
- e) Inácio começava a amá-la.

5) A expressão – um princípio de rascunho de buço – indica que o buço de Inácio

- a) mostrava-o homem formado.
- b) não podia ser visto.
- c) já estava bem evidente.
- d) era ainda incipiente.
- e) chamava muito a atenção.

(FUVEST 2007) Letra de canção para as questões 6 e 7

Sinal fechado

(...)

Me perdoe a pressa,
é a alma dos nossos negócios...

Oh, não tem de quê,
eu também só ando a cem...

(...)

Tanta coisa que eu tinha a dizer,
mas eu sumi na poeira das ruas...

Eu também tenho algo a dizer,
mas me foge à lembrança...

Por favor, telefone, eu preciso

[beber

alguma coisa rapidamente...

Pra semana...

O sinal...

Eu procuro você...

Vai abrir! Vai abrir!

Prometo, não esqueço...

Por favor, não esqueça...

Não esqueço, não esqueço...

Adeus...

(Paulinho da Viola / Juarez Machado)

6) No trecho da canção de Paulinho da Viola e nos quadinhos de Juarez Machado, representa-se um desencontro, cuja razão maior está:

- a) na eliminação dos desejos pessoais.
- b) nas imposições do cotidiano moderno.
- c) na falta de confiança no outro.
- d) na expectativa romântica das pessoas.
- e) no mecanismo egoísta das paixões.

7) O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita:

- a) interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.
- b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
- c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
- d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
- e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

(FUVEST 2002) Texto para as questões de 8 a 10

Business Intercontinental da Iberia.

Mais espaço entre as poltronas.
"Viajar virou sinônimo de relaxar. Principalmente quando você tem à sua disposição uma poltrona de design ergonômico com maior capacidade para reclinar e 132 cm de espaço entre a sua poltrona e a da frente. Além disso, você conta com mais de 300 salas VIP em aeroportos no mundo todo e pode acumular e utilizar pontos no seu programa de milhagens voando com qualquer linha aérea da aliança *oneworld*. Business Intercontinental da Iberia. Sorria."



8) Neste anúncio, a imagem fotográfica associa-se mais diretamente à palavra sorria e à expressão

- a) "mais de 300 salas VIP".
- b) "acumular e utilizar pontos".
- c) "mais espaço entre as poltronas".
- d) "aeroportos no mundo todo".
- e) "programa de milhagens".

9) No mesmo anúncio, a relação entre o texto verbal e a imagem fotográfica caracteriza-se principalmente

- a) pelo sarcasmo.
- b) pelo sentimentalismo.
- c) pela incoerência.
- d) pelo humor.
- e) pelo sensacionalismo.

10) Entre os recursos de persuasão empregados no texto verbal do anúncio, só NÃO ocorre o uso de

- a) termos técnicos.
- b) trocadilhos.
- c) apelo direto ao leitor.
- d) enumeração acumulativa de vantagens.
- e) expressões em inglês.

(UFPR 2004) Leia o texto abaixo e responda as questões 11 e 12 indicando se a alternativa é falsa ("F") ou verdadeira ("V")

Os conceitos de "público" e "privado" podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de "coletivo" e "individual".

Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.

Esta oposição extrema entre o público e o privado – como a oposição entre o coletivo e o individual – resultou num clichê, e é tão sem matizes e falsa como a suposta oposição entre o geral e o específico, o objetivo e o subjetivo. Tais oposições são sintomas da desintegração das relações humanas básicas. Todo mundo quer ser aceito, quer se inserir, quer ter um lugar seu. Todo comportamento na sociedade em geral é, na verdade, determinado por papéis, nos quais a personalidade de cada indivíduo é afirmada pelo que os outros vêem nele.

No nosso mundo, experimentamos uma polarização entre a individualidade exagerada, de um lado, e a coletividade exagerada, de outro. Coloca-se excessiva ênfase nestes dois pólos, embora não exista uma única relação humana que se concentre exclusivamente em um indivíduo ou em um grupo, ou mesmo que se concentre de modo exclusivo em todos os outros, ou seja, no "mundo externo". É sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, ou seja, é sempre uma questão de coletividade e indivíduo, um em face do outro.

(HERTZBERGER, H. *Lições de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 12.)

11) Segundo o texto, é correto afirmar:

- () Os conceitos de "público" e "privado" só podem ser entendidos em termos espaciais, ao contrário dos conceitos de "geral" e "específico".
- () Em termos espaciais e num sentido mais absoluto, os conceitos de "público" e "privado" podem ser entendidos como menor ou maior restrição de acesso a uma área.
- () Já que todos querem ser aceitos e inserir-se na sociedade, é preciso intensificar a oposição entre público e privado: com a polarização dos conceitos, evita-se o predomínio da subjetividade individualista e se prioriza a coletividade.
- () A oposição extrema entre os conceitos de "público" e "privado" é um reflexo da deterioração de relações humanas básicas; essa deterioração revela-se, por exemplo, na polarização entre individualidade exagerada e coletividade exagerada.
- () A oposição entre público e privado pode ser comparada à oposição entre coletivo e individual, e nem uma nem outra são verdadeiras e suficientemente definidas.

12) Indique a(s) alternativa(s) em que a reescrita do(s) trecho(s) do texto está de acordo com as normas do português padrão.

- () Públicas são áreas acessíveis a todos a qualquer momento e cuja manutenção é uma responsabilidade assumida coletivamente.
- () É privado as áreas aonde o acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa.
- () Estas oposições extremas entre o público e o privado, o coletivo e o individual, resultou num clichê.
- () Podem-se interpretar os conceitos de "público" e "privado" como a tradução em termos espaciais de "coletivo" e "individual".
- () Todo comportamento na sociedade em geral é, na verdade, determinado por papéis, cuja personalidade de cada indivíduo é afirmada pelo que os outros vêem nele.

13) (UFPR 2004) Que alternativa(s) estabelece(m) relações lógicas coerentes entre as informações abaixo? Indique se a alternativa é falsa (“F”) ou verdadeira (“V”).

a) A remodelação do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906, seguiu três eixos básicos: a reforma do porto, o saneamento e a reurbanização.

b) Tais ações foram celebradas como passos em direção ao progresso.

c) Essas ações criaram uma realidade urbana diferente da esperada, propiciando a multiplicação das favelas.

(Adaptado, Guia do professor, 1999)

() As ações de remodelação do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906, cujos eixos básicos foram a reforma do porto, o saneamento e a reurbanização, embora tenham sido celebradas como passos em direção ao progresso, criaram uma realidade urbana diferente da esperada, pois propiciaram a multiplicação das favelas.

() A reforma do porto, o saneamento e a reurbanização, eixos básicos de remodelação do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906, foram celebrados como passos em direção ao progresso, pois propiciaram a multiplicação das favelas, criando uma realidade urbana diferente da esperada.

() A multiplicação das favelas, propiciada, entre 1903 e 1906, pela remodelação do Rio de Janeiro a partir de três eixos básicos – a reforma do porto, o saneamento e a reurbanização –, foi celebrada como um passo em direção ao progresso, produzindo uma realidade urbana diferente da esperada.

() Celebrados como passos em direção ao progresso, a reforma do porto, o saneamento e a reurbanização, eixos básicos da remodelação do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906, acabaram criando uma realidade urbana diferente da esperada, propiciando a multiplicação das favelas.

() Criando uma realidade urbana diferente da esperada, a reforma do porto, o saneamento e a reurbanização, eixos básicos das ações de remodelação do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906, apesar de celebrados como passos em direção ao progresso, propiciaram a multiplicação das favelas.

(UFPR 2004) Leia o texto abaixo e responda a questão 14:

Falsamente crítico, é torpemente conservador. Saudado por intenso marketing e elogios no jornal, o programa levou a uma das três grandes redes o ex-VJ da MTV Marcos Mion para pretensamente satirizar a estupidez apelativa da atual tevê brasileira. É uma nobre tarefa para o horário "nobre", já que o alvo é o público jovem representado em sua plateia, mas o efeito acaba sendo o inverso.

Se parece desgastada a fórmula de dar a palavra aos adolescentes e fazê-los sempre discutir sexo, namoro, vestibulares, música (*Erótica MTV*, *Programa Livre*, o antigo *Matéria Prima*, etc.), se alguns não toleram mais ouvi-los sobre temas como cidadania, Mion não faz melhor quando, zombando desse formato ("jovem tem que falar", "tem que ter debate"), reserva-lhes a posição de meros macacos de auditório e algumas situações degradantes.

Infelizmente, em muitos adolescentes brasileiros é notória a dificuldade de expressão verbal, pasteurizada num patótipo suburbano, que com frequência torna exasperador escutá-los. Mas a atitude de Mion, falando português idêntico ao do jovem público que espezinha, não estimulando nada além de anuência de berros e gestos, só faz ratificar, com seu exemplo, uma situação que toda ação transformadora, como a educação e a cultura, com o concurso de vários meios, inclusive a televisão, deseja eliminar.

(OLIVA NETO, 2002.)

14) Indique se a alternativa é falsa (“F”) ou verdadeira (“V”) em relação ao texto:

() Programas como *Erótica MTV* e *Programa Livre*, ao contrário do programa de Mion, zombam dos adolescentes, reservando-lhes a posição de meros macacos de auditório.

() O programa de Marcos Mion, ao valorizar a capacidade de comunicação dos adolescentes, alcança seu objetivo de satirizar programas apelativos da TV brasileira.

() O programa de Mion corrige, com seu exemplo, a situação criada por outros programas direcionados a adolescentes.

() O programa de Mion opõe-se a uma ação transformadora pautada na educação e na cultura, sendo, por isso, caracterizado como conservador e falsamente crítico.

() A atitude de Mion não vai além de aprovar a manifestação que os adolescentes fazem por meio de berros e gestos, tornando o programa culturalmente tão pobre quanto os outros que pretende satirizar.

15) (PROVA AFTN/RN 2005) Assinale a opção em que a estrutura sugerida para preenchimento da lacuna correspondente provoca defeito de coesão e incoerência nos sentidos do texto.

A violência no País há muito ultrapassou todos os limites. ____1____ dados recentes mostram o Brasil como um dos países mais violentos do mundo, levando-se em conta o risco de morte por homicídio.

Em 1980, tínhamos uma média de, aproximadamente, doze homicídios por cem mil habitantes. ____2____, nas duas décadas seguintes, o grau de violência intencional aumentou, chegando a mais do que o dobro do índice verificado em 1980 – 121,6% –, ____3____, ao final dos anos 90 foi superado o patamar de 25 homicídios por cem mil habitantes. ____4____, o PIB por pessoa em idade de trabalho decresceu 26,4%, isto é, em média, a cada queda de 1% do PIB a violência crescia mais do que 5% entre os anos 1980 e 1990.

Estudos do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostram que os custos da violência consumiram, apenas no setor saúde, 1,9% do PIB entre 1996 e 1997. ____5____ a vitimização letal se distribui de forma desigual: são, sobretudo, os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que têm pago com a própria vida o preço da escalada da violência no Brasil.

- a) 1 – Tanto é assim que
- b) 2 – Lamentavelmente
- c) 3 – ou seja
- d) 4 – Simultaneamente
- e) 5 – Se bem que

QUESTÕES DISCURSIVAS

16) (UFPR 2004) Resuma o texto abaixo utilizando, no máximo, 10 linhas.

Criação ou descoberta?

Fala-se muito no grande abismo entre ciência e arte, a primeira lógica, objetiva, enquanto a segunda é intuitiva, subjetiva. O poeta inglês John Keats acusou seu conterrâneo Isaac Newton de ter "desfiado o arco-íris" com suas explicações físicas sobre a difração da luz. Ou seja, explicar racionalmente algo de belo que existe no mundo é insultar a sua existência, tirar a sua poesia. (...)

Nós criamos ou descobrimos a ciência? Será que as nossas teorias e os nossos teoremas estão codificados de algum modo na natureza e tudo o que faz um cientista é "descobri-los", levantar a coberta que os esconde, revelando seu significado? Ou será que os criamos, usando nossa intuição, observação e lógica? Complicada essa pergunta. (...) Se fosse prudente, parava por aqui, citando a minha sábia avó, que dizia que "criar é coisa de Deus, e descobrir é coisa de gente". Mas por que não tentar inverter isso, fazer do homem criador e não só criatura? Afinal, descobrir é emocionante, mas bem mais passivo do que criar. (...)

O artista é o criador, ele ou ela dá existência a algo que não existia, enquanto o cientista é o descobridor, aquele que revela o significado oculto das coisas, sem criá-las. Beethoven *criou* a sua Nona Sinfonia, certo? Ela não existia antes de ele existir. Já Newton *descobriu* as três leis do movimento – elas estavam lá, escondidas na natureza, esperando para serem reveladas pela mente certa.

Muita gente pode se contentar com essa explicação e dar o caso por encerrado. Mas eu não. Para mim, a ciência é uma criação, tão criação quanto uma obra de arte. O fato de arte e ciência obedecerem a critérios de validade diferentes, de a ciência ter uma aceitação baseada no método científico, que provê meios para que teorias sejam testadas frente a observações, não muda a minha opinião. Ciência é criação do homem, fruto de nossos cérebros e de nosso modo de ver o mundo. Para entender isso, basta examinar um exemplo de sua história.

Aristóteles dizia que a gravidade vinha da tendência dos corpos de voltarem ao seu lugar de origem: uma pedra caía no chão porque foi de lá que ela tinha vindo. Newton, no século 17, propôs que a gravidade era uma força entre quaisquer corpos materiais, com intensidade proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado de sua distância. Einstein, em 1916, disse que a gravidade vem da curvatura do espaço em torno de um corpo maciço, reduzindo-o a um efeito geométrico.

Todas essas teorias foram propostas para explicar os mesmos fenômenos. Imagino que Einstein não terá a última palavra: a gravidade será explicada de formas diferentes, na medida em que o conhecimento científico avançar. Junto com novas tecnologias e novos conceitos surgem novas representações do mundo natural. Pode-se descobrir um novo fenômeno, mas sua explicação é criada. (...)

A visão científica, como a artística, está em constante transformação. Ciência é uma construção humana, criada para que possamos compreender o mundo em que vivemos. O que se descobre são novos modos de criar.

(Adaptado de: GLEISER, Marcelo. *Folha, Mais!*, 2003.)

17) (UFPR 2004) Considere os seguintes trechos de entrevistas:

Entrevista com a escritora Susan Sontag.

Exposição demais à violência por meio de fotos e imagens de televisão pode levar as pessoas à indiferença e à passividade?

Susan – Essa foi uma ideia que comecei a discutir nos anos 70, quando escrevi meu primeiro ensaio sobre fotografia, e que senti a necessidade de retomar agora. Naquela época eu disse de maneira um tanto forte que as imagens poderiam, sim, nos tornar passivos. Hoje eu acredito que isso não é necessariamente verdade. As coisas só acontecem dessa maneira se a mensagem que acompanha a imagem for a de que nada pode ser feito. Se a mensagem subliminar for "sim, tudo é horrível, mas interferir está fora de nossas possibilidades", aí ela leva você à passividade. E é preciso estar alerta também para a compaixão e a simpatia fácil que as imagens de sofrimento nos provocam. (...) Esse tipo de surpresa é uma espécie de clamor de inocência, um alibi. Precisamos sempre questionar o papel da compaixão quando vemos algo terrível que está acontecendo longe de nós. Se não carregar consigo a ideia de que as coisas podem mudar, talvez você se torne realmente passivo e comece a pensar na realidade como um espetáculo.

(ago. 2003.)

Entrevista com o cineasta Steven Spielberg.

O que o senhor acha da tese de que a violência no cinema e na televisão estimula o público a agir da mesma forma?

Spielberg – Acho correta. Assistir à violência no cinema ou em programas de TV estimula muito mais os espectadores a imitar o que vêem do que assistir a ela ao vivo ou nos telejornais. No cinema, a violência é filmada com iluminação perfeita, em cenas espetaculares, em câmera lenta, tornando-se até romântica. Já no noticiário o público tem uma percepção muito melhor de como a violência pode ser horrível e usada com finalidades que não existem no cinema.

(set. 2003.)

Em um texto de até 10 linhas, compare os pontos de vista de Susan Sontag e Steven Spielberg sobre os efeitos da exposição do público a imagens de violência.

18) (UFPR 2007) A literatura, entre muitas coisas, é também uma maneira de se pensar o mundo. Nos poemas abaixo, encontramos visões diferentes que mantêm relações intertextuais. Em um texto de até 10 linhas, interprete, referindo-se a elementos dos dois textos, a *Pasárgada* de Millôr Fernandes.

Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

(Manuel Bandeira. *Meus Poemas Perdidos*.
S. Paulo: Ediouro.)

Que Manuel Bandeira me perdoe, mas

VOU-ME EMBORA DE PASÁRGADA

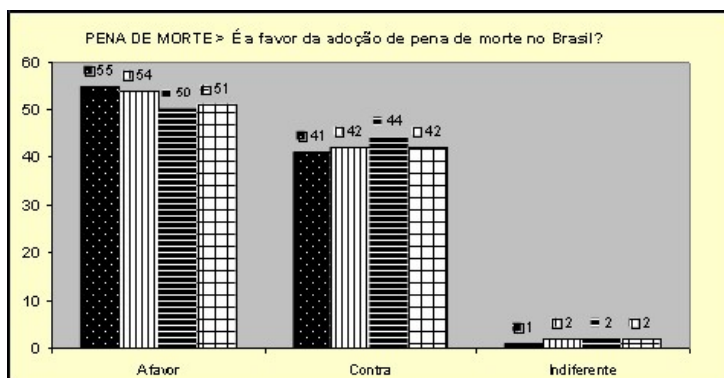
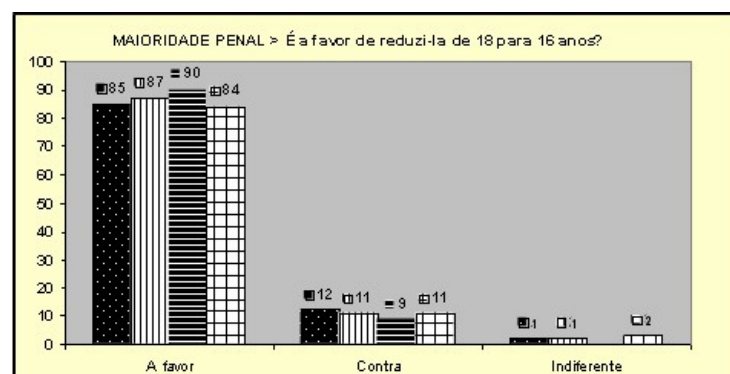
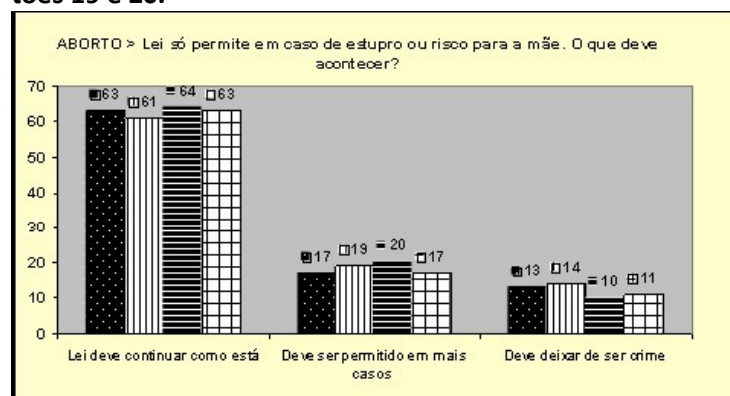
Vou-me embora de Pasárgada
Sou inimigo do Rei
Não tenho nada que eu quero
Não tenho e nunca terei

Vou-me embora de Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
A existência é tão dura

As elites tão senis
Que Joana, a louca da Espanha,
Ainda é mais coerente
do que os donos do país.

(Millôr Fernandes. Folha de S. Paulo, mar. 2001.)

(UFPR 2007) Observe os gráficos para responder as questões 19 e 20.



Uma pesquisa Datafolha, divulgada na Folha de São Paulo em 13 de agosto de 2006, investigou como o brasileiro se situa politicamente. Os resultados mostraram que 47% dos eleitores se definiram como sendo de direita (capitalistas fascistas ou neoliberais), 30% de esquerda (socialistas, social-democratas) e 23% de centro (capitalistas liberais-reformistas). As pessoas pesquisadas ainda se manifestaram sobre assuntos polêmicos, como aborto, maioria penal e pena de morte. O resultado sobre esses três temas, conforme se vê nos gráficos acima, foram tabulados de acordo com o perfil político dos entrevistados.

19) Tendo em vista que a direita foi sempre associada a um perfil conservador e a esquerda a um perfil progressista, escreva um texto comparando o perfil da esquerda e o da direita brasileiras, tomando por base os resultados da pesquisa. Seu texto deverá ter de 10 a 12 linhas.

20) Fazendo referência aos resultados da pesquisa apresentada na questão anterior, escreva um parágrafo, de 4 a 6 linhas, que apresente uma conclusão coerente para o texto abaixo. Ao redigir o parágrafo, dê continuidade à frase que o inicia.

Segundo dados da Anistia Internacional, a cada ano três países, em média, têm abolido a pena de morte. E o ritmo parece estar aumentando. Só em 2004 foram cinco os países a tirar a pena capital de seus códigos penais. Entre eles, estão dois europeus: Grécia e Turquia – fato emblemático, que reforça as campanhas internacionais contra a punição. Essa tendência, na verdade, vem se confirmando desde o final da década de 1980. Nos últimos 15 anos, nada menos que 40 nações deixaram oficialmente de condenar pessoas à execução. Eram 116 em 1990, e hoje são 76. Ou seja, um terço do total de países adeptos da pena de morte desistiu de aplicá-la nesse período de menos de duas décadas, conforme os dados da Anistia... As punições chinesas, somadas às penas de morte levadas a cabo no Irã, no Vietnã e nos Estados Unidos, representam 97% do total mundial.

(*Terra* no 158, jun. 2005.)

Se o Brasil viesse a adotar a pena de morte,

(UFJF 2006) Leia, com atenção, os fragmentos abaixo, selecionados, com adaptação, do texto **Literatura e Subdesenvolvimento**, de Antônio Cândido, publicado em *A Educação pela noite e outros ensaios* (São Paulo: Ática, 1987, pp. 140-162). Depois, responda as questões 21, 22 e 23.

“(...) Se pensarmos nas condições materiais de existência da literatura, o fato básico talvez seja o analfabetismo, que nos países de cultura pré-colombiana adiantada é agravado pela pluralidade linguística ainda vigente, com as diversas línguas solicitando o seu lugar ao sol. Com efeito, ligam-se ao analfabetismo as manifestações de debilidade cultural: falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais); inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, devido ao pequeno número de leitores reais (muito menor que o número já reduzido de alfabetizados); impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, geralmente realizadas como tarefas marginais ou mesmo amadorísticas; falta de resistência ou discriminação em face de influências e pressões externas. O quadro dessa debilidade se completa por fatores de ordem econômica e política, como os níveis insuficientes de remuneração e a anarquia financeira dos governos, articulados com políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas. Salvo no tocante aos três países meridionais que formam a ‘América Branca’ (no dizer dos europeus), tem sido preciso fazer revoluções para alterar as condições de analfabetismo predominante, como foi o caso lento e incompleto do México e o caso rápido de Cuba.

Os traços apontados não se combinam mecanicamente e sempre do mesmo modo, havendo diversas possibilidades de dissociação e agrupamento entre eles. O analfabetismo não é sempre razão suficiente para explicar a fraqueza de outros setores, embora seja o traço básico do subdesenvolvimento no terreno cultural. (...) Nas metrópoles que ainda hoje têm áreas subdesenvolvidas (Espanha e Portugal), a literatura foi e continua sendo um bem de consumo restrito, em comparação com os países plenamente desenvolvidos, onde os públicos podem ser classificados pelo tipo de leitura que fazem, e tal classificação permite comparações com a estratificação de toda a sociedade. Mas tanto na Espanha e em Portugal quanto em nossos países cria-se uma condição negativa prévia, o número de alfabetizados, isto é, os que podem eventualmente constituir os leitores das obras. Esta circunstância faz com que os países latino-americanos estejam mais próximos das condições virtuais das antigas metrópoles do que, em relação às suas, os países subdesenvolvidos da África e da Ásia, que falam idiomas diferentes dos falados pelo colonizador e enfrentam o grave problema de escolher o idioma em que deve manifestar-se a criação literária.

(...) Isto é dito para mostrar que são maiores as possibilidades de comunicação do escritor latino-americano no quadro do Terceiro Mundo, apesar da situação atual, que reduz muito os seus públicos eventuais. No entanto, é também possível imaginar que o escritor latino-americano esteja condenado a ser sempre o que tem sido: um produtor de

bens culturais para minorias, embora no caso estas não signifiquem grupos de boa qualidade estética, mas simplesmente os poucos grupos dispostos a ler. Com efeito, não esqueçamos que os modernos recursos audiovisuais podem motivar uma tal mudança nos processos de criação e nos meios de comunicação, que quando as grandes massas chegarem finalmente à instrução, quem sabe irão buscar fora do livro os meios de satisfazer as suas necessidades de ficção e poesia.

Dizendo de outro modo: na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhando numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história em quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura, como a concebemos aqui; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada.

No tempo da catequese os missionários coloniais escreviam autos e poemas, em língua indígena ou em vernáculo, para tornar acessíveis ao catecúmeno os princípios da religião e da civilização metropolitana, por meio de formas literárias consagradas, equivalentes às que se destinavam ao homem culto de então. Em nosso tempo, uma catequese às avessas converte rapidamente o homem rural à sociedade urbana, por meio de recursos comunicativos que vão até à inculcação subliminar, impondo-lhe valores duvidosos e bem diferentes dos que o homem culto busca na arte e na literatura.

Aliás, este problema é um dos mais graves nos países subdesenvolvidos, pela interferência maciça do que se poderia chamar o *know-how* cultural e dos próprios materiais já elaborados de cultura massificada, provenientes dos países desenvolvidos. Por este meio, tais países podem não apenas difundir normalmente os seus valores, mas atuar anormalmente através deles para orientar a opinião e a sensibilidade das populações subdesenvolvidas no sentido dos seus interesses políticos. É *normal*, por exemplo, que a imagem do herói de *far-west* se difunda, porque, independente dos juízos de valor, é um dos traços da cultura norteamericana incorporado à sensibilidade média do mundo contemporâneo. Em países de larga imigração japonesa, como o Peru e sobretudo o Brasil, está-se difundindo de maneira também *normal* a imagem do *samurai*, sobretudo por meio do cinema. Mas é *anormal* que tais imagens sirvam de veículo para inculcar nos públicos dos países subdesenvolvidos atitudes e ideias que os identifiquem aos interesses políticos e econômicos dos países onde foram elaboradas. Quando pensamos que a maioria dos desenhos animados e das histórias em quadrinhos são de *copyright* norteamericano, e que grande parte da ficção policial e de aventura vem da mesma fonte, ou é decalcada nela, é fácil avaliar a ação negativa que podem eventualmente exercer, como difusão *anormal* junto a públicos inermes.

A este respeito convém assinalar que na literatura erudita o problema das influências pode ter um efeito estético bom, ou deplorável; mas só por exceção repercute no comportamento ético ou político das massas, pois atinge um número restrito de públicos restritos. Porém, numa civilização massificada, onde predominem os meios não-literários, paraliterários ou sublitterários, como os citados, tais públicos restritos e diferenciados tendem a se uniformizar até o ponto de se confundirem com a massa, que recebe a influência em escala imensa. E, o que é mais, por meio de veículos onde o elemento estético se reduz ao mínimo, podendo confundir-se de maneira indiscernível com desígnios éticos ou políticos, que, no limite, penetram na totalidade das populações. (...)”

21) O trecho selecionado do texto *Literatura e Subdesenvolvimento*, de Antônio Cândido, apresenta uma tese sobre a cultura de massa.

a) **Identifique** a tese.

b) **Cite dois argumentos** utilizados para sustentar essa tese.

Leia novamente o fragmento selecionado abaixo, para responder as questões 22 e 23.

“(...) Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura, como a concebemos aqui; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada. No tempo da catequese os missionários coloniais escreviam autos e poemas, em língua indígena ou em vernáculo, para tornar acessíveis ao catecúmeno os princípios da religião e da civilização metropolitana, por meio de formas literárias consagradas, equivalentes às que se destinavam ao homem culto de então.

Em nosso tempo, uma catequese às avessas converte rapidamente o homem rural à sociedade urbana, por meio de recursos comunicativos que vão até à inculcação subliminar, impondo-lhe valores duvidosos e bem diferentes dos que o homem culto busca na arte e na literatura. (...)”

(4º parágrafo)

22) O autor afirma que o aumento no número de alfabetizados no Brasil não se refletirá, obrigatoriamente, no aumento do número de leitores da literatura. Explique, de maneira concisa, uma possível contradição na afirmação destacada.

23) Antônio Cândido utiliza o termo “catequese” em dois contextos, conforme destacado no fragmento acima. **Explique o significado do termo nos dois contextos.**

Contexto1:

Contexto 2:

(UFJF 2006) Leia, com atenção, os fragmentos selecionados da reportagem **Para construir leitores**, de Antônio Arruda, publicada na **Folha de S. Paulo**, em sua edição de 28 de setembro de 2004, **para esponder às questões 24 e 25.**

“Ele já ajudou a construir centenas de casas, mas talvez nenhuma como a dele próprio, com 40 mil livros e um nome, Biblioteca Comunitária Tobias Barreto, localizada no bairro de Vila da Penha, no Rio de Janeiro. O pedreiro sergipano Evando dos Santos, 40, declamou poesias enquanto era entrevistado e, além do autor preferido _ o que deu nome à casa-biblioteca _, falou de Pablo Neruda, Che Guevara, Machado de Assis, Voltaire, Ramsés, Dom Pedro, Gabriela Mistral e Aluísio Azevedo. “Livro para mim é vida”.

Evando estudou na roça, na cidade de Aquidabã (SE), até o que ele acredita ser o segundo ano do ensino fundamental. “Quando eu ouvia falarem de língua portuguesa, pensava que portuguesa era uma pessoa, acredita?” Como não havia livros em sua casa e ele deixou cedo a escola, a possibilidade de que surgisse alguma intimidade com a leitura era remota. “Meu único contato era com a literatura de cordel, que eu ouvia nas ruas”, conta.

Apesar das condições contrárias e da pouca educação formal, a erudição do pedreiro e sua história são uma rara exceção no universo da leitura no Brasil _ Evando lê cerca de dez livros por mês, o que o coloca muito acima da média de leitura dos brasileiros, que é de 1,8 livro por pessoa, por ano, de acordo com a CBL (Câmara Brasileira do Livro). (...)

Por não ter frequentado a escola o quanto deveria e por não ter tido o estímulo para a leitura dentro de casa, Evando é um contra-exemplo. Segundo os especialistas ouvidos pela reportagem, o gosto e o interesse pelos livros são adquiridos socialmente, apesar de a leitura ser um ato individual. (...)

Para Vera Masagão, da ONG Ação Educativa, o principal ambiente em que as pessoas podem ser acostumadas ao universo da leitura é a escola, “com todas as deficiências que ela tem”. Ao lado dela, está a família. “Quem nasceu em uma família de leitores, independentemente do poder aquisitivo dessa família, tem muita chance de se tornar um grande apreciador dos livros”, acredita o presidente do Instituto Brasil Leitor, William Nacked. Um dado do Inaf (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional) parece sustentar essa opinião: a mãe é indicada por 41% dos entrevistados como uma das duas pessoas que mais influenciam o gosto pela leitura - professores são citados por 36%, e o pai, por 24%. (...)”

24) Considerando a reportagem de Antônio Arruda:

a) **explique** a maneira pela qual Evando é um contra-exemplo no universo de leitores brasileiros.

b) **comente** a atitude de Evando em abrir uma biblioteca, **considerando os argumentos colocados no texto de Antônio Cândido** (texto das questões 21, 22 e 23): essa iniciativa é suficiente para reverter o quadro de “subdesenvolvimento literário” no Brasil?

25) Com base na leitura dos fragmentos do texto de Antônio Cândido e da reportagem de Antônio Arruda, apresente 3 (três) elementos importantes na formação do quadro de leitores de literatura.

1)

2)

3)

(UFJF 2006) Leia, com atenção, o poema **Quadrilha**, de Carlos Drummond de Andrade, publicado no livro *Alguma poesia* (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 24).

QUADRILHA

JOÃO AMAVA Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

26) Com base na leitura do poema, discuta a **concepção de amor** em Drummond.

27) Leia o seguinte poema:

Não te amo mais
Estarei mentindo dizendo que
Ainda te amo como sempre quis
Tenho certeza que
Nada foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
Eu te amo!
Sinto, mas tenho que dizer a verdade
É tarde demais...

Anônimo

Leia o poema novamente, mas agora faça-o do final para o início.

a) O que você pôde perceber de alteração quanto ao sentido do poema?

b) Crie um título adequado ao poema da forma como ele foi apresentado.

c) Crie outro título para o poema lido da outra forma.

28) Complete os espaços em branco:

a) "A derrota na Guerra Fria da União Soviética, no início da década de 90, foi interpretado como o fim do socialismo. Entretanto, _____

_____.
Assim, ao contrário das opiniões dos defensores do capitalismo, a História ainda não acabou e futuro ainda é uma incógnita".

b) "A medicina alopática cura com eficiência, mas, por vezes, provoca danos ao organismo. Um exemplo disso é o uso de radioterapia no tratamento do câncer, que, ao destruir as células malignas, também elimina muitas das saudáveis. Desta _____ maneira, _____ a _____ homeopatia

_____.
A medicina, por conseguinte, vive um impasse: a cura rápida e, muitas vezes, maléfica para a integridade do organismo; ou, soluções farmacêuticas mais lentas e, talvez, mais naturais".

29) (UFPR 2004) Leia o texto abaixo para responder a questão

Rei morto, rei posto. As cinco grandes da indústria mundial do disco – EMI, BMG, Universal, Warner e Sony – estão definhando. Os prejuízos se acumulam ano a ano. Pirataria, MP₃ pela Internet e contrabando descontrolado combinaram-se de modo perverso para jogar as grandes do disco na rua da amargura. Mas há um ingrediente essencial, a burrice de seus executivos, que é preciso acrescentar. Em desespero, preferem jogar a culpa no consumidor, que não está mais comprando seus discos caros, a fazer uma autocrítica.

Tempos bicudos, de acusações mútuas, em que se procura desesperadamente uma saída. Mas uma análise dos segmentos de música clássica e de jazz mostra luzes no fim deste túnel. Luzes que não incluem necessariamente as cinco *majors*. O negócio da música está se reinventando. Acontece que os executivos das grandes gravadoras raciocinam marqueteiramente, olhando para o passado feliz. Em vez de retirar lições da cena clássica e do jazz, hoje em grande transformação estrutural, eles covardemente continuam caçando sucessos de venda planetários, como Andrea Bocelli, que já vendeu mais de 40 milhões de cópias.

(COELHO, João Marcos. *Bravo*, abr. 2002.)

Redação

Esse texto inicia com um provérbio que sintetiza o fato ressaltado em seguida. Seguindo o mesmo modelo, escolha um dos provérbios abaixo e narre um fato ou relate um episódio, utilizando no máximo 15 linhas, que seja coerente com a interpretação do provérbio escolhido. Evite utilizar o mesmo tema do texto acima.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Cada macaco no seu galho.